

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

EMANUELLE DE SOUZA SILVA ALMEIDA

**DEMÊNCIA DE ALZHEIMER: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA
REFERENCIAÇÃO DÊITICA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2013

EMANUELLE DE SOUZA SILVA ALMEIDA

**DEMÊNCIA DE ALZHEIMER: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA
REFERENCIAÇÃO DÊITICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Patologias da Linguagem

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Ivone Panhoca.

Coorientadora: Prof^ª Dr^ª Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2013

Almeida, Emanuelle de Souza Silva.

A446 Demência de Alzheimer: a constituição do sujeito através da referenciação dêitica/ Emanuelle de Souza da Silva Almeida. V. da Conquista, 2012.

112 p.: il.; 30cm.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2012. Orientadora Profª. Dª Ivone Panhoca, Co-orientadora: Profª. Drª. Nirvana Ferraz Santos Sampaio.

1.Sujeito – Linguagem 2.Referênciação dêitica 3.Enunciação 4.Subjetividade I.Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título

CDD – 410

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana - CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Alzheimer's dementia: constitution of individuals through deictic referencing

Palavras-chave em inglês: Individual; Language; Deictic Referencing; Enunciation; Subjectivity.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Ivone Panhoca (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio (coorientadora-UESB); Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (UESB); Profa. Dra. Fernanda Maria Pereira Freire (UNICAMP).

Data da defesa: 22 de fevereiro de 2013.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

EMANUELLE DE SOUZA SILVA ALMEIDA

**DEMÊNCIA DE ALZHEIMER: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA
REFERENCIAÇÃO DÊITICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 22 de fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ivone Panhoca (UESB)
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
(Coorientadora)



Prof.^a Dr.^a Edvania Gomes da Silva (UESB)



Prof.^a Dr.^a Fernanda Maria Pereira Freire (UNICAMP)

*Ao meu marido, Marcelo e a minha filha,
Fernanda Marcelle. Com quem eu vivo o
AMOR e celebro a FELICIDADE!*

AGRADECIMENTOS

A Tí, senhor meu Deus, toda honra e toda glória! EuTe agradeço por Seu amor imensurável, por estar sempre presente em minha vida, me abençoando, me orientando e me livrando de todo mal. Obrigada, meu Deus, pela família maravilhosa que o Senhor me deu e que Tu proteges com todo cuidado. Muito obrigada por ter me concedido mais uma vitória. Por tudo isso e muito mais eu Te glorifico, Senhor.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin) pela oportunidade de imersão nos estudos científicos em torno da linguagem, principalmente na linha de pesquisa Aquisição e Patologia da Linguagem.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pela liberação e financiamento. Uma grande instituição sabe cuidar de seus colaboradores e UESB é um grande exemplo disso. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa equipe. Muito obrigada pelo apoio e incentivo.

A minha orientadora professora Dr^a Ivone Panhoca, agradeço-lhe pelas leituras, orientações, conversas ao telefone, enfim, obrigada pela confiança.

A minha coorientadora professora Dr^a Nirvana Ferraz. Mulher forte, porém delicada. Muito obrigada pelo acompanhamento, orientações, por querer sempre que eu apresentasse o meu melhor. Ficaré o carinho e o respeito, além do exemplo de profissionalismo. Serei eternamente grata.

Aos demais professores e funcionários do Mestrado, em especial, as professoras Dr^a Carla Saleti e Dr^a Edvânia Santos pelas importantes palavras no momento da qualificação.

Ao meu marido e porto seguro, Marcelo. O homem mais incrível que eu conheço. Muito obrigada, meu amor, por seu apoio e incentivo na realização desse sonho. Você acreditou em mim muito mais que eu mesma. Eu não teria chagado até aqui sem você ao meu lado. Eu te amo.

A minha princesa linda, Fernandinha. Pelo amor e carinho que tens a mim dedicado. Por compreender minhas ausências em minhas idas e vindas entre Jequié e Vitória da Conquista. Muitas vezes, eu tive que reduzir nossos momentos de lazer por conta da minha pesquisa e você, mesmo sem entender direito, aceitou com carinho e tranquilidade. Perdoe-me por minhas falhas e receba todo o meu amor.

Aos meus pais e irmãos pelo carinho, incentivo e confiança. Muito obrigada por acreditarem e por terem orgulho de mim. Amo muito vocês.

A minha amiga-irmã Jaqueline Almeida por ter me informado sobre o início das inscrições do processo seletivo, por incentivar, por sonhar junto comigo, pela parceria e amizade. Muito obrigada, Básica, por sua amizade sincera.

A Rita de Cássia, pela generosidade de seu acolhimento. E por contribuir com que minha angústia de solidão fosse amenizada com “dois dedinhos de prosa”.

Ao sujeito MP e sua família. Pela confiança, simpatia e pela amizade. Você, MP, me ensinou muito sobre a vida. Muito obrigada.

Aos meus colegas do mestrado, em especial a doce Iva Cota. O meu anjo na cidade de Vitória da Conquista, muito obrigada pelo apoio, carinho e amizade. Você e sua família moram em meu coração.

Aos meus sogros, cunhados e amigos, muito obrigada pelo carinho e cuidado.

As grandes mulheres Lúcia (mainha) e Iraci (minha sogra), por cuidar do maior tesouro que tenho nos meus momentos de ausência.

A Banca Examinadora, pela gentileza de ter participado da defesa, proporcionando críticas e sugestões que enriqueceram o meu trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração dessa pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa acerca da constituição do sujeito com Demência de Alzheimer (DA) através da linguagem. Para tanto, a referenciação dêitica assumiu o foco da pesquisa por se configurar, de acordo com nossas hipóteses, como um lugar primoroso onde a fala do sujeito acometido por uma patologia neurodegenerativa, que afeta o córtex cerebral, apresenta-se ao interlocutor de maneira ‘esgarçada’, causando certo estranhamento. Neste estudo, concebemos a linguagem como atividade que ‘dá forma’ às experiências humanas (FRANCHI, 1977), onde a língua e a memória assumem um caráter social, constituídas através de aspectos sócio-históricos (VYGOTSKY, 1988). Nosso posicionamento ancora-se na Teoria da Enunciação, postulada por Émile Benveniste (1966; 1974), por entender que a referenciação é um elemento integrante da enunciação, ou seja, enquanto esta é definida como a apropriação que o locutor faz da língua para falar uma relação do sujeito com a língua, tornada discurso, aquela é concebida como um processo que o locutor utiliza para expressar a sua forma particular de retratar o mundo circundante. Esses processos configuram-se como um conjunto de formas cujo papel é estabelecer uma relação enunciativa discursiva entre os interlocutores em seu espaço social. Dessa forma, a dêixis efetiva-se enquanto contemporânea da instância do discurso que tem indicador de pessoa. Com isso, através do processo interativo, desvelam-se os índices de subjetividade. Para refletirmos sobre essa temática, fizemos um estudo qualitativo, através de uma abordagem transversal, onde os dados coletados foram extraídos de recortes da narrativa da história de vida do sujeito MP, brasileiro, casado, 79 anos de idade, ex-operário e ex-pedreiro, que recebeu o diagnóstico de Demência de Alzheimer no ano de 2010. Os dados encontrados nos mostram que o sujeito MP consegue utilizar seu material verbal, ancorado na referenciação dêitica apresentada em sua narrativa, produz sentido e, conseqüentemente, marca sua subjetividade, apresentando-se enquanto sujeito da linguagem de forma competente.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem. Referenciação Dêitica. Enunciação. Subjetividade.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a survey about the constitution of individuals with Alzheimer's dementia (AD) through language. Therefore, the deictic referencing assumed the focus of research up becoming, according to our hypothesis, as a place where the speech of the subject affected by a neurodegenerative condition that affects the cerebral cortex, is presented to the caller so 'frayed', causing certain strangeness. In this study, we conceive language as an activity that 'shapes' human experiences (FRANCHI, 1977), where language and memory assume a social character, constituted through socio-historical (Vygotsky, 1934). Our position is anchored in Enunciation Theory, postulated by Émile Benveniste (1966, 1974), understanding the referral as an integral element of the utterance, i.e., while the this is defined as ownership that makes the speaker of the language to talk - a subject's relation to language, speech made - that is conceived as a process that uses the speaker to express his particular way of portraying the surrounding world. These processes appear as a set of forms whose role is to establish a enunciative discourse relation between interlocutors and their social space. Thus, the deixis effectives up as contemporary instance of speech, which has one indicator. Thus, through the interactive process, unveil the indexes of subjectivity. To reflect on this theme, we did a qualitative study through a cross-sectoral approach, where data were collected clippings taken from the narrative of the life history of the individual MP, Brazilian, married, 79-year-old, former factory worker and former mason, who was diagnosed with Alzheimer's dementia in 2010. The data obtained show that the individual MP can use your verbal material, anchored in deictic referencing presented in his narrative, produces meaning and thus mark their subjectivity, presenting itself as the subject of language competently.

KEYWORDS

Language; DeicticReferencing; Enunciation; Subjectivity.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO I: O CAMINHAR METODOLÓGICO	18
1.1 O método	19
1.2 O sujeito.....	19
1.3 A coleta de dados e os encontros.....	21
1.4 O investigador como interlocutor.....	22
CAPÍTULO II: A DEMÊNCIA DE ALZHEIMER E SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM.....	23
2.1 Uma reflexão entre o Normal e o Patológico	27
2.2 A Linguagem: Um trabalho de construção do vivido	29
2.3 Memória: Um sistema que se relaciona com outros sistemas.....	31
2.4 Neurolinguística enunciativa-discursiva: Um olhar sobre a linguagem.....	34
2.5 A Avaliação e o Acompanhamento do Sujeito com Doença de Alzheimer numa perspectiva enunciativo- discursiva.....	36
CAPÍTULO III: O FALAR DE SI NO OUTONO DA VIDA	41
3.1 O processo de envelhecimento	41
3.2 Revisitando o passado, e dessa forma, marcando-se na linguagem e pela linguagem	43
3.2.1 Tecendo fios, constituindo-se.....	43
3.2.2 Falando do passado para falar no presente	44
3.2.3 Falo “mal”, mas falo de mim.....	46
3.3 A narrativa e a Demência de Alzheimer.....	50
CAPÍTULO IV: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PELA LINGUAGEM.....	52
4.1 da referência a referenciação: Um caminho, duas perspectivas	52
4.2 Mas, afinal, o que é a dêixis?.....	57
4.2.1 Um olhar sobre a origem da dêixis.....	59

		x
4.3	A referenciação dêitica como recurso linguístico	64
4.4	As referências dêiticas e a constituição de sentido.....	67
4.5	Mãos que enunciam.....	73
4.6	A dêixis como marca da subjetividade.....	76
4.7	Benveniste na reflexão sobre o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito com DA 79	
	CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	80
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	100

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O envelhecimento é um fato inevitável aos seres vivos. A população mundial está envelhecendo e por isso, cada vez mais, áreas de estudos, como a gerontologia, geriatria, neuropsicologia têm buscado compreender os processos do envelhecimento. No Brasil, assim como em outros países, a expectativa de vida aumentou nos últimos anos. Essa situação se deve ao fato de que ocorreram avanços na medicina e nas áreas terapêuticas, houve ainda o desenvolvimento da farmacologia e a melhoria da saúde pública.

No envelhecimento, por ser percebido como um processo natural, em que há um declínio progressivo das atividades funcionais do indivíduo (senescência), é comum se entender que em condições normais tais declínios não causam qualquer problema. Todavia, em condições patológicas como estresses, acidentes, demências, acidente vascular cerebral, tumores, os sujeitos acometidos pelo problema poderão solicitar assistência por afetar a capacidade funcional desse indivíduo.

Segundo a Política Nacional do Idoso (BRASIL,1994), são considerados idosos as pessoas com 60 anos ou mais. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o sujeito é considerado idoso não só através dos aspectos cronológicos, mas também pelo índice de desenvolvimento de seu país. Dessa forma, a OMS estabelece 65 anos para países desenvolvidos e 60 anos para países em desenvolvimento, além de reconhecer o termo “muito idoso” para apontar os sujeitos que têm 80 a 85 anos ou mais.

O número de idosos no Brasil passou de 3 milhões, em 1960, para 17 milhões, em 2006, ou seja, houve um aumento de 600% em menos de 50 anos. Por esses dados, estima-se que em 2020 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos.

De acordo com Lessa (1998), as principais doenças que acometem o idoso são: doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, demências e diabetes. O autor salienta também que muitas vezes o idoso é afetado por várias dessas doenças ao mesmo tempo.

Percebendo as mudanças ocorridas na população brasileira, consideramos imprescindível estudar as patologias que afetam os sujeitos no envelhecimento, como as demências. Nitrine (1993) afirma que as demências são as patologias que mais afetam os sujeitos idosos. A OMS traz a definição de demência como uma desordem caracterizada por deteriorização, tanto da memória como do pensamento, suficiente para

prejudicar as atividades diárias. A degeneração da memória afeta o registro, armazenamento e recuperação de novas informações.

O termo demência vem do latim, *dementia*, de +*mentia*, que significa ausência de mente. Atualmente, em todo mundo, tem-se buscado lançar um novo olhar para um conceito herdado do século XVIII, que associava esse termo a um estado terminal. Mesulam (2000, 233) define demência dentro de um novo construto: “Declínio cognitivo e/ou comportamental crônico e geralmente progressivo, que causa restrições graduais nas atividades da vida diária e que não pode ser explicado por modificações na consciência, na mobilidade ou no sensorio”.

Nota-se que muitas definições têm sido utilizadas e, embora a incidência aumente com o avanço da idade, a demência não é concebida como algo normal ao envelhecimento, ao contrário, ainda que as alterações nas funções cognitivas e o aumento dos sulcos do córtex sejam comuns no envelhecimento, ela se estabelece como uma patologia que afeta o córtex cerebral e/ou suas conexões subcorticais.

As demências são classificadas em vários tipos, de acordo com o quadro clínico, sendo a mais comum a Demência de Alzheimer (DA). Também existem a doença de Lewy, a doença de Parkinson, a demência vascular, dentre outras.

A DA é responsável por mais da metade das demências. Segundo Ballone (2004), existem em todo mundo cerca de 25 milhões de pessoas com DA, sendo ela a terceira causa de morte em países desenvolvidos. No estágio inicial, é comum o sujeito apresentar problemas relacionados à memória e à linguagem além de dificuldades para aprender novas informações, progredindo para prejuízos em outras atividades cognitivas. No estágio intermediário, pode ocorrer apraxia, e, na linguagem, é possível notar uma grande dificuldade em evocar uma palavra adequada para expressar uma ideia. Essa dificuldade é conhecida como anomia. No estágio mais avançado, nota-se alterações de comportamentos, mudança de humor, delírios e alucinações, além de uma enorme dificuldade em realizar a higiene pessoal. (TALMELLI, 2010)

A Demência de Alzheimer tem como característica a perda progressiva da memória, acompanhada do declínio nas demais funções cognitivas como a linguagem. Sendo assim, atribui-se aos testes neuropsicológicos grandes responsabilidades na verificação desta função. Segundo Bertolucci (1995), conhecido neurologista, os testes avaliam superficialmente alguns aspectos em detrimento de outros. O autor afirma também que na DA as alterações linguísticas são bastante frequentes, podendo inclusive ser observada primeiramente, em alguns casos, no estágio inicial.

A DA é clinicamente definida como uma patologia que acomete o córtex cerebral de forma degenerativa, de modo que suas causas ainda não são esclarecidas. Esse processo neurodegenerativo molesta todo o sistema cognitivo. Sabemos que tradicionalmente essa demência tem sido objeto de investigação das ciências médicas, nessas áreas, comumente as investigações acerca do funcionamento linguístico-cognitivo conduzem a uma perspectiva quantitativa, considerando as estruturas afetadas e sua dinâmica com os declínios cognitivos. Conforme informamos, na DA não apenas as estruturas cerebrais são afetadas, mas principalmente os processos cognitivos, como a linguagem, a memória, a atenção e as práticas diárias.

As reflexões referentes à linguagem na DA, dentro de uma perspectiva sociocognitiva, não podem ser pensadas apenas como uma característica corrompida pela patologia em si, sem que isso seja discutido enquanto um posicionamento genérico de um problema que, em outra situação, é percebido como marcas constitutivas da linguagem humana que possibilitam o processo interativo e adaptativo na linguagem posta em uso.

Dito isso, não é mais possível perceber o sujeito demenciado e sua linguagem sem que sejam consideradas todas as circunstâncias que envolvem a vida diária deste sujeito, em seu caráter social, cultural e biológico, pois entendemos que, num ambiente clínico, as situações de linguagem em uso permeiam sobre a égide de testes neuropsicológicos, nas quais não é comum considerar a constituição do indivíduo enquanto sujeito falante. Visto que ele, muitas vezes, é mais capaz de falar de si e de sua doença de maneira mais eficiente do que os testes padronizados, aos quais é exposto, principalmente porque em situação de uso sua fala solicita mais de sua memória e de sua atenção ao evocar o passado para relatar fatos vividos do que atividades de memorização de palavras e sequências numéricas, dentro de uma esfera metalinguística e objetiva.

Pode-se afirmar que problemas referentes à memória, assim como os déficits linguísticos, apresentam-se como sintomas iniciais da Doença de Alzheimer. De acordo com os critérios do *Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* (DSM-IV), esses déficits são bastante significativos para o diagnóstico seguro. Todavia, esses problemas linguísticos têm sido levados em conta somente numa perspectiva sintático e léxico-semântica, não considerando seu caráter enunciativo. Acreditamos, assim, que estudos linguísticos em níveis cognitivos mais abrangentes possibilitariam uma reflexão

sobre o funcionamento linguístico discursivo do sujeito demenciado, podendo, inclusive, ajudar na avaliação e condução do problema.

Sacks (1997) salienta que os processos enunciativos se estabelecem como *lócus* de reflexão, de caráter social, das relações e posições e da identidade de categorias dos interlocutores, assim como meio importante para conjecturar sobre os recursos linguísticos.

As reflexões linguísticas vêm discorrendo sobre a relevância de se considerar a relação estabelecida entre a linguagem e o homem, entendendo toda dinâmica dos processos interativos¹. Entendendo que os estudos linguísticos, principalmente da Teoria da Enunciação, buscam pensar sobre a constituição da subjetividade através da enunciação, concebemos que a narrativa de história de vida nos permite pensar sobre esse processo constitutivo, principalmente dentro do contexto da Demência de Alzheimer.

Ao conceber a linguagem enquanto um lugar de constituição, uma atividade que ‘dá forma’ às experiências humanas, é oportuno refletirmos sobre a linguagem em funcionamento de um sujeito acometido pela DA, como lugar eminente para refletir sobre o que nos desafia: Considerando as informações encontradas na literatura tradicional das neurociências, de que o discurso cotidiano do sujeito acometido pela DA é repleto de palavras genéricas, ditas como pobres de sentido, como se configura a referencialidade dêitica na fala desse sujeito?

Para responder a essa questão, apresentamos a hipótese e os objetivos dessa pesquisa:

Hipótese:

- As unidades dêiticas não se configuram em uma simples categoria de palavras, mas um lugar em que os processos interativos se apresentam de maneira mais efetiva para produzir significado à fala do sujeito com DA, pois ao narrar sua história de vida, ele utiliza com frequência essas estratégias enunciativas-discursivas para se manter no fluxo discursivo e, conseqüentemente, posicionar-se enquanto sujeito da linguagem, de modo que tais estratégias estão carregadas de particularidades as quais apontam para a subjetividade do sujeito.

¹ Assumimos uma perspectiva sócio-histórica, em que os processos interativos tem um caráter social, a qual concebe o ser humano em constante construção e transformação que, mediante as relações que estabelece com o outro e com seu meio, conquista e confere novos significados e olhares para a vida em sociedade.

Objetivo geral:

Analisar os processos de referenciação dêitica como mecanismo enunciativo-discursivo de um sujeito com DA.

Objetivos específicos:

- Discutir sobre o processo do envelhecimento relacionando-o com a linguagem apresentada pelo sujeito MP, apontando a importância da retomada ao passado na tentativa de constituir-se enquanto sujeito da linguagem;
- Identificar a referenciação dêitica encontrada na fala de MP como recurso linguístico que o possibilita manter-se no seu curso discursivo, marcando sua subjetividade na linguagem.
- Verificar que a maioria das instabilidades linguísticas apresentadas na fala de MP são resolvidas através das negociações intersubjetivas estabelecidas com seu interlocutor.

Dessa forma, verificamos que o sentido está imbricado a um conjunto de fatores situacionais, cognitivos, históricos e sociais que, ao perpassar pelo crivo dos interlocutores, produzirá significações². Conforme afirma Hanks (2008), as práticas interativas tem como função vincular o enunciado à enunciação, o autor pontua a importância do contexto, salientando que os elementos dêiticos são tipos de referenciação que ganham corpo através da dinâmica orientada pela esfera enunciativa, ou seja, os elementos dêiticos são primazes para entender a importância do contexto numa situação linguística. Em outras palavras, a referenciação dêitica sustenta o indivíduo em sua fala, configurando-o na enunciação, permitindo que este se constitua como sujeito da linguagem, justificando, assim, a referenciação dêitica como eixo empírico para a realização deste trabalho.

Ao sopesar sobre as temáticas referentes às questões acerca da linguagem na DA, considerando os aspectos sócio-culturais e cognitivos envolvidos nessa esfera, nos ancoramos também na Linguística Textual por acreditar que esta, convergente com a Teoria da Enunciação, configura-se como sustentáculo para esta pesquisa.

A Linguística Textual nos apóia na condição de considerar os processos interativos em seu caráter sociocognitivo como fundamentais para a atribuição de sentido numa dada situação discursiva, apresentando o processo de referenciação como premissa para se refletir sobre a linguagem como atividade constitutiva, considerando o

² Assumimos aqui a perspectiva, de base vygotskiana e tomaselliana, considerando como atividade de significação os elementos internos e externos da língua e da cognição; a propriedade das interações entre sujeitos; o caráter intersubjetivo da linguagem e da interação; os diferentes sistemas de referência cultural que regem nossas interpretações, através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo; os diferentes contextos nos quais os sentidos são produzidos e interpretados.

referente, enquanto objeto de discurso (e não mais enquanto objeto de mundo), pois os objetos aos quais o discurso faz referência não correspondem à realidade do mundo, mas são construídos discursivamente na enunciação.

A linguagem do sujeito idoso, principalmente o acometido pela DA, é um importante indicador para refletirmos sobre o funcionamento linguístico-discursivo no contexto patológico, indicando quais as estratégias são utilizadas por esse sujeito. Não obstante, essas estratégias se configuram importantes por sua grande incidência ao revelar como os aspectos cognitivos estão alterados no contexto da fala demenciada, tornando-a repetitiva e empobrecida, fato bastante característico no processo de envelhecimento.

A degeneração cerebral, atrelada às condições culturais e sociais, é essencial para a reflexão sobre a linguagem em funcionamento do sujeito com DA. A narrativa apresenta-se como importante instrumento para refletir sobre essas dificuldades linguísticas no que se refere a esse funcionamento, assim como a tessitura do discurso do sujeito demenciado.

O relato de história de vida se estabelece como um significativo suporte para que o sujeito busque sua identidade mediante as marcações de tempo e espaço, mediada pela oposição ontem-hoje,. Atribuímos um grande cunho valorativo aos elementos dêiticos apresentados de forma intensiva em sua fala, por acreditar que a dêixis, além de possibilitar a manutenção do fluxo discursivo, permite, sobretudo, que o indivíduo demenciado se constitua enquanto sujeito, marcando-se na enunciação.

Defendemos aqui a necessidade de apresentar nessa pesquisa a relação entre os estudos enunciativos e funcionamento linguístico-discursivo do sujeito com DA, através da narrativa de sua história de vida, como mecanismo para que ele consiga constituir-se enquanto falante, através do uso da referência dêitica, por entender que esta se estabelece como elo entre o sujeito e o seu meio, como quando MP diz³ “*sim’ mudou dali aquela feira’ era muito apertada ali aquilo ali*”. Para que possamos discorrer sobre a temática, nos apoiaremos nos estudos de Benveniste (1966, 1974), Lahud (1979), Fonseca (1989), Marcuschi (2007), Koch (1992), entre outros.

Antes de apresentarmos nossos capítulos, acreditamos ser precípuo expor alguns conceitos básicos que aqui serão abordados. No que tange ao conceito de texto, nos ancoramos em Koch (2009), por entender que ele se configura como resultado da

³ O trecho será analisado no quadro 5, no capítulo das considerações finais.

interação verbal de indivíduos socialmente atuantes, local onde se materializa o discurso. Por sua vez, discurso aqui é percebido enquanto situação, uma enunciação que torna possível apresentar a voz que o enuncia e seu espaço social onde é enunciado, ou seja, conforme os postulados benvenistianos aos quais o conceito de discurso está vinculado a dois componentes: o enunciado e a enunciação. O enunciado corresponde ao que é dito, logo, a enunciação seria o ato de enunciar, de instalar o enunciador (aquele que fala) ao enunciatário (aquele a quem é endereçada a fala). Nessa perspectiva, ambos mantêm uma relação de reciprocidade na qual não existe enunciado sem enunciação e vice-versa. Deste modo, para Benveniste (1974), o discurso é uma espécie de atualização da língua, isto é, “a enunciação supõe a conversão da língua em discurso” (p. 83). Neste estudo, a memória também ganha formato social, posto que, conforme afirmou Vygotsky (1934), a memória não é somente pensamento, ela é construção social determinada pela experiência de cada sujeito.

Após essas explanações, informamos que no primeiro capítulo desta dissertação apresentaremos dados referentes à constituição do corpus, assim como as questões metodológicas e éticas.

O segundo capítulo discorre sobre o processo de envelhecimento e suas consequências psicossociais, trazendo como destaque a DA enquanto um tipo de demência neurodegenerativa, informando sobre o alto índice de prevalência em idosos. Percorre também sobre sua etimologia e suas principais características. Falaremos também sobre o diagnóstico tradicional, criticando-o enquanto ferramenta para avaliação da linguagem. Para embasar nossa crítica, nos ancoramos na Neurolinguística Discursiva postulada por Coudry (1986), assim como na reflexão sobre a polaridade entre o normal e patológico de Canguilhem (1995).

No terceiro capítulo serão apresentadas reflexões sobre a importância da narrativa enquanto meio de resgate e resignificação do passado, discorrendo sobre as estratégias discursivas de que o sujeito idoso faz uso para se manter no fluxo enunciativo. Nesse capítulo, abordaremos a fala no contexto da Demência de Alzheimer.

O quarto capítulo é constituído de tópicos que juntos refletem sobre os processos referencias utilizados na linguagem em uso, sobre a noção da dêixis e sobre a marcação dêitica como processo de subjetividade. Entendemos que a enunciação diz respeito a atividade de construção de referentes encontrados por meio de expressões referenciais. Por isso, conhecer as estratégias de referenciação implica compreender um mecanismo

de estruturação do texto (falado ou escrito), fator fundamental para a construção de sentido. Nessa perspectiva, consideramos que a construção de sentido através do processo de referenciação é uma ação, uma reelaboração da realidade resultante da negociação entre os participantes (CAVALCANTE, 2012). Desse modo, percebendo que o processo de referenciação mais utilizado pelo sujeito com Demência de Alzheimer é a referenciação dêitica, dado o seu caráter genérico de produção de sentido, ou seja, a unidade dêitica não tem sentido em si, ela só permite identificar as entidades a que se refere se forem apresentadas pistas sobre quem está enunciando e o local ou o tempo em que o enunciador se encontra. Sendo assim, entendemos que a expressão referencial que mais eficiente ao sujeito com DA, por possibilitá-lo se posicionar enquanto sujeito da linguagem é a referenciação dêitica, pois ao se posicionar como ponto de referência dentro de seu discurso, o sujeito consegue se constituir, refletindo sobre si e sobre o mundo.

No quinto capítulo, apresentaremos recortes das transcrições das narrativas do sujeito MP, através de processos interativos, além de refletirmos sobre esses dados, considerando o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito da pesquisa. Discorreremos também sobre a construção subjetividade deste sujeito, dentro da enunciação enquanto sujeito da linguagem permeada pelo processo interativo estabelecido entre os interlocutores.

Por fim, teceremos considerações sobre os resultados encontrados nos recortes apresentados da história de vida do sujeito MP, para tanto, ancoramo-nos numa visão de língua enquanto elemento social, construído no discurso, pelo discurso.

CAPÍTULO I: O CAMINHAR METODOLÓGICO

Por conta do rigor científico, o qual exige que sejam apresentados aspectos referentes à metodologia dessa dissertação, apresentaremos a seguir o método utilizado, assim como informações no que tange ao sujeito desse estudo, à coleta de dados e aos

encontros. Ao final teceremos informações sobre o importância do investigador enquanto interlocutor.

1.1 O MÉTODO

Conforme informado anteriormente, considerando a austeridade científica, faz-se necessário estabelecer o tipo de corte para apresentação. Entendemos que, para fechar a amostra, é necessário estabelecer o conjunto de dados que respaldará a análise e interpretação, através de uma empiria ancorada em conhecimento teórico que considera a relação entre o objeto da pesquisa e o *corpus* a ser pesquisado.

Sabemos que, quando não há um fechamento por exaustão, é necessário justificar o interrompimento da observação. Por ser um estudo transversal, não determinamos a quantidade de encontros que subsidiariam as narrativas e optamos pelo critério de saturação de Minayo (2006), para quem o interrompimento da coleta é definido quando o pesquisador percebe que novos elementos não são mais apreendidos naquele campo de observação, ou seja, haverá saturação quando o pesquisador verificar que elementos novos para subsidiar a pesquisa não são mais encontrados a partir do campo de observação.

A amostragem de cunho qualitativo se preocupa com a qualidade dos dados encontrados e a representatividade dessas informações (FONTANELLA, 2008). Dessa forma, a cada narrativa gravada⁴ verificaram-se minuciosamente os dados encontrados, buscando neles a adequação com argumentos teóricos que subsidiariam a pesquisa.

Assim, o critério de saturação atravessou diversas singularidades, principalmente a nossa percepção em relação à narrativa do sujeito MP, ou seja, a viabilidade científica diante dos elementos dêiticos encontrados nas narrativas, de modo que foi possível inferir sobre tais aspectos dentro do contexto demencial, mais precisamente na demência de Alzheimer, o que nos possibilitou encontrar o processo de referenciação dêitica como marca da constituição daquele sujeito, pois a dêixis, no contexto patológico, não ocorre de forma arbitrária, mas como um exercício de a linguagem, num anseio do sujeito de marcar-se enquanto falante.

1.2 O SUJEITO

⁴O ambiente onde ocorreu as gravações foi a residência do sujeito MP, sempre sentados na varanda, através de bate-papos, de maneira descontraída, muitas vezes na presença de sua esposa.

Para que fosse possível escrevermos essa dissertação, contamos com a fundamental contribuição do sujeito MP, homem, 79 anos, analfabeto, casado, diagnosticado portador de Demência de Alzheimer há cerca de dois anos – de acordo com o diagnóstico médico, encontra-se no nível inicial da doença.

É importante salientar que a realização da pesquisa, ainda que tenha sido consentida, apresentou algumas dificuldades iniciais por conta da própria condição do sujeito MP que, em princípio, esquivou-se da sua posição de narrador. Todavia, através de vínculos que foram sendo construídos nos vinte encontros entre a pesquisadora e o sujeito, MP foi se apresentando cada vez mais receptível às solicitações do relato de sua história de vida. Tais laços foram criados através da confiança de MP para com a pesquisadora, de modo que essa, enquanto interlocutora, apresentou-se disposta a relatar também a sua história de vida. Com isso, o processo interativo estabelecido, através de conhecimentos partilhados e interesses mútuos, nos relatos, possibilitou que ambos se mantivessem no fluxo discursivo através de trocas.

Ao entender o texto enquanto tecido verbal (MEDEIROS, 1996), a linguagem do sujeito acometido pela DA torna-se esgarçada, ou seja, desfiada, corrompida, fato causado pela própria degeneração cerebral, causando estranhamentos por parte daqueles que a escutam, como, por exemplo, quando MP diz⁵ em “*mudou dali aquela feira’ era muito apertada ali aquilo ali*”. A significação da narrativa de MP foi possível por conta da doação e troca entre ambos interlocutores, possibilitando a compreensão do discurso daquele que outrora tinha sua fala pouco considerada, dado a sua condição de ‘demente’ através de um diagnóstico médico. Muitas vezes, para certificar sobre a veracidade dos fatos narrados pelo sujeito da pesquisa, recorreremos também a sua esposa e suas filhas, que, com presteza, se dispuseram a colaborar.

Ao entendermos que ao falar do passado o sujeito assume de forma consciênte a sua posição como locutor/autor de sua própria história, inferimos que, para o processo de resignificação de uma fala, no contexto patológico ou não, é necessário considerar as condições reais de produção, ou seja, é necessário levar em conta que se trata de uma fala de um sujeito idoso, demenciado, que teve uma vida permeada de muitas conquistas e frustrações. MP foi trabalhador do campo, foi vaqueiro e trabalhador da construção civil, onde sofreu alguns acidentes de trabalho, de modo que o último lhe impossibilitou

⁵Analisaremos este trecho da fala do sujeito MP no capítulo referente às considerações finais, no quadro 5.

continuar exercendo suas funções laborais, fazendo se sentir bastante injustiçado por não ter recebido a indenização a que fazia jus, fazendo com que, já idoso, trabalhasse como vigia de uma empresa para poder suprir as suas necessidades e as de sua família.

A história de vida apresentada faz do sujeito o autor e narrador de sua história, compondo um espaço de renegociação e reinvenção de sua própria identidade. O processo de construção de identidade, considerando seu caráter sócio-histórico, está imerso aos aspectos inerentes ao passado, presente e futuro.

Dessa forma, para que seja atribuído significado ao fato narrado, além do contexto em que ocorre a situação narrativa, é primaz compreender o lugar social ocupado pelo sujeito e suas relações diante dos fatos narrados, pois eles estarão impregnados de crenças e valores. Não se reflete sobre a narrativa de um sujeito, ainda que demenciado, considerando sua memória como um espaço vazio de sentido, mas sim, através dos processos referenciais que coabitam a narrativa desse sujeito.

Anarrativa apresentados pelo sujeito MP não são documentos exatos encontrados pela pesquisadora, mas fragmentos de uma memória, onde a história ganha forma e consistência na própria ação de narrar.

1.3 A COLETA DE DADOS E OS ENCONTROS

Conforme afirmamos anteriormente, os encontros aconteceram considerando a perspectiva enunciativa-discursiva da narrativa de história de vida. Nessas narrativas diversos temas foram abordados com a finalidade de que o sujeito narrasse a sua história. Desse modo, essas narrativas foram registradas através de um gravador de áudio e, posteriormente, transcritas com a utilização das normas de transcrição do texto falado, proposta pela Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2003), com algumas adaptações pelo modelo NURC⁶, pois acreditamos que, por se tratar de um texto narrado oralmente, é imprescindível seguir critérios que mostrem como se organiza a enunciação de MP. Ressaltamos também que, embora nosso foco seja a referenciação dêitica apresentada no sistema linguístico usado por MP, nós observamos a existência de outras semioses⁷. Dessa forma, utilizamos para as transcrições, a tabela modelo do

⁶O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral.

⁷Peirce chama de semiose a contínua transformação de um signo em outro. A semiose que se tornou uma constante para MP foi os gestos, que serviu-lhe de âncora no processo de representação.

Banco de Dados em Neurolinguística⁸, com adaptações, por entender que esta tabela nos permite verificar não somente os enunciados e suas condições de produção, mas também as condições em que ocorreram os enunciados não verbais.

A obtenção de resultado das análises das conversas, são de caráter descritivo e explicativo, portanto de cunho qualitativo.

No tocante aos aspectos legais, a pesquisa foi desenvolvida mediante a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, através do Protocolo nº: 214/2011, CAAE: 0185.0.454.000-11, após o responsável legal por MP assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme determina a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Ética do Ministério da Saúde (em anexo).

Sobre o aspecto temporal, a coleta acontece numa perspectiva transversal, ou seja, um acompanhamento num curto espaço de tempo (vinte encontros intercalados). Essa perspectiva possibilita uma visão precisa de um determinado momento, uma vez que não é de interesse nesta pesquisa a prospecção de determinada situação, e nem há uma exigência de um período de seguimento.

Abaixo, apresentamos o modelo utilizado para as transcrições.

Quadro 1

OCORRÊNCIA	SINAIS
Indicação de falante	MP (sujeito) InESSA (pesquisadora)
Pausas	(+) para pausa pequena, (++) ou (2.5) para pausas maiores
‘ ’	Aspa simples, para uma subida leve, como uma vírgula
:	Dois pontos, indica alongamento vocálico
(...) ou /.../	Indica transcrição parcial ou de eliminação
?	Questão interrogative
()	Trecho inteligível

1.4 O INVESTIGADOR COMO INTERLOCUTOR

⁸ O Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) consiste em uma série normas e padrões utilizados nas transcrições, a partir do registro em áudio e vídeo, das sessões de interação em grupo do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/Grupo II - adultos) e do Centro de Convivência de Linguagens (CCL/CCAZinho - crianças e jovens) que funcionam no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) na UNICAMP, coordenado por Maria Irma Coudry.

Ao considerar a linguagem como construto humano, de natureza social, estabelecida através de processos interativos, entendemos que a essência da linguagem está imbricada nos fenômenos sociais, a significação desenvolvida do curso da narrativa sempre vai depender de quem narra, pois a enunciação é de natureza interativa posto que sempre seja orientada para o outro.

Dessa forma, não somente o falante tem papel importante dentro da narração. O ouvinte não pode ser desconsiderado, pois a dinâmica da compreensão está na escuta do outro.

Toda compreensão é preenche de resposta e de certa forma ou de outra, forçadamente a produz: o ouvinte torna-se locutor (...) o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso aí no comportamento subsequente do ouvinte. (BAKHTIN, 1929, p.290).

Para Bakhtin (1929), o interlocutor nunca será passivo ao produzir sentido do que escuta, pois o enunciado sempre solicitará um interlocutor e a ele se credita uma compreensão responsiva, isto é, uma atitude ativa em relação ao dito.

Nesta pesquisa, o interlocutor do sujeito com DA foi a pesquisadora InESSA, que, enquanto participante ativa na produção do discurso do narrador, estava imersa na esfera interativa.

Dessa forma, o vínculo estabelecido entre a investigadora e o sujeito, suplanta o sentido criado, ou seja, a relação de confiança criada entre o sujeito com DA e a pesquisadora, através da escuta comprometida e participativa, forneceu aos sujeitos da interação possibilidades de (re) significar o dito.

Em se tratando de um sujeito, que por conta de sua situação acaba sendo segregado, a pesquisa também teve um caráter funcional, pois ao construir sua narrativa, o sujeito se constituiu, marcando-se dentro de sua fala enquanto sujeito da linguagem. Dessa forma, a pesquisa, por carregar responsabilidades, sendo elemento do processo social, assume uma posição de produção partilhada do conhecimento.

CAPÍTULO II: A DEMÊNCIA DE ALZHEIMER E SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM

Abordaremos, neste capítulo, o processo de envelhecimento e suas consequências, tanto psicológicas quanto sociais. O capítulo traz como eixo a Demência de Alzheimer, apresentando a definição desta patologia como um tipo de demência neurodegenerativa que acomete o sujeito idoso, causando diversos problemas em sua

vida diária, em destaque para os problemas relacionados com a linguagem. Discorreremos sobre a dicotomia entre aquilo que foi definido como normal e patológico, mostrando que desde o século XIX diversas áreas das ciências têm buscado estabelecer um conceito para elas com o intuito de normatizar o estado patológico de um indivíduo. A linguagem abordada nessa sessão é percebida enquanto uma atividade constitutiva, que se desenvolve através dos processos interativos. Posteriormente, apresentaremos considerações sobre a memória, caracterizando-a como sistema cognitivo que mantém significativa relação com outros sistemas. Nessa perspectiva, apontaremos a Neurolinguística Enunciativa-Discursiva como um caminho para compreender os processos linguísticos de que o sujeito com DA lança mão, através de suas dimensões sociais e cognitivas.

Conforme apresentamos na introdução deste trabalho, o termo demência é carregado de sentidos que remetem ao campo da loucura, da desrazão, do isolamento social. Atualmente este estigma ainda se faz presente. Por ainda não ser conhecida a real causa, muitas pessoas apresentam medo de que problemas de instabilidade da memória possam ser indícios de DA.

A Demência de Alzheimer foi descrita pela primeira vez em 1907, quando Alois Alzheimer, um neuropatologista alemão, descreveu o caso de uma mulher de 55 anos que fora internada por progressiva dificuldade de memória, de linguagem, desorientação e delírio de ciúme em relação ao marido. Após três anos, a paciente faleceu e, examinando seu cérebro, o Dr. Alzheimer descreveu alterações muito características, que ficaram conhecidas como placas senis⁹ e emaranhados neurofibrilares.

Segundo Nitrini e Bacheschi (2010), a DA é definida pela degeneração cortical que afeta, sobretudo, a formação hipocampal e as áreas corticais associativas, nas quais os exames microscópicos revelam perda neuronal e alterações biológicas características, como emaranhados neurofibrilares e placas senis. Esses emaranhados neurofibrilares se configuram como lesões intraneuronais, provenientes do acúmulo de proteína TAU¹⁰, e são encontrados principalmente nas estruturas cerebrais implicadas no circuito da memória.

⁹Placas senis são formadas pelo depósito de uma proteína (beta-amilóide), no espaço existente entre os neurônios. Já, os emaranhados neurofibrilares são formados por uma proteína (TAU) que se deposita no interior dos neurônios.

¹⁰A proteína tau são proteínas que estabilizam os microtúbulos. São abundantes nos neurônios do sistema nervoso central e menos comuns noutros locais. Quando as proteínas tau possuem defeitos, não estabilizando bem os microtúbulos, pode levar ao aparecimento de estados de demência, como a doença de Alzheimer.

Segundo Caramelli e Rosemberg (1995), a DA

caracteriza-se por distúrbio de memória progressivo, acompanhado de declínionas demais funções cognitivas e por alterações de comportamento. (...) O exame macroscópico do cérebro revela atrofia, que embora seja difusa não é uniforme, sendo mais proeminente nas regiões frontais, temporais e parietais, e afetando sobretudo os córticesassociativos.(CARAMELLI & ROSEMBERG 1995, p. 59)

Esse processo neurodegenerativo corrompe o sistema cognitivo. Sabemos que tradicionalmente a DA tem sido objeto de investigação das ciências médicas. Nessas áreas, comumente as investigações acerca do funcionamento linguístico-cognitivo se conduzem considerando as estruturas afetadas e sua dinâmica com os declínios cognitivos. Conforme informamos na introdução, na DA não apenas as estruturas cerebrais são afetadas, mas principalmente os processos cognitivos, como a linguagem, a memória, a interação e as práticas diárias.

Quando se busca uma reflexão acerca da linguagem, considerando seus aspectos enunciativos-discursivos, todos os aspectos referentes à linguagem precisam ser considerados, uma vez que a linguagem é considerada como “o lugar sócio-histórico de produção de significações, em que pesa o caráter interativo da relação do sujeito com o interlocutor, com o mundo e com a própria linguagem”. (COUDRY & MORATO, 1991)

A DA afeta de maneira progressiva a capacidade de organização da linguagem. Numa perspectiva sociocognitiva da demência, a linguagem, por seu caráter social e cognitivo, não se estabelece apenas como mais um processo alterado em face aos declínios que a doença desencadeia. Nos processos interativos em que a língua é colocada em uso, é possível perceber que o sujeito demenciado busca uma organização em sua fala, seja através de estratégias linguísticas, seja através de estratégias não verbais, além de utilizar também da colaboração de seus interlocutores para significar sua fala.

É relevante salientar que as estratégias utilizadas pelo sujeito com DA são indicações de que há uma busca de sistematização, ou seja, há um sinal de funcionamento linguístico-discursivo, pois estas estratégias se apresentam como uma possibilidade de reorganização daquilo que está esgarçado.

Compreender a relação imbricada entre a linguagem e a cognição é uma tarefa antiga. Desde os estudos afasiológicos ocorridos na primeira metade do século XX, busca-se essa compreensão, o que direcionou uma discussão referente à própria

descrição dos problemas de linguagem. De acordo com Lebrun (1988), naquela época, já era comum considerar a afasia como característica da DA, uma vez que a clássica neurologia servia como parâmetro nas descrições sobre os transtornos da linguagem nesse tipo de demência. Todavia, o autor pontua que fazer um diagnóstico de afasia em sujeitos acometidos pela DA não é necessariamente o mesmo que considerá-los afásicos.

Bayles (1990) considera que o termo afasia está relacionado a um comprometimento da linguagem, desproporcional ao comprometimento de outros aspectos cognitivos, estando esta característica ligada a uma lesão focal. Não buscaremos aqui estabelecer uma discussão terminológica, todavia, de acordo com os textos do neuropatologista Alois Alzheimer, que considera linguagem e cognição como processos indissociáveis, a afasia é também uma característica desta síndrome demencial, uma vez que a linguagem é componente da cognição humana.

Por conta da multiplicidade de alterações provenientes da DA, consideramos que esse contexto patológico torna-se um ambiente privilegiado para refletirmos sobre a linguagem em uso.

Através de considerações acerca do que é linguagem, numa perspectiva interativa (MONDADA, 2001; MORATO, 2002; MARCUSCHI, 2005; KOCH, 2005), buscamos entender sobre o estatuto da linguagem enquanto cognição humana, em que os interlocutores, a identidade do sujeito e as instâncias enunciativas precisam ser consideradas. Dessa forma, buscamos refletir sobre a DA e sua dinâmica com a linguagem, contrapondo à abordagem que privilegia apenas as estruturas cerebrais.

Adotaremos neste estudo a perspectiva de linguagem abrangente defendida pela Neurolinguística Discursiva, desenvolvida por Coudry (1988) em seus estudos com os processos linguísticos de sujeitos afásicos ou com patologias neurodegenerativas, pois acreditamos que conceber a relação existente entre memória, linguagem e cognição, no interior dos processos de significações, é essencial para entendermos como se estrutura a linguagem verbal da DA.

Dessa forma, concordamos com Coudry (1988), ao salientar que, num processo avaliativo, muitos fatos importantes da linguagem, que condicionam a significação, ficam fora dos parâmetros tradicionais de avaliação. Ainda que a literatura saliente que as atividades cognitivas entram em declínio no envelhecimento, estudos atuais sobre as habilidades linguísticas do sujeito idoso demenciado (BASTOS, 2000) nos informam que, neste contexto, há grande incidência de dificuldades na habilidade narrativa, ou

seja, no discurso do idoso com DA, acentuam-se as dificuldades de compreensão e a falta de clareza em seus enunciados. Conforme Bastos (2000), pesquisas que fazem uso de narrativas de histórias mostram a existência de variações intraindividuais¹¹ no funcionamento linguístico-discursivo do sujeito com DA.

Esses dados são de suma importância para a verificação das alterações na linguagem do sujeito idoso enquanto processo oriundo do envelhecimento, ou oriundo de processos patológicos como a DA.

2.1 UMA REFLEXÃO ENTRE O NORMAL E O PATOLÓGICO

Nas áreas médicas busca-se engendrar aquilo que é tido como padrão em detrimento aos fatores individuais. Neste campo, trabalha-se numa perspectiva de ‘média-relativa’, considerando como normais aqueles indivíduos que estejam dentro dessa média.

Quando se fala a respeito da dinâmica do funcionamento cerebral, considera-se como normal o indivíduo que possui suas funções cerebrais convergentes ao que se espera para tal. Nessa perspectiva, o cérebro normal se define como um tipo ideal, que se encaixa dentro de uma normalidade padronizada, ou seja, as funções cerebrais são como “devem” ser, logo, o que é considerado patológico é o funcionamento que não se apresenta dentro dos parâmetros esperados.

Essa dicotomia normal-patológico permeia há muito tempo nas ciências, como: medicina, fonoaudiologia, psicologia, filosofia e linguística. Desde o século XIX, os conceitos entre os episódios normais e patológicos apresentava-se como uma verdade cunhada pela biologia e pela medicina. Naquela época, o estado patológico consistia no excesso ou na falta de determinada função acima ou abaixo do que era concebido como normal, ou seja, a doença e a saúde estariam no mesmo patamar, variando em seus níveis de intensidade. Essas perspectivas ainda permanecem fincadas nos dias atuais.

Com o positivismo, buscou-se determinar as leis da normalidade para fundamentar suas proposições de maneira científica. Nessa perspectiva determinista, os fenômenos eram explicados através de uma homogeneização, assim, era fundamental conhecer o fenômeno cientificamente para poder agir sobre ele.

¹¹A variação intraindividual ocorre quando o mesmo falante pode apresentar pronúncias diferentes para o mesmo item lexical.

Na década de 40, George Canguilhem argumentou contra essas proposições, contrariando o pensamento vigente. Para ele, o conteúdo do estado patológico não poderia ser percebido de maneira objetiva, posto que, segundo o autor, o estado patológico seria uma nova dimensão da vida, uma estrutura individual modificada.

A respeito da enfermidade, concordamos com Canguilhem (1943),

A doença não é somente um desequilíbrio, uma desarmonia, ela é também – e talvez sobretudo – o esforço que a natureza exerce no homem para obter um novo equilíbrio. (CANGUILHEM, 1943, p.19)

Segundo o autor, os fenômenos patológicos são variações quantitativas para mais ou para menos dos fenômenos considerados normais. Para ele, os fenômenos patológicos são estabelecidos considerando o indivíduo ideal, padronizado, um conceito que teve influência do Positivismo do século XIX e que ainda permanece pontuando o que é científico.

Ao limitarmos a questão referente à linguagem, no tocante à reflexão patológica, verificamos que essa não se apresenta como exceção à regra, ainda que na literatura tenha uma quantidade significativa de estudos –linguísticos ou não– ainda não foi possível estabelecer o que seria de fato uma patologia da/na linguagem.

Considerar as proposições de cunho linguístico, ancoradas numa perspectiva enunciativa-discursiva, que sustentam a noção de funcionamento singular da linguagem, é precípua nesta pesquisa, por contemplar a linguagem em uso, cunhada pela marcação de um eu – aqui – agora. Nessa perspectiva, em que deixamos clara nossa vinculação, a fala de um sujeito sempre terá um estatuto de singularidade, porque, ao colocar a língua em funcionamento, através de um ato individual, ela se configura como uma situação única, irrepetível (BENVENISTE, 1974), pois a linguagem não pode ser percebida fora do sujeito que enuncia, ou seja, conforme afirmou Canguilhem (1943), o estado patológico é sempre uma maneira de viver, logo, a fala de um sujeito acometido por uma patologia que afete a sua linguagem, assim como a fala de um sujeito dito normal, em geral, apresentará uma produção permeada por sua história de vida.

Pode-se afirmar que aquilo que é tido como normal e patológico não é totalmente divergente, posto que essas duas situações sejam diferenciadas pelo grau de intensidade, ou seja, o desproporcional daquilo que é normal será considerado patológico.

Conforme verificamos, na DA não apenas as estruturas cerebrais ficam comprometidas, mas todo processo cognitivo, incluindo a linguagem, a atenção e as

atividades práticas sociais, pois as práticas linguísticas se estabelecem como ambiente de reflexão e de reorganização linguística, deixando revelar o que ainda está preservado no contexto demenciado, pois, ao considerarmos os aspectos interativos, estamos também considerando o ‘vivido’ de cada sujeito.

2.2 A LINGUAGEM: UM TRABALHO DE CONSTRUÇÃO DO VIVIDO

Ao entendermos o papel da linguagem enquanto constitutiva do sujeito, precisamos refletir também sobre os aspectos que circundam a linguagem como os processos históricos, sociais e culturais imbricados e indissociáveis do sujeito falante.

Não cabe mais pensar na linguagem como instrumento, seria uma visão retrógrada da língua, pois a linguagem está no homem e, assim sendo, não cabe também pensar no homem como pré-existente à linguagem. Considerando a linguagem como constitutiva do sujeito, entendemos que nela encontramos aspectos psíquicos/afetivos, ou seja, pistas de sua subjetividade, como sua carga cultural, sua história, seu posicionamento enquanto sujeito atuante na realidade e para realidade.

Ao perceber as diversas situações interativas que o sujeito acometido pela DA participa em suas atividades diárias, sabemos que para o processo de significação é relevante entendermos o papel do interlocutor, assim como a própria história de vida desse sujeito. Sendo assim, a nossa concepção de linguagem apresentada nesta dissertação é bastante importante porque, além de considerarmos as funções da linguagem, consideramos principalmente sua natureza social e cognitiva.

Diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas têm mostrado interesse pela cognição humana, com isso, questões sociais nos são apresentadas por intermédio de estudos cognitivos a partir das construções vygostskyanas (1934), tal referencial é apresentado como teoria sócio-histórica. O eixo que movimenta essa teoria se constitui pela interação do sujeito ao espaço social a fim de promover a aquisição do conhecimento. Para Vygotsky, a linguagem é o *locus* onde são promovidas as relações, onde os sujeitos sistematizam as informações e constroem conceitos. É através dela que funções psíquicas são estruturadas e transmitidas, possibilitando assim uma gama de significações que permitem decodificar o mundo e atuar sobre ele.

De acordo com Luria (1981, p.80), é através da linguagem que se formam atividades conscientes de estrutura complexa. O autor salienta que o surgimento da linguagem humana apresenta-se “nas relações sociais do trabalho cujos primórdios de

surgimento remontam ao período de transição da história natural a história humana”. Para Luria, a linguagem é essencial na constituição da consciência, uma vez que ela se faz presente em todas as áreas da atividade do homem. Conforme Franchi (1977), a linguagem é uma atividade constitutiva que se sustenta e é sustentada na interação social.

Apoiamo-nos em Franchi (1977) quando ele diz:

Concebemos assim a linguagem como um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção e retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. (FRANCHI, 1977, p.12)

Dessa forma, considerando a linguagem enquanto ação, somos conduzidos a pensá-la como um trabalho daquele que atua sobre a própria linguagem. Nessa concepção, os sujeitos abarcados na enunciação são constituídos na real atividade da linguagem. Franchi (1977) refuta a concepção de língua numa perspectiva funcionalista que a concebe como instrumento social. Para ele, o homem age com a língua, mas antes ele a elabora, pois que a língua é ativa.

Antes de ser para a comunicação, a linguagem é para elaboração; e antes de ser mensagem, a linguagem é construção do pensamento; e antes de ser veículo de sentimento, idéias, aspirações, a linguagem é um processo criativo em que organizamos e informamos as nossas experiências. (FRANCHI, 1977, p. 19)

Franchi recusa o funcionalismo¹² por entender, dentre outros motivos, que essa abordagem linguística não considera a flexibilidade da linguagem, no entanto, ele reconhece que a linguagem é utilizada como instrumento de comunicação, pois nos comunicamos e estabelecemos relações através dela. Esse comportamento é visto como uma ação livre e criadora, ou seja, a função de comunicar não é a única da linguagem, antes, ela permite a reflexão e o pensamento. Considerando seu caráter histórico, Franchi salienta enquanto processo em que a atividade linguística sempre exerce através de um substrato material já trabalhado anteriormente, mas que poderá sempre ser reorganizada. Dessa forma, o autor discorre sobre a criatividade vertical da linguagem que não se estabelece através de um pensar lógico, mas analógico que suporta o devaneio sem quadro fixo de valores. A criatividade vertical implica que as línguas

¹² Segundo Lyons (1981), o Funcionalismo se estabelece como um movimento particular dentro do Estruturalismo Linguístico. Essa abordagem defendia a hipótese de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que exercem na sociedade em que operam.

naturais não são unas, mas sim, permeadas de indeterminação semântica. Será no eixo desse processo que se encontrará a recursividade.

Neste sentido, a linguagem é “uma prática imaginativa que não se dá em um universo fechado e estrito, mas permite passear, no pensamento e no tempo, a diferentes universos mais amplos, atuais, possíveis e imaginários” (FRANCHI, 1977, p. 24).

Na interação, os elementos linguísticos utilizados pelos sujeitos, são construtos históricos, culturais e sociais, ou seja, nas interações sociais, os sentidos são constituídos através das relações estabelecidas pelo sujeito. Toda atividade de linguagem é permeada por sujeitos marcados por uma história dentro de uma sociedade.

2.3 MEMÓRIA: UM SISTEMA QUE SE RELACIONA COM OUTROS SISTEMAS

As indagações sobre a memória sempre intrigaram a humanidade no decorrer dos tempos. A concepção de memória enquanto ‘depósito mental’, cujo papel era armazenar informações sobre o mundo ainda predomina atualmente.

De acordo com a neurologia, a memória pode ser classificada segundo a sua duração e de acordo com sua função. No tocante a sua duração, existem três tipos de memória: a imediata, a de curta duração e a de longa duração. A memória imediata, também conhecida como memória operacional (ou de trabalho), normalmente dura segundos ou minutos. Trata-se de um sistema que nos permite por exemplo, lembrar o número telefônico de alguém durante o tempo suficiente para anotá-lo mas, que logo depois se perderá, ou seja, ela é evanescente, e dura pouco exatamente porque deve ser assim, caso contrário, nos confundiria com excessos de informações.(IZQUIERDO, 2004).

A memória de curta duração dura de uma a seis horas. Ela serve para nos capacitar a responder aquilo que acabamos de aprender, ou seja, permite o diálogo e o raciocínio. Ela se inicia ao mesmo tempo em que a de longa duração.

A memória de longa duração dura muita horas, até mesmo anos e requer uma série de processos imbricados em diversas regiões cerebrais. Esses processos causam alterações morfológicas e funcionais nas atividades cerebrais enquanto a memória de curta duração não promove esses tipos de alterações funcionais.

Costuma-se eleger como memória de informação, aquela que estende por décadas, conhecida também como memórias remotas. Essas memórias são aquelas que o idoso costuma evocar. Todavia, com o passar do tempo, esse tipo de memória está

suscetível à extinção e, por isso, o sujeito, na tentativa de mantê-la, adiciona informações verdadeiras ou falsas, muitas vezes de maneira involuntária.

Do ponto de vista dos conteúdos, as memórias se classificam em memória de trabalho, declarativa e procedurais. A memória de trabalho não permite o armazenamento de informações (corresponde a memória imediata). A memória declarativa é aquela que, como o nome já diz, permite-nos declarar. Elas podem ser divididas em semânticas ou episódicas. A memória semântica refere-se aos conhecimentos relativos às coisas do mundo e ao uso da linguagem, já a episódica, conhecida também como memória autobiográfica, refere-se a eventos individuais, localizados no tempo e no espaço. Ambas estão estocadas na memória de longa duração e somente são adquiridas através de experiências, ou seja, são lembranças conscientes referentes a situações reais. As memórias procedurais provêm da aquisição de habilidades (habituais, sensoriais e/ou motoras) e não são fáceis de serem explicadas, um bom exemplo é como ensinar alguém a andar de bicicleta.

Todavia, nosso interesse é abordar a memória, focando-a em sua relação com a linguagem. Por conta disso, a memória também se constitui como objeto de interesse linguístico, pois, desde Saussure em seu Curso¹³, já havia uma sinalização para uma reflexão sobre a relação memória e língua, “trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala, em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cérebro”.(SAUSSURE, 1916, p.33)

Podemos perceber que o tesouro depositado –a língua– está localizado virtualmente no cérebro (memória). Para Saussure, a língua é um conteúdo mental armazenado na memória do falante. Aqui, não concebemos a memória simplesmente como um lugar de armazenamento, mas como um sistema que relaciona com outros sistemas. Em outras palavras, ao pensarmos na relação linguagem e memória, devemos considerar as questões cognitivas, assim como outros processos que estão imbricados nesse sistema, como os processos socioculturais.

Acreditamos não ser possível refletir sobre nenhuma função cognitiva, distanciando-a das atividades de significação. Por isso, ancoramo-nos ao postulado de Vygotsky (1934), que informava sobre o caráter constitutivo do homem, enquanto sujeito social, através da linguagem. Nesta mesma linha de pensamento, encontramos

¹³ Curso de Linguística Geral, de Ferdinand Saussure, publicado em 1916 post-mortem, foi escrito por outros linguístas, seus discípulos, de acordo com os apontamentos de aulas.

Benveniste (1966), que concebe o homem com sujeito constituído na linguagem e pela linguagem.

Ancoramo-nos em Mármora (2005), que nos orienta a pensar na memória

(...) como um sistema múltiplo e contínuo de referências guardadas não em locais específicos do cérebro, mas possíveis de serem retomadas por meio de associações de palavras, imagens, cheiros, toques, etc. que trazem para o presente uma experiência antes vivida (...) o que remete à idéia de um sistema se relacionando com outros sistemas, como se observa no processo de lembrar. (MÁRMORA, 2005, p. 70)

Entendemos que a memória tem uma íntima relação com fatores históricos, sociais e pessoais. Portanto, os processos de lembranças e/ou esquecimentos acontecem em todo e qualquer indivíduo.

Nesse sentido,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1995, p.55)

Em seus estudos sobre a cognição humana, Vygotsky destacou que todas as funções superiores (memória, linguagem, raciocínio, etc) são relações sociais internalizadas, de modo que são desenvolvidas pelos signos, ou seja, a linguagem é um componente essencial para as funções superiores por seu caráter regulador.

A memória, então, não se constitui apenas como uma unidade localizada no interior dos sujeitos, ela é articulada em consonância com as experiências sociais, ela é desenvolvida através das relações estabelecidas pelos sujeitos entre si e com o espaço social nos quais estes se inserem.

O desenvolvimento não é simplesmente maturação, mas sim, metamorfose cultural, reequipamento cultural. E se quisermos estudar a memória de uma pessoa adulta, teremos que estudá-la não sob a forma que a cultura ofereceu, mas sob a forma que a cultura criou. (VYGOTSKY, LURIA, 1930, p. 194)

Compartilhamos com a ideia de que a memória, enquanto mecanismo subjetivo, é paradoxalmente social e individual. Ela se estabelece como intrínseca ao homem, embora não com a mesma dimensão, já que ela depende das experiências socioculturais que os sujeitos experimentam no decorrer da vida.

No tocante à memória do sujeito idoso, temos encontrado na literatura, inúmeros estudos relacionados aos tipos de memória (imediate, de curto ou de longo prazo) que

são mais atingidas no contexto dos processos de envelhecimento, seja ele normal ou demenciado. Muitos profissionais se valem de testes produzidos para pontuar o desempenho cognitivo do sujeito. No entanto, encontramos outras perspectivas como o da Neurolinguística Enunciativa-Discursiva, que concebe a memória e a linguagem mediante correlação com questões que se referem à fatores subjetivos, à atividade linguística-discursiva dos sujeitos, às bagagens sócio-históricas e culturais que direcionam nossa atuação no mundo.

Não queremos, neste estudo, desconsiderar as proposições da neuropsicologia tradicional, ao contrário, reconhecemos seus méritos e acreditamos que estes possam ser bastante úteis em nossas reflexões. Todavia, buscamos dar ênfase a uma visão em que a linguagem e memória estão dispostos através de suas inter-relações, estabelecidas não somente como aspectos cognitivos, mas também sociais e histórico.

2.4 NEUROLINGUÍSTICA ENUNCIATIVA-DISCURSIVA: UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM

Os estudos referentes à neurolinguística abarcam dois campos do conhecimento humano: a neurociência, que se ocupa basicamente do conhecimento sobre o funcionamento cerebral, a mente e suas relações com o cérebro, e a linguística, enquanto ciência que estuda a linguagem humana.

O uso do termo ‘neurolinguística’ ainda gera certo embaraço no Brasil, principalmente em contexto não acadêmico, pois esse termo também é utilizado para se referir a cursos que prometem técnica para programar a mente em busca de sucesso nas relações interpessoais. O termo, nessa acepção, é utilizado também como programação neurolinguística, todavia, a etimologia da palavra neuro – relativa ao sistema nervoso – + linguística, ciência que tem como objeto a língua humana, nos mostra o quanto errônea é aquela aplicação. Na esfera científica (a que nos interessa), o termo pontua sobre os mecanismos cerebrais relacionados à produção, compreensão e conhecimento sobre a linguagem.

Por volta do final da década de 80, no Brasil, é possível encontrar linguistas que começaram a conduzir seus estudos para os processos linguísticos-discursivos voltados para problemas relacionados à afasia e às neurodegenerações. Neste período, podemos encontrar o trabalho pioneiro de Coudry (1986), que traz ao cenário da Unicamp estudos neurolinguísticos, trazendo uma reflexão sobre a dinâmica existente entre memória, linguagem e cognição.

A Neurolinguística Discursiva (doravante ND) desenvolvida por Coudry (1986) apresenta concepções de linguagem e de sujeito diferentes da concepção tradicional, que se baseava em testes padronizados aplicados em um sujeito idealizado, compatíveis com uma metodologia de cunho quantitativo. Esses testes desconsideram o indivíduo enquanto sujeito social, abordando-o numa perspectiva normativa da língua, não refletindo sobre as variedades linguísticas que a língua apresenta.

É interessante informar que boa parte desses testes tem como objetivo relacionar o problema ao sintoma, baseando-se nos ditos ‘erros’ que o sujeito comete. Essa prática tem como eixo o investigador, posto que este tem o domínio do que se busca com tais testes.

Segundo Sampaio (2010), Coudry apresenta uma crítica à avaliação realizada exercida sobre o domínio da tradição da escrita normativa, desvinculada do exercício intersubjetivo e social da linguagem. De acordo com Coudry, a avaliação em contextos patológicos precisa utilizar atividades que fazem sentido para o sujeito, relacionando-as em situação de uso social.

Para Coudry (2008), a Neurolinguística Discursiva

é constituída por um conjunto de teorias e práticas, cuja concepção de linguagem, ao contrário de uma visão organicista, concebe língua, discurso, cérebro e mente como construtos humanos que se relacionam. São especialmente tomados a hipótese da historicidade e indeterminação da linguagem e os conceitos de trabalho e força criadora, formulados por Franchi (1977). Benveniste (1970) e Jakobson (1955/1970; 1956/1975) são autores-âncora na questão da (inter)subjetividade, dos níveis de funcionamento da linguagem, e da condição unipolar da linguagem na afasia. Luria (1981) e Freud (1891/1973) são tomados pela concepção de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente (COUDRY, 2002) em que a linguagem está representada em todo o cérebro – e ambos trabalham/associam - e não localizada em suas partes/centros. (COUDRY, 2008, p.18).

A perspectiva apresentada na área de Neurolinguística Discursiva, a partir dos primeiros estudos da linguagem numa abordagem patológica (COUDRY, 1986), abarca extensões sociais e cognitivas da linguagem, fornece base para impelir no vasto seguimento de estudos envolvendo linguagem, em nosso caso específico, no contexto da Doença de Alzheimer.

A ND trabalha numa perspectiva de linguagem abrangente atrelada à metodologia de dado achado. Tal conceito metodológico desenvolvido por Coudry (1996) é fruto de

um arcabouço de estudos teóricos sobre o objeto de estudo, convergente ao acompanhamento longitudinal de processos linguísticos. A ND busca desenvolver trabalhos considerando as experiências discursivas dos sujeitos através de práticas contextualizadas em relação ao meio no qual o sujeito está inserido.

Atualmente, existem vários campos de atuação da neurolinguística. Segundo Morato (2001), existe a área que estuda o processamento normal e patológico da linguagem, que abarca estudos referentes à cognição e à plasticidade cerebral. Existe outra área que estuda os processos de significação (verbais e não verbais), utilizados por indivíduos cérebro lesados, onde se destaca o estudo das afasias e demências. A autora pontua também a existência da área que se interessa pelos processos discursivos que relacionam linguagem e cognição.

A perspectiva à qual nos filiamos é de caráter enunciativo-discursivo, por considerar a linguagem em seu formato histórico e cultural, tendo seu estatuto previamente indeterminado dos processos de significação, em que a abordagem neurolinguística concebe a língua como resultado da experiência e do trabalho dos falantes com e sobre a língua. (COUDRY, 2002)

2.5 A AVALIAÇÃO E O ACOMPANHAMENTO DO SUJEITO COM DOENÇA DE ALZHEIMER NUMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVO- DISCURSIVA

O melhoramento da qualidade de vida e a evolução da medicina aumentaram significativamente a expectativa de vida da população de países em desenvolvimento. Tal fato direcionou uma reflexão acerca do envelhecimento e, principalmente, sobre o problema relacionado à demência, que atinge cerca de 10 a 15% dos sujeitos com mais de 65 anos.

Envelhecer implica numa série de alterações bio-psico-sociais, sem que necessariamente seja de cunho patológico. O ato de envelhecer é uma ação intrínseca do organismo vivo, ocorrendo de modo diferente de pessoa para pessoa, considerando suas características próprias e seu modo de vida. O envelhecimento patológico se estabelece como um sistema que induz e intensifica o processo normal de envelhecimento. (BEILKE E NOVAES-PINTO 2008)

A Doença de Alzheimer é um tipo de demência que provome uma degeneração do córtex cerebral, provocando uma série de alterações cognitivas. Os estudos tradicionais têm buscado pontuar as várias disfunções cognitivas que apresentam o

sujeito com DA, no entanto, tais estudos não estabelecem relações relevantes com a linguagem. Preocupações relacionadas ao método avaliativo para diagnosticar disfunções na linguagem dos sujeitos com DA têm sido pauta de muitas discussões, seja em relação às demências sindrômicas, seja relacionada às afasias.

Na neurociência, encontramos Bertolucci (1995, p. 85) que também expõe sobre esse problema, informando que o exame de linguagem “deve iniciar com a observação cuidadosa de como o indivíduo conta sua história, a presença de hesitação, parafasias semânticas ou fonéticas e circunlóquios já indicam disfasia¹⁴”. Vale salientar que o autor não considera as pausas como operações epilinguísticas¹⁵, mas apenas como sintoma de um problema patológico. Da mesma maneira, ele trata a produção de parafasias¹⁶, não levando em conta que essa produção faz parte do processo discursivo utilizado (ora mais, ora menos) por sujeitos normais.

Nos estudos linguísticos, encontramos Coudry (1988), que, desde a década de 80, já se atentava para a necessidade de se preocupar com a linguagem apresentada nas afasias para uma melhor compreensão do problema. A autora afirmou que não era relevante se preocupar com aquilo que ‘faltava’ na língua, mas, sobretudo, com aquilo que era encontrado nela.

Reconhecer a reorganização da linguagem de um sujeito acometido pela DA, refletindo sobre os recursos alternativos de que eles lançam mão dentro de seus discursos¹⁷, é de suma importância para o entendimento daquilo que foi estabelecido como “normal” por estudiosos da área.

¹⁴As disfasias são caracterizadas por dificuldade no falar, dificuldades de coordenação e capacidade para ordenar as palavras. As disfasias geram distúrbios graves que afetam a aquisição da linguagem em tempo normal e desvios duradouros que podem persistir ao longo da vida.

¹⁵ Chama-se epilinguística a atividade do sujeito que opera sobre a linguagem: quando o sujeito explora recursos da sua linguagem e reutiliza elementos na construção de novos objetos linguísticos até para produzir certos efeitos (rimas, trocadilhos, humor, novas formas de construção); quando o sujeito, a partir dos fatos linguísticos a que foi exposto ou que produz, elabora hipótese sobre a estruturação da linguagem ou sobre formas específicas de uso. (COUDRY, 1988, p.15).

¹⁶ O conceito de parafasia que fazemos aqui é o postulado por Freud (1981), entendido como um distúrbio da linguagem em que uma palavra é substituída por outra, inadequada, mas que sempre mantém algum tipo de relação com a palavra correta, que se daria no âmbito do sentido ou no das características fônicas.

¹⁷ Cabe salientar, conforme informado na Introdução desta dissertação, o conceito de discurso utilizado aqui é o postulado por Benveniste (1970), em que o discurso é uma espécie de atualização da língua, isto é, “a enunciação supõe a conversão da língua em discurso” (p. 83).

Uma consideração sobre a avaliação é feita por Coudry (2001, p. 15) em seus estudos sobre a afasia, em relação à percepção do sujeito. A pesquisadora afirma que o sujeito é visto no

sentido amplo de ‘paciente’ aquele que é passivo: estão excluídos de um papel ativo na orientação do discurso, são objetos de observação por critérios que desconhecem, não tendo, pois, qualquer pista para interpretar os comandos, fazer inferências, apreender por qualquer processo a intenção significativa dos examinadores.

É presumível afirmar que essa também é a percepção sobre os sujeitos com DA, uma vez que estes são, normalmente, considerados como insanos e incapazes. Todavia, conforme pontuamos anteriormente, através de seus discursos, mesmo com dificuldades e incertezas, os sujeitos com DA são mais eficientes em falar sobre si e sobre sua doença do que os testes-padrão a que são submetidos para avaliação da linguagem conseguem mostrar.

Cruz (2004) diz que o esquema pergunta-resposta, tal como utilizado nos testes-padrão, não possibilita ao sujeito falar sobre as suas dificuldades nas realizações de determinadas tarefas, fato que influenciaria no resultado da avaliação.

A linguagem acaba reduzindo-se à informações e a memória, ao armazenamento ou a evolução dessa informação. Apaga-se com isso a relação de reciprocidade entre ambos e aquilo que as colocam em relação, ou seja, as interações humanas e suas contingências enuciativo-discursivas. (CRUZ, 2004, p. 77)

No tocante às conexões entre memória e linguagem, Cruz (2004) salienta que a linguagem verificada por meio de testes dá conta somente dos dados inerentes à memória, banindo assim a reciprocidade entre elas. Essa assertiva corrobora a visão enuciativa-discursiva de Coudry (1988/2001).

A autora pontua sobre a falta de interlocução na situação teste, citando Benveniste, que

a linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1966, p.26)

Considerando a linguagem um sistema semiótico, ela é dotada de significações para nós (enquanto sujeitos do discurso) como para os outros (enquanto interlocutores) no momento da realização efetiva onde “a experiência interior de um sujeito torna-se acessível a outro”. (BENVENISTE, 1966, p. 26)

Podemos afirmar então que a linguagem não é somente uma ponte entre nosso pensamento e o mundo que nos cerca. Existe, nessa esfera, uma gama de fatores que dinamizam essa relação. Conforme afirma Morato (2000, p. 154), “não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínio do pensamento fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora dos processos interativos humanos”.

Diante do exposto, é possível afirmar que a análise enunciativa-discussiva pode ser bastante relevante para a compreensão das alterações da linguagem do sujeito com Doença de Alzheimer, além de poder apresentar a dinâmica existente nos processos produtivos desses enunciados, de modo que os consideramos mais eficientes do que os dados encontrados em situação de teste.

Ao entendermos os fundamentos da Neurolinguística de abordagem enunciativa-discursiva, podemos inferir sobre os equívocos existentes nos processos avaliativos da linguagem trabalhada pela Neurolinguística Tradicional. Procuramos apresentar de forma sucinta conceitos referentes à memória, numa perspectiva que anula a concepção de ‘depósito mental’ apresentando-a como um sistema múltiplo e contínuo, assim como a linguagem ação de construção de experiências.

Dessa forma, lançamos um olhar sobre o diagnóstico da Doença de Alzheimer, buscando considerar os mecanismos de que o sujeito MP faz uso, para reconstruir sua linguagem.

Existem muitas classificações para avaliar os quadros demenciais e diversos são os estudos que têm se direcionado a decorrer sobre a demência de Alzheimer, todavia, através o estatuto neurolinguístico, há cerca de quase três décadas é possível considerar as situações de uso da linguagem com o propósito de apresentar melhor compreensão no que tange a esse modo de estar na língua.

Por esse motivo, consideramos que uma abordagem enunciativa-discursiva da linguagem nos fornece suporte para compreender os mecanismos que vinculam a linguagem à memória, considerando-os como dois sistemas cognitivos distintos, porém imbricados.

Benveniste (1974) nos convida a refletir duplamente sobre a língua, considerando-a ao mesmo tempo enquanto sistema combinatório de signos e como exercício de linguagem. Para o autor, esse atributo da língua tem como privilégio “comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” (p. 64). A língua é constituída de uma dupla significância que, ainda que sejam específicas, ocorrem juntas, imbricando-se na/pela enunciação. Trata-se, portanto, da dimensão semiótica (significação do signo) e da dimensão semântica (significação engendrada pelo discurso), onde a primeira deve ser reconhecida e a segunda, compreendida, pois é exatamente a dimensão semântica que comporta a referência.

Através dessa assertiva, reconhecemos a dupla natureza da linguagem cunhada por Benveniste (1974) por nos permitir compreender a linguagem como um sistema que permite interpretar a si mesmo e aos demais sistemas, pois a linguagem, mostra sua própria natureza, encena o mundo e, conseqüentemente, encara a memória não só em seu estatuto de contingente, mas também em seu estatuto constitutivo.

[...] uma coisa ao menos é certa: nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem, será formulada em sons, em cores, em imagens toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestado a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua.[...]. A língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos. (BENVENISTE, 1974, p. 61)

De acordo com essa proposição, podemos inferir sobre a primazia da língua em relação aos demais sistemas, pois somente ela é capaz de interpretar os demais sistemas, como a gestualidade, as expressões corporais e/ou faciais.

Segundo Coudry (1988), no contexto com patologia, é relevante compreender o processo de significação numa perspectiva enunciativa-discursiva: enunciativa por considerar a enunciação, isto é, as contingências do uso social da língua, e discursiva por ser a maneira de expor a linguagem como prática significativa.

De fato é dentro da, e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. (...) Não existe realmente poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção, pensemos bem nisso, decorre dele. A sociedade não é possível a não ser pela língua; e pela língua, também o indivíduo.(BENVENISTE, 1966, p. 27)

Entendemos então, que os conteúdos mnêmicos que os sujeitos recorrem só podem ser desvelados através da linguagem, ou seja, a memória é significada na e pela linguagem, em que ambas estão nas dependências da enunciação.

Consideramos a enunciação como uma atividade social e histórica, *lócus* para o instauração da memória pela linguagem. Deste modo, a memória instituída nesse estudo é aquela concebida através de situações enunciativas, considerando-a e seu estatuto sócio-histórico. Assim, no próximo capítulo abordaremos a narratividade enquanto canal para refletirmos sobre a referenciação dêitica no contexto patológico.

CAPÍTULO III: O FALAR DE SI NO OUTONO DA VIDA

Neste capítulo, abordaremos a narrativa do indivíduo idoso como marca da constituição do sujeito, apoiado nos aspectos mnemônicos e temporais, possibilitando a produção de sentido através do processo interativo, desvelando como os aspectos inerentes ao passado se configuram no presente. Trataremos também sobre a construção da narrativa na DA, apresentando como os aspectos linguísticos do processo de envelhecimento normal estão presentes no discurso do sujeito demenciado. Todavia, a desconstrução do '*continuum*' discursivo, a digressão ao passado e a marcação dêitica se apresentam com maior frequência, uma vez que, segundo Oliveira e Stivanin (2005), a degeneração do córtex cerebral, além de afetar a memória de maneira ríspida, dificulta o acesso lexical, comprometendo a narração.

3.1 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

É comum ouvir comentários de cunho pejorativo em relação à fala do sujeito idoso, como “quem vive de passado é museu”, ou algo semelhante a “conversa de velho”. (MARCUSCHI,1991). Concordamos que há especificidades na fala do idoso, no entanto, tal posicionamento apresenta uma atitude estigmatizadora, carregada de preconceito.

O envelhecimento é um processo que se inicia desde o nascimento e permanece até o final da vida. No passado, o conceito de velhice estava vinculado a aspectos sagrados. O idoso, por ser considerado o detentor da sabedoria, tinha como função transmitir esses saberes aos demais da sua comunidade. Nos dias atuais, o sujeito em estado de velhice é sinônimo de vulnerabilidade e, muitas vezes, de desprezo. Em nossa cultura, é comum associar àquilo que é velho um status de inutilidade, algo que não é

mais necessário. Essas concepções são transmitidas culturalmente às novas gerações como verdades absolutas. Nessa esfera, encontramos adultos capturados pelo consumismo exacerbado em que a aquisição de algo novo (e descartável) garante o status que os asseguram enquanto sujeitos modernos.

Diversas áreas do conhecimento, como a geriatria, gerontologia, psicologia, psiquiatria, dentre outras, têm buscado entender essa especificidade do processo de envelhecimento para tentar solucionar alguns entraves que surgem com esse processo e melhorar a qualidade de vida do sujeito idoso.

Considerando que o corpo envelhece, somos direcionados a refletir sobre a diferença entre envelhecimento e velhice. De acordo com Monteiro (2000), não se deve estabelecer uma relação sinonímica entre envelhecimento e velhice, pois enquanto o envelhecimento é um processo natural dos seres vivos, a velhice é uma produção social. No entanto, essa produção social acaba por influenciar o processo natural.

“O velho não tem arma. Nós é que temos que lutar por ele”, afirma Bosi (1994, p.81). Assim entendemos que esse sujeito é um ser habitualmente silenciado pela sociedade, pois, conforme a autora, reduzir o homem à condição de objeto é um desrespeito.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um medidor entre nossa geração e as testemunhas do passado. Ele é o intermediário informal da cultura, visto de existem mediadores formalizados e constituídos pelas instituições. (BOSI, 2003, p.15)

Contudo, entendemos que o envelhecimento é um processo irreversível que acomete todos os seres vivos. Em outras palavras, o envelhecimento é um processo, mas a velhice é uma condição do sujeito idoso, que permite estabelecer de forma crescente a discriminação que o acomete.

Um homem, ao atingir essa fase da vida, passa por um processo de transformação, em relação a sua imagem no meio em que vive. Perde sua própria identidade: um velho perante a sociedade e o grupo jovem, não tem mais nome nem profissão muito menos status. Torna-se apenas um velho. (PRETI, 1991, p.22)

Numa sociedade capitalista, o indivíduo que deixa de fazer parte da máquina produtiva é automaticamente colocado às margens sociais. É exatamente isso que acontece com o idoso, ao se aposentar, normalmente ele diminui também suas atividades sociais e, conseqüentemente, acaba sendo desconsiderado enquanto ‘voz’ no seio familiar. Esse posicionamento apresenta-se como um grande preconceito, contribuindo para que o próprio idoso se perceba dessa maneira, adotando então um

comportamento de autodesvalorização, retraindo-se, o que alimenta um modelo estereotipado da velhice. Ao se posicionar dessa forma, o idoso incita sua família a bani-lo (direta ou indiretamente) do grupo familiar, e essa falta de função tem consequências perigosas, pois renega ou silencia, segregando-o dentro da própria família.

3.2 REVISITANDO O PASSADO, E DESSA FORMA, MARCANDO-SE NA LINGUAGEM E PELA LINGUAGEM

Ao refletimos sobre a linguagem do idoso, não podemos deixar de considerar os aspectos culturais, sociais e psicológicos, pois o idoso passa a admitir sua atual função na esfera social através da perspectiva físico-psicológica, ou seja, os aspectos orgânicos se sobrepõem aos psíquicos.

O curso do envelhecimento normal afeta a habilidade de estabelecer relações através da linguagem, pois os aspectos biológicos afetam sua capacidade comunicativa. Desta forma, ao considerarmos o diálogo como uma dinâmica, marcada pelas trocas, entenderemos o quanto os processos cognitivos se tornaram lentos, dificultando o processamento e o acesso às informações.

Essas dificuldades se refletem na maneira de organizar a fala de forma linear, que de acordo com Preti (1991), apresenta-se com exageros de pausas, repetições, desorganização sintática, disfluência, dentre outros problemas. É preciso lembrar que esses déficits não se relacionam apenas com a idade, mas com os fatores socioculturais. Outrossim, esses déficits podem se configurar como características de adultos jovens, mas que tomam maior proporção com o idoso.

Ao considerar que todo sujeito se constitui através da linguagem (Benveniste, 1966), verificamos que a narrativa da história de vida se configura como um meio para refletirmos sobre a constituição do sujeito através de pistas deixadas no curso enunciativo.

3.2.1 TECENDO FIOS, CONSTITUINDO-SE

As narrativas são definidas por seu caráter de organização temporal. Para Labov (1978), elas se configuram em “um método de recapitulação da experiência passada que consiste em fazer corresponder uma sequência de eventos (supostamente) reais a uma sequência idêntica de frases verbais”, ou seja, a narrativa é a verbalização de situações

vividas, uma maneira bastante efetiva de recapitular a experiência que estão armazenadas na biografia do narrador.

A narrativa sobre si possibilita ao sujeito revelar sua vida de forma singular, pois ele buscará apresentar sua vida, resgatando suas lembranças. Considerando a tentativa de preservação do que outrora foi um momento sublime, o idoso se reorganiza através de sua história, reconstruindo sua identidade. Esse resgate do passado se estabelece com um mecanismo de pensar sobre o presente.

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer-nos outras pistas para compreensão da fala do idoso. De fato fatores socioculturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seus discursos dentro de um parâmetro diversos dos realizados pelo falante de outras faixas etárias. (PRETI, 1991, p.77)

Ainda que apresente algumas especificidades, a linguagem do idoso não se configura como incompreensível aos indivíduos jovens, pois o idoso lança mão de estratégias linguísticas (ou extralinguísticas) para produzir sentido a seu enunciado. A enunciação se estabelece através dos interlocutores e a compreensão se efetiva como atividade onde ambos se dedicam considerando os conhecimentos partilhados.

A narrativa autobiográfica se configura sobre o aspecto subjetivo em que cada narração constitui-se como uma atividade singular de localização do sujeito falante, ou seja, a narrativa se estabelece pela possibilidade de o idoso, apoiado em sua memória, constituir-se como sujeito.

As memórias pessoais organizadas em depoimentos autobiográficos são fontes valiosas no esforço de compreensão da constituição da história de cada pessoa. Um sujeito, ao apresentar uma narrativa de tipo autobiográfico, constrangido pelas características desse gênero discursivo, organiza a apresentação no momento mesmo da narração. Lembrar, portanto, é recriar as experiências passadas com os olhos do presente (OLIVEIRA et al., 2006, p. 269)

Com essa proposição, podemos inferir que resgatar o passado através da narrativa não significa trazer fatos intactos da memória, mas relembra significar um processo contínuo de avaliação dos fatos, considerando as circunstâncias que envolvem a enunciação.

3.2.2 FALANDO DO PASSADO PARA FALAR NO PRESENTE

Conforme dissemos, o falar de si é uma forma de estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, é criar raízes, por esse motivo não podemos considerar as

narrativas como instâncias reais, pois as experiências trazidas pela memória entrelaçam os três tempos: passado, presente e futuro no contexto enunciativo, ou seja, a narrativa biográfica tem caráter inteiramente subjetivo. Duas pessoas podem ter vivido a mesma situação, no entanto, elas relatarão o fato de formas diferentes. Isso acontece porque cada relato estará impregnado de toda carga emotiva e contextual, por isso o contar história é, sobretudo, uma identificação do sujeito na enunciação.

Quando se trata de falar sobre os tempos da juventude, sobre “seu” tempo, o idoso revela uma disposição pouco comum em relação a outros tipos de falante, principalmente na presença de uma audiência que lhe é conhecida. Compreende-se: é a oportunidade da participação social efetiva, de interagir com uma audiência atenta, situação pouco comum, quando se trata de falante idoso. (PRETI,1991, p.72)

Por esse motivo, o idoso ao expor uma narrativa, apresenta-a num aspecto elucidativo, ou seja, ele busca com satisfação explicar algumas expressões enunciadas, tanto pelo fato de repassar conhecimento como para se fazer entender, permitindo-lhe atuar enquanto sujeito falante, escapando da marginalização.

A narrativa do idoso é bastante peculiar a sua fase da vida, apresentando-se, muitas vezes incongruente, pois permite que esse indivíduo deixe a sua atual condição de sujeito retraído passando para um estado de disposição enunciativa, ou seja, tendo a oportunidade de falar e ser ouvido, sua narrativa “dispara” e ele buscará apresentar suas experiências, seus valores. Todavia, contrariamente, é exatamente nessa circunstância que o idoso deixará transparecer sua insegurança no falar, pois ele não sabe se sua fala desperta interesse ao seu interlocutor. Por conta disso, o sujeito lançará mão de estratégias para fincar a atenção daquele que o escuta.

Os sujeitos, ao interagirem através do diálogo, apóiam-se um no outro num processo contínuo, a fim de promover sentido ao que é dito. No entanto, esse mecanismo revela-se ainda mais eficiente na fala do idoso por permitir que este dê continuidade à conversação, tendo em vista seus entraves sociocognitivos, ou seja, ainda que algumas estratégias sejam peculiares à fala, elas tornam-se ainda mais no sujeito idoso, pois elas revelam o que não emerge à memória, isto é, elas estão relacionadas às falhas de acesso ao léxico.

É importante expor aqui que as lembranças não são fatos fixados na memória, mas lembrados e transformados através de sua relação com seu mundo, ou seja, o sujeito na verdade não “acessa” o passado, mas reconstrói sua história cada vez que narra. Dessa maneira, afirmamos que não há uma linearidade de ordem cronológica,

uma vez que a narrativa não relata as lembranças de quem a enuncia, de acordo com a própria sequência da memória, podendo haver momentos de digressões quanto ao tempo cronológico, ou seja, uma lembrança remete a outra.

Os fatos reais e os fatos imaginados se imbricam por estarem vinculados a crenças e valores sociais agregados ao sujeito no decorrer de sua vida. O imaginário se revela como uma forma de se perceber dentro de sua trajetória. Dessa forma, a narrativa do idoso não nos permite delimitar o que realmente acontece ou o que foi de fato imaginado. É importante salientar que o ato de confabular é uma prática discursiva que se constrói na relação entre o falante e seu interlocutor, ou seja, a confabulação se submete às contingências de ordem discursiva que regem a produção e a interpretação de sentido.

Segundo Abrahão (2006), o uso da memória, ao relatar uma narrativa, assume três funções: a reconstrutiva, por permitir ao falante reconstruir sua história; a função seletiva, que possibilita captar conscientemente o momento de sua trajetória; e a função de compartilhamento da narrativa, por possibilitar que os relatos sejam compartilhados entre os interlocutores.

Dessa forma, a dinâmica permeada entre o imaginário e a memória se desvela através da narrativa, permitindo a reflexão acerca do funcionamento linguístico discursivo, como forma de atribuir sentido a sua própria existência, considerando-a como processo de constituição do sujeito.

Segundo Bosi (1979),

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. (BOSI, 1979, p. 31)

De acordo com Bosi, narrar sua história de vida é uma prática bastante complexa, que estabelece mecanismos sociocognitivos e interativos. Ao narrar, o sujeito marca-se como sujeito histórico, reflete sobre seu tempo, compara-o como o tempo presente e interage com seu interlocutor.

3.2.3 FALO “MAL”, MAS FALO DE MIM

Como pode ser observado, a descontinuidade é uma característica intrínseca à narrativa.

Segundo Koch (2006), a descontinuidade,

Decorre de uma perturbação da sequencialidade linear, verificada na seguinte situação: um tópico introduz-se na linha discursiva antes de ter sido esgotado o precedente, podendo haver ou não o retorno deste, após a interrupção. Nos casos em que há retorno, temos os fenômenos de inserção e alternância; nos casos em que não há retorno, temos a ruptura ou corte. (KOCH, 2006, p. 98)

Embora seja uma característica normal, a descontinuidade é bastante marcada no fluxo narrativo do sujeito idoso por apresentar um número maior de ocorrências em detrimento à lentidão psico-cognitiva comum no idoso. De acordo com Preti (1991), estudos mostram que as pausas tendem a aumentar em idades avançadas, enquanto o tempo de articulação é inversamente proporcional, o que indica que na velhice, além de os aspectos motores e cognitivos estarem comprometidos, a fala se enfraquece.

Essa característica dificulta a organização do discurso de maneira fluente. A reflexão sobre a narrativa do sujeito idoso ultrapassa as questões de ritmo ou entonação, pois o que mais se revela é a fragmentação e organização de sua fala, principalmente porque esta habitualmente gira em torno de experiências vividas, ou seja, sua fala se organiza por temas.

De acordo com Koch (1992),

Quando se fala, fala-se de alguma coisa, isto é, durante uma interação, os parceiros tem sua atenção centrada em um ou em vários assuntos. Tais assuntos são de certa forma, delimitados no texto conversacional, embora, frequentemente se passe quase insensivelmente de um turno ao outro. (KOCH, 1992, p.72)

Segundo a autora, na sequenciação linear dos tópicos ocorrem, muitas vezes, descontinuidades que parecem prejudicar a coerência do texto falado, todavia, o próprio segmento encontra a organização, fazendo com que desapareçam as incoerências. Koch (1992) salienta que os gestos, expressões fisionômicas podem também funcionar como finalizadores de um tópico.

Marcuschi (1986) também defende esse posicionamento. Para ele, a coerência na fala está relacionada à interpretação mútua, mas que, de modo geral, as conversações se iniciam através de um tópico motivador.

Uma conversa fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade, mas é muito comum que a passagem de um tópico a outro seja marcada. Os marcadores de introdução de tópicos não funcionam apenas para indicar que se esta passando para algo novo, mas que esta passagem tem alguma razão de ser e deve ser notada. (MARCUSCHI, 1991, p. 77)

No entanto, ao olharmos para a fala do idoso, verificamos que muitas vezes essas marcações não se fazem presentes, o que requer do seu interlocutor maior atenção para poder compreender o que é enunciado, uma vez que a descontinuidade do fluxo narrativo prejudica as organizações tópicas.

Uma especificidade da fala do sujeito envelhecido são os segmentos parentéticos. Esses segmentos se configuram com um comportamento linguístico que se sobrepõe à narrativa, trata-se de um tópico encaixado que faz alusão à determinada época.

De acordo com Jubran e Koch (2006), as inserções parentéticas são fenômenos de articulação de informação no discurso oral. Segundo a autora, "a parentetização tem por característica a inserção, no segmento tópico, de informações paralelas ao assunto em relevância naquele momento do texto, promovendo um desvio tópico discursivo no qual se encaixam" (2006, p. 35). De todo modo, esse tipo de mecanismo, além de buscar um posicionamento temporal, pode fazer com que o enunciado torne-se confuso para o interlocutor.

Os problemas apresentados na narrativa do idoso acabam por desvelar suas dificuldades linguístico-discursivas em assimilar informações, promovendo, muitas vezes, a autocorreção. Imbricados a esses problemas estão as questões de memória que afetam o acesso lexical.

Muitas vezes, diante desta situação, o sujeito ora silencia, expressando sua angústia, ora faz uma mudança brusca de tópico para se manter na enunciação. Em ambos os casos, fica evidente sua aflição diante de sua situação. Nas palavras de Marcuschi (apud PRETI, 1991, p.13), as estratégias utilizadas têm função de "resistir e preservar sua imagem social no processo natural de envelhecimento".

É importante salientar que algumas estratégias, como pausas, hesitações e repetições, apesar de serem comuns no texto falado, no discurso do idoso apresentam-se como momentos de insegurança, pois elas ocorrem em lugares incomuns, em virtude das questões referentes à memória.

Vale destacar que as repetições são características marcantes na fala do idoso, o que a torna bastante pobre em termos qualitativos, mas rico em quantidade, uma vez que as estratégias de que o indivíduo lança mão se estabelecem como uma tentativa de se manter no curso enunciativo-discursivo. Dessa forma, ainda que as repetições sejam também um recurso usual da linguagem oral, elas ganham um grande destaque na narrativa do sujeito idoso.

Grosso modo, podemos dizer que as características emanadas do discurso do idoso se revelam como algo intensificado em relação à fala do sujeito jovem, ou seja, são características comuns a ambas categorias que se divergem nos aspectos quantitativos. Em todo caso, não podemos deixar de considerar as circunstâncias da narrativa. Dessa forma, para que haja uma troca efetiva dos interlocutores é preciso que as categorias de espaço e tempo sejam atualizadas, uma vez que a retomada do passado é intrínseca à fala do idoso e se estabelece através de alguns mecanismos, como situar o falante em “seu tempo”, em determinados lugares. No que tange ao acesso lexical, muitas vezes as questões mnemônicas afetam esse mecanismo, fazendo com que o idoso faça uso constante da dêixis para dar continuidade a sua fala, os elementos dêiticos se apresentam como formas de extrema importância para a marcação de tempo, do espaço e do próprio indivíduo. Através de sua narrativa e (considerando as questões sociocognitivas) estratégias, o sujeito lança mão de formas verbais para fazer marcações de tempo, espaço e pessoas (elementos dêiticos), constituindo-se como sujeito de sua história, ou seja, sendo autor de sua própria história.

Verificamos que a narrativa do idoso é marcada por reminiscências. Segundo Preti (1991), a comparação estabelecida entre passado e presente parte da pressuposição do próprio estereótipo do envelhecimento “os tempos antigos eram sempre melhores”. Essa marcação dêitica permeada pela dicotomia ontem/hoje permite fincar sua imagem enquanto sujeito social, desvelando a capacidade dele conduzir seus turnos.

Segundo Bosi (1979), a linguagem sustenta o indivíduo idoso, de modo que sua bagagem histórica e social e sua relação com a linguagem possibilitam a esse sujeito entender como se constitui a sua subjetividade. Sendo assim, o idoso pode, através de sua narrativa de história de vida, produzir sentido, considerando que cada relato apresenta uma trajetória singular. Mas como acontecesse com a fala do sujeito acometido pela DA? Verificaremos essa questão no próximo subitem, no qual pontuaremos sobre como os aspectos cognitivos podem ser revelados na esfera linguística.

3.3 A NARRATIVA E A DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

O sujeito demenciado, além de sofrer de uma doença neurodegenerativa, sofre, sobretudo, de inevitáveis resultados relativos ao seu período de vida, ou seja, ele é afetado por questões sociais, culturais, históricas e biológicas. Ele se encontra num momento marcado por perdas significativas.

A narrativa do sujeito demenciado demanda a própria subjetividade, no entanto, o sujeito com DA apresenta uma desconstrução do ‘continuum’ discursivo, direcionando-o a digressões constantes ao passado. Na DA, é bastante comum incorporar o passado em detrimento do presente, ou vice versa. A subjetividade se efetiva na narrativa desse sujeito quando ele se posiciona em uma unidade temporal, sustentando-se dentro de sua história, e a ancoragem no passado tem o papel de preservação do eu enquanto estabelecimento identitário.

A demência, observada em seu aspecto linguístico-discursivo, está relacionada à fragmentação do discurso de maneira bastante intensa. A memória, enquanto elemento cognitivo, apresenta-se com um grande problema deflagrado pela degeneração do córtex cerebral: memória afetada, linguagem comprometida. A falta de elemento que componha sua história acarreta uma dificuldade de resgate de si mesmo, por isso a narrativa de história de vida permite a construção do sujeito através da consciência do *eu* enquanto aquele que enuncia. O resgate da memória através da narrativa é uma atividade bastante eficiente que possibilita ao sujeito com DA reconhecer sua identidade e ressignificar os fatos vividos.

Sabemos que na DA o comprometimento cognitivo desvela déficits linguísticos crescentes, bastante característicos, principalmente no tocante à nomeação e à continuidade em sua fala. Por conta disso, os sujeitos tornam-se bastante repetitivos, porque ora esquecem aquilo que falam e/ou escutam, ora porque não conseguem evocar as palavras desejadas para atribuir sentido ao seu discurso, tornando-o empobrecido de elementos verbais, caracterizando sua fala com o uso bastante intenso de elementos dêiticos.

A marcação dêitica se apresenta como uma ferramenta bastante eficaz de compensação relacionada à evocação de referentes enquanto objetos do discurso, permitindo ao sujeito a capacidade de ressignificar sua fala, possibilitando que seu interlocutor compreenda-o, além de permitir que o sujeito demenciado se constitua

enquanto sujeito, ao passo que relata sua história através de seu posicionamento dentro da enunciação.

Todavia, ainda que os problemas linguísticos-discursivos sejam frequentes na narrativa do sujeito com DA desde a fase inicial da doença, é preciso considerar que este, através de sua fala, apresenta uma resistência a um silenciamento postulado por suas dificuldades, fazendo-o buscar, através de mecanismos discursivos, a possibilidade de se posicionar dentro do processo interativo estabelecido através da enunciação. Neste prisma, no próximo capítulo, serão abordadas considerações referentes ao processo de referenciação estabelecido pela narrativa enquanto mecanismo de ressignificação do passado, assim como discorreremos sobre a dêixis como estratégia que o sujeito demenciado utiliza para se manter no fluxo discursivo.

CAPÍTULO IV: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PELA LINGUAGEM

Neste capítulo, apresentaremos proposições relacionadas à constituição do sujeito através da linguagem. Para tanto, traremos para a discussão as reflexões sobre a dicotomia referência-referenciação para podermos apresentar um posicionamento teórico sobre o homem na língua. Considerando que a referenciação dêitica se estabelece como um dos mecanismos mais eficazes de marcar o sujeito na fala, apresentaremos algumas concepções sobre a noção de dêixis, ao passo que informamos que o posicionamento que adotamos é concepção postulada por Lahud (1979) que aponta para a Teoria da Enunciação como aquela que traz as proposições mais relevantes sobre essa reflexão. Dessa forma, apresentaremos a dêixis como estratégia discursiva bastante significativa para a marcação da subjetividade do sujeito com DA, possibilitando-o, além de se manter no fluxo discursivo, constituir-se enquanto sujeito.

4.1 DA REFERÊNCIA A REFERENCIAÇÃO: UM CAMINHO, DUAS PERSPECTIVAS

Com intuito de refutar a concepção de linguagem enquanto espelhamento do mundo, e toma-la como uma atividade sociocognitiva promovida através da interação, apresentaremos nesta sub-sessão as diferenças entre a referência e referenciação, uma vez que através dessa compreensão será possível perceber que o sentido de um texto (falado ou escrito) é construído através de processos interativos.

As questões concernentes à referência perpassam a filosofia da linguagem e a linguística, abarcando posicionamentos teóricos divergentes, um afiliado à tradição filosófica, o outro oriundo de conjecturas que envolvem as ciências humanas e sociais que se aliam a uma perspectiva de uma linguística contemporânea (como o sociointeracionismo e a pragmática). Portanto, podemos verificar que tal questão sempre esteve presente na esfera daqueles que procuram refletir como a linguagem se refere ao mundo. (MONDADA, 2005)

Esses posicionamentos nos apresentam respostas diferentes no tocante a tal indagação. Uma tendência acredita na existência da relação entre as palavras e as coisas do mundo, ou seja, as palavras servem para etiquetar as coisas. Nessa tradição linguístico-filosófica, referir assume o papel de proceder por caminhos linguísticos uma

representação do mundo. Essa perspectiva ficou conhecida como ‘a metáfora do espelho’.

A linguagem tida como realidade mental seria um espelhamento do mundo, sendo este uma realidade extra-mental. Daí, surgiria a noção de correspondência. (MARCUSCHI, 2007, p. 96)

O discurso, de acordo com esse posicionamento, é concebido como representação do mundo objetivo em que a relação língua-mundo é estimada por referentes que representam o mundo ou autorizam a sua representação.

A perspectiva à qual nos vinculamos fundamenta-se numa visão de língua enquanto unidade social, construída na enunciação e pela enunciação, conforme esclarece Benveniste (1974, p. 83-84) “antes da enunciação a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso”, com isso certamente o autor aponta para o caráter social, concebido por ele como um consenso social.

A relação língua e sociedade é pontuada com frequência pelo autor,

[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade. Poder-se-à dizer, nesse caso, que é a língua que contém a sociedade. (BENVENISTE, 1974, p. 63)

Podemos observar que as proposições benvenistianas evidenciam as relações imbricadas entre o linguístico e o social. Nesse entendimento, Benveniste sustenta a concepção de que a língua e o sujeito se constituem nos processos enunciativos, percebendo o caráter social da enunciação que permite ao homem, pela apropriação, encadeamento e adaptação dos diferentes signos, significar e ressignificar.

Nessa assertiva, concordamos com Marcuschi (2002) quando ele afirma que a referência é um ato criativo, uma atividade complexa e não um simples ato de nomeação. Para esse autor, o ato de referir é uma atividade linguística e sociocognitiva, gerida na interação e na intersubjetividade.

Marcuschi (2007) refuta a ‘metáfora do espelho’, segundo a qual a língua é concebida como um espelhamento do mundo e propõe a ‘metáfora da lâmpada’, concebendo a língua como:

[...] uma apresentação: a língua não é um retrato e sim um trato do mundo, isto é, uma forma de agir sobre ele. Mais que capital, a língua é uma moeda, servindo para trocas; mais do que almoxarifado de mercadorias disponíveis (num estoque de itens

lexicais) a língua é carpintaria (uma espécie de heurística). A língua não é uma dupla de trilhos a ligar dois polos – o mundo e a mente, mas um conjunto de trilhos que decidimos seguir mesmo que dê em aporias. (MARCUSCHI, 2007, p. 108)

Essa concepção sociocognitiva da referência é percebida por Koch e Cunha-Lima (2004) como extremamente relevante para que compreendamos como o sentido pode ser construído de forma interativa. Ao discorrer sobre os autores que se preocupam com o processo de referenciação, eles sinalizam para o grupo franco-suíço composto por Mondada e Dubois e Apothéloz e no Brasil estão Koch, Marcuschi e Salomão, dentre outros. Os referidos autores preconizam que a referência é fruto de um processo dinâmico e intersubjetivo que se constitui na interação promovida pelos sujeitos da enunciação, ou seja, não há uma estabilidade na correspondência entre as coisas e as palavras.

Dessa forma, Rodrigues (2007), citando Apothéloz e Reichler-Beguele, apresenta que,

[...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados ‘objetos-de-discurso’ não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos –fundamentalmente culturais – desta atividade. (APOTHÉLOZ & REICHLER-BEGUELE apud RODRIGUES, 2007, p. 78)

De acordo com Mondada (2005), os objetos do mundo aos quais o discurso faz referência são constitutivamente discursivos, de modo que são estabelecidos na enunciação, posto que eles são desenvolvidos numa atividade discursiva. Eles são uma construção do mundo através do discurso. Segundo Cavalcante (2011), o uso do vocábulo referenciação surgiu na Suíça através dos estudos de Mondada (1994) que, ao conceber a linguagem como atividade discursiva, institui a expressão ‘objeto de discurso’ para sinalizar que as coisas do mundo não estão prontas nem determinadas *a priori*, mas são estabelecidas por meio da interação verbal.

Esse direcionamento sobre as questões referenciais, percebidas em seu caráter sociocognitivo e interacionista da linguagem, é marcada pela permuta do termo referência por referenciação.

Tal mudança de perspectiva, desenvolvida pelos que procuram superar os impasses causados pela forte distinção entre posições internalistas e externalistas no campo dos estudos lingüísticos, é assinalada pela substituição do termo *referência* por *referenciação*, visto que passam a ser objeto de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos

que constroem *mundostextuais* cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são, isto sim, interativamente e discursivamente constituídos em meio a práticas sociais, ou seja, são *objetos-de-discurso*. (KOCH, MORATO e BENTES, 2005, p. 08)

De acordo com Marcuschi (2007), pensa-se, então, na questão referencial em uma nova configuração teórica onde os aspectos interativos e discursivos estão imbricados no processo de referenciação, pois, segundo o autor, os signos linguísticos são insuficientes e o mundo não se encontra como realmente é dito.

[...] a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente. [...] Dizer é um modo de construir o mundo, mas dizer é dizer para alguém, de modo que a construção pelo discurso é dialógica, isto é, interativa. Daí porque ela se dá no discurso. (MARCUSCHI, 2007, p. 70 -94)

Dessa forma, o processo de referenciação está atrelado aos processos cognitivos de interação e intenção, pois, na linguagem em funcionamento, algumas estratégias discursivas são apresentadas com o objetivo de garantir a intenção do falante.

Segundo Marcuschi (2007), é possível estabelecer compreensão do que foi enunciado, considerando as competências cognitivas e conhecimentos de mundo entre os sujeitos, onde as próprias faculdades cognitivas lhes asseguram em virtude de sua natureza social.

Verificamos assim que, por intermédio da referenciação, construímos os objetos a que fazemos remissão, pois os referentes não se estabelecem como coisas no mundo real, mas como uma manifestação cognitiva pautada entre os sujeitos.

O sentido do discurso entre interlocutores não está subordinado apenas às particularidades textuais, mas também inerentes às relações sociocognitivas dos sujeitos com a língua. A produção de sentido implica num composto de atividades entre interlocutores, de modo que se estabelece como um processo contínuo que se opera na inter-relação.

É pertinente salientar que a concepção de texto aqui apresentada é ratificada nos postulados de Koch (2009), uma vez que a autora define o texto como:

(...) resultado da interação verbal de indivíduos socialmente atuantes, ao que eles coordenam suas ações a fim de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. (KOCH, 2009, p. 26)

É possível dividir com o outro conhecimentos e experiências. Essa comunhão das riquezas intelectuais entre sujeitos sugere a continuidade do processo construtivo do conhecimento, dessa forma, produzir um discurso (oral ou escrito) se constitui numa atividade de grande relevância, uma vez que os textos, concebidos como meios de cognição social, dão possibilidade ao homem organizar sua realidade cognitivamente.

Numa interação face a face, por exemplo, o que pode ser visto e ouvido pelos interactantes, são o ambiente físico, os objetos e pessoas circundantes, ou seja, o contexto físico e perceptual imediato ao evento. (KOCH e CUNHA-LIMA, 2004, p. 282)

Verificamos com essa assertiva que a interação face a face não é uma mera convenção linguística que compreende a linguagem como uma atividade de codificação e decodificação, mas uma atividade bastante complexa em que o sentido é construído através de uma atividade colaborativa, isto é, o sentido de um discurso se estabelece de modo histórico e social, requerendo dos interlocutores conhecimentos sobre o que se busca compartilhar.

Segundo as autoras,

compreender textos depende sempre, então, de uma grande parcela de conhecimentos partilhados [...]; textos são também fontes fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre indivíduos, sendo uma das mais importantes e centrais formas de cognição social e de organizadores do conhecimento de uma cultura. (KOCH e CUNHA-LIMA, 2004, p. 292-6)

No tocante à referenciação, optamos por uma perspectiva enunciativa da questão, ou seja, a referenciação é uma atividade discursiva bastante importante para a construção textual, não somente por auxiliar em sua tessitura, mas por desempenhar um papel sociocognitivo, por se construir e se reconstruir no interior do próprio discurso, segundo as nossas concepções do mundo, nossas opiniões, atitudes e com o processo enunciativo colocado em jogo dentro de uma situação interativa.

Nessa perspectiva, para abalizar o referente enquanto objetos de discurso e não mais como objetos do mundo, é necessário considerar a condição dinâmica de referenciar enquanto atividade cognitiva-discursiva, posto que a referência é a consequência das atividades realizadas pelos sujeitos através da enunciação.

O texto é percebido enquanto lugar de interação (KOCH, 2001), no qual, dentro desse processo interativo os interlocutores constroem sentidos através do partilhar de seus conhecimentos. Ao refletirmos sobre os processos de referenciação, é primaz marcá-lo em seu caráter cognitivo e linguístico, uma vez que aludem às práticas

discursivas às quais a função do sujeito é articular a linguagem através de situações interativas. Por conta desse aspecto, elegemos a necessidade de discorrermos sobre a dêixis por entendê-la como elemento discursivo de maior eficiência para marcar as posições do sujeito em sua fala. A referenciação dêitica constitui-se como unidade intrínseca na enunciação, estabelecida através dos processos interativos.

Dessa forma, antes de abordarmos os aspectos linguísticos da referenciação dêitica, faz-se necessário apresentarmos uma base teórica referente à concepção de dêixis, para posteriormente compreendermos o funcionamento linguístico discursivo desta categoria.

4.2 MAS, AFINAL, O QUE É A DÊIXIS?

Antes de iniciarmos nossa incursão sobre a concepção da dêixis, julgamos necessário apresentarmos a perspectiva a qual nos fundamenta, do que vem a ser linguagem, por entendermos que essa demarcação é válida na medida em que direciona o nosso posicionamento teórico.

Nosso posicionamento nessa dissertação se circunscreve por considerarmos a linguagem como instrumento estruturante. Portanto, interessa-nos o fato de a linguagem ser constitutiva ao homem, conforme afirmou Franchi:

[...] a atividade linguística, além de envolver a realização de funções sociais exteriores, em que a linguagem aparece como possibilitando tarefas de ocasião, realiza-se em uma multiplicidade de operações (em sentido intuitivo) subjacentes, interiores ao sujeito, *de que a configuração superficial das expressões é traço revelador*. Não se reduz, assim, essa atividade ao ato mesmo de enunciar, em que se utiliza o sistema linguístico para a articulação de inúmeros discursos possíveis, carregando um sentido responsável pelos seus efeitos. Como observa bem Culioli (1970: 3) “a atividade linguística é significante: é porque existem, na comunicação, operações nos seus dois pólos que os enunciados ganham sentido (operações complexas, pois todo emissor é ao mesmo tempo receptor e vice-versa). Mas não se pode afirmar que as palavras têm um sentido sem ser levado a uma concepção instrumental da linguagem, concebida como um instrumento cuja finalidade explícita seria a comunicação dos sujeitos universais que, como se sabe, participam juntos do ‘bom senso’. Ora, pode-se mostrar que a linguagem não é exterior, somente, ao sujeito, mas está em uma relação complexa de exterioridade-interioridade”. (FRANCHI, 1977, p. 59)

Para esse autor, a linguagem era percebida como um lugar exequível de criação e de constituição, em que somente cortes metodológicos e exceções mostrariam um

mapa estável e constituído. Para ele, o que baliza a linguagem é a atividade que ela cria e constitui, um trabalho que “dá forma” ao conteúdo variável de nossas experiências.

Desta forma, não nos dispomos aqui a afirmar que a linguagem é um instrumento de comunicação como outrora foi afirmado por estudiosos da linguagem, pois consideramos arcaico esse posicionamento. Nos colocamos no patamar da Linguística da Enunciação¹⁸, por apresentar que o exercício da fala está associado a uma cadeia significativa de relações, tanto nos aspectos intersubjetivos como também entre o homem e seu espaço.

Assim, almejamos fazer um levantamento teórico sobre a concepção da dêixis a fim de que essas informações nos forneçam suporte para a compreensão do funcionamento desta manifestação discursiva, não somente numa atividade narrativa, mas, no caso de nosso estudo, numa atividade narrativa num contexto patológico, mais precisamente na Demência de Alzheimer.

A perspectiva teórica que adotamos nos direciona a perceber a linguagem não mais como instrumento de comunicação, mas de reflexão, ou seja, “substituir a experimentação motora sobre as coisas pela experimentação mental sobre os signos” (LAHUD, 1979).

Trata-se, em todos os casos, do estabelecimento de uma classe linguística onde certos elementos são colocados lado a lado: essencialmente, os pronomes pessoais marcados pela oposição eu/tu, o demonstrativo isso e os signos temporais. É esse o recorte feito sobre as categorias tradicionais, selecionando sobretudo as de pessoa, tempo e proximidade para delas fazer uma única classe, que pode ser considerado como marca distintiva daquilo que se inclui na noção de dêixis. (LAHUD, 1979, p. 43)

Entendemos que não é uma tarefa fácil buscar uma categorização única para uma dada classe de palavras, por considerar a complexidade que envolve o uso de certos vocábulos e sua gama de sentidos que permitem ser apresentados numa tarefa descritiva.

À semelhança de Lahud (1979), procuraremos considerar determinados aspectos que se vinculam com a origem do termo dêixis, apresentando um sucinto panorama da reconcepção deste termo. Para efeito, traremos para essa discussão alguns teóricos da linguagem que estabelecem reflexões acerca dessa temática, que positivamente nos ajudará a compreender as manifestações dêiticas.

¹⁸ Teoria Linguística postulada por Émile Benveniste, na década de 60, responsável por marcar a presença do homem. Falaremos dela mais adiante.

4.2.1 UM OLHAR SOBRE A ORIGEM DA DÊIXIS

Buscaremos nesse subitem apresentar considerações sobre a origem do termo dêixis, perpassando pela esfera filosófica, seu ponto de origem, até chegar ao terreno linguístico. Nesse caminhar, nos depararemos com conceitos que, ainda que tenham suas peculiaridades, apresentam conceitos bastante semelhantes.

A origem do termo dêixis é grega e coincide com a origem de seu uso na descrição gramatical grega. Para Fonseca (1989), a relação desse termo com a linguagem figura-se estar precípuo em esfera etimológica, uma vez que a raiz (deik – dik) é corrente a várias palavras gregas e latinas, entre as quais está incluída a palavra *dicere*.

Houve também mérito dos filósofos Russell e Wittgenstein para as reflexões sobre a dêixis. Em Russell, encontra-se um tratamento das palavras ‘cuja denotação é relativa àquele que fala’, essas palavras para Russell foram concebidas como circunstâncias egocêntricas. Fonseca (1989) notifica sobre os méritos a Wittgenstein (1953), pois ainda que ele não tenha explicitado suas colocações sobre os dêiticos, reconheceu a acuidade das suas reflexões sobre a linguagem no estudo centrado no uso, na interação linguística, elegendo o ato de ‘mostrar’ como um importante recurso para a linguagem.

Para Bühler (1934), primeiro autor a conceituar a dêixis, as expressões dêiticas referem-se a um campo dêitico da linguagem, cujo origo (ponto zero) está marcado naquele que fala. Para este autor, as palavras dêiticas são vazias, solicitando pistas situacionais. Ele dispõe a distinção entre nomear e mostrar como dois meios elementares de significação linguística, sancionando a importância e especificidade da significação dêitica.

Desta forma, segundo esse autor, o papel representativo da linguagem não seria a única função que os signos desempenhariam, ou seja, ao lado dos signos conceituais existiam também os signos mostrativos, salientando que apontar linguisticamente é uma maneira complementar da representação conceitual. Com isso, o autor estabelece que o funcionamento da linguagem tem como eixo a teoria de campo, local onde se manifesta a linguagem verbal por meio de um campo simbólico e um campo mostrativo.

A conjugação deste campo mostrativo com o campo simbólico formando um o que Bühler designa como sistema de campos (Feldsystem) permite explicar a produtividade da linguagem verbal, o fato de ser possível “/.../ com um repertório limitado de formas lingüísticas representar de um modo suficientemente

diferenciado y exacto uma multiplicidade ilimitada”. (FONSECA, 1989, p.119)

De acordo com Fonseca (1989), Bühler define o campo mostrativo cujo origo (centro) é o sujeito falante e suas coordenadas espaço-temporais. Ele define a mostraçõ verbal nas suas três formas – dêixis ‘ad óculos’, anáfora e dêixis ‘am Phatasma’¹⁹ – buscando explicações para a produtividade linguística. A redescoberta da dêixis direciona para uma nova forma de perceber a significação linguística através da convergência do valor de campo e do valor conceitual.

Segundo Lyons (1977), a propriedade essencial da dêixis é que ela determina a estrutura e a interpretação dos enunciados em relação à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e eventos, na situação real de enunciação. Para Lyons, o termo dêixis tem a significação de assimilar, indicar, ou seja, está relacionado com o gesto de apontar. Observamos que aquilo que conhecemos como pronomes demonstrativos foram outrora dêiticos na tradição grega.

Diante disso, inferimos que os dêiticos são unidades que apontam para uma entidade, sejam objetos, sejam pessoas. Em outras palavras, podemos dizer que o sentido do termo dêixis nos direciona para a função verbal de apontar, de chamar a atenção, ou seja, as unidades dêiticas apontam para dentro do enunciado, para dados importantes que permitem os interlocutores estabelecerem uma adequada compreensão.

Segundo Lahud (1977), dêitico é um termo formado a partir de dêixis – termo grego DEITIKÓS, significando ação de mostrar, indicar, assimilar, etc. – uma palavra utilizada pelos filósofos para designar uma das classes da categoria mais larga das expressões referenciais definidas, é usada também pelos linguistas, dos quais alguns a consideram equivalente à noção de enunciação²⁰.

¹⁹ Segundo Marcuschi (2005), apoiado em Bühler, há três tipos de marcações dêiticas: a anáfora remissiva ou catáfora, referindo-se a algo que ainda será enunciado; “deixis ad oculos”, que engloba os 20 mostrativos e suas referências dentro do discurso; e a “deixis em fantasma”, que solicita uma atividade psicológica dos interlocutores, para que se restitua a significação dos índices ausentes no discurso, quando o locutor envolve-se, somente através de signos, com um mundo ausente.

²⁰ A enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse ato é o enunciado, cujas características linguísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. Assim, a enunciação é o fato do locutor, que se apropria da língua, e das características linguísticas dessa relação.

Para esse autor, os dêiticos são índices na medida em que se referem de maneira dinâmica à situação discursiva e são também símbolos, na medida em que assumem um significado codificado na língua.

Uma importante consideração damos a Jakobson (1957), no tocante à concepção sobre a dêixis. Em seu artigo ‘Shifterand verbal categorieis’ ele salienta sobre a existência de unidades gramaticais que têm relevante função dentro da comunicação verbal. Os ‘Shifter’ (termo inglês que quer dizer: mudar, variar, trocar, e cuja tradução para o francês foi ‘embrayeurs’ e para o português ‘embreantes’) têm como função “fazer referência à mensagem na qual é utilizada”, possuem características dêiticas porque produzem informações inerentes ao evento enunciativo, de modo que os mesmos só apresentam sentidos se forem considerados em sua situação de uso, uma vez que fora desta nada podem apontar.

De acordo com Jakobson (1963), na caracterização da comunicação lingüística, estaria, basicamente, a oposição entre “shifter” e “non-shifter”. Na categoria de “shifter”, estariam os pronomes pessoais (eu/tu, nós/vós e as formas possessivas equivalentes), as desinências verbais e, como coadjuvantes dos verbos, os modalizadores temporais(hoje/agora, etc..) e espaciais (aqui/lá).. Na categoria de “nonshifter”, os nomes próprios e os pronomes indefinidos. (MAGALHÃES, 1998, p. 72)

Com isso, percebemos que a significação de uma mensagem só poderá ser compreendida se for assimilada adequadamente, ou seja, para que a significação seja efetivada é necessário que o contexto seja considerado, pois essa permuta de papéis no processo de interlocução ilustra como cada interlocutor, por seu turno, referencia a si mesmo em relação ao outro, conforme postulou Jakobson, daí a importância que esse autor deu aos Shifters.

Nessa perspectiva, ao considerarmos a linguagem como atividade, inferimos, sob a ótica desse autor, que toda unidade que indicia uma enunciação será considerada como dêitica, e, como tal, somente poderá lhe ser atribuída significação dentro do espaço onde foi instituída.

Para Benveniste (1974, p. 80), a “referência é parte integrante da enunciação” sendo constituída dentro de uma instância discursiva. Para ele, é bastante comum o uso de expressões como indicadoras de subjetividade e índices da enunciação. Dessa forma, a referência configura-se como um jogo de formas, cujo papel é estabelecer entre o locutor e a enunciação uma relação constante. Nas palavras de Benveniste, “a dêixis é

contemporânea da instância do discurso que tem como indicador de pessoa”, com isso, o autor aponta para o grau pragmático que envolve os dêiticos em uso, ou seja, ele concebe a fala para além da língua.

Dessa forma, os dêiticos são expressões cuja referência tem sentido apenas na situação enunciativa, pois a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo-se, ele mesmo, como sujeito do discurso. Nessa conjectura, o *eu* do código está disponível a todos os falantes, de modo que falar é apropriar-se deste código, é organizar sua fala em torno do eu/aqui/agora.

(...) na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.” (BENVENISTE, 1974, p.84)

A dêixis, nos postulados de Benveniste, é uma categoria essencial que possibilita a representação da subjetividade na linguagem, pois, para ele, os dêiticos só existem no momento em que um indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de enunciar. Ao apropriar-se desses elementos, esse indivíduo atribui-lhes vida, adquirindo a capacidade de interação com o outro e institui-se como sujeito no mundo, uma vez que ele próprio marca sua existência ao declarar um ‘eu’ para um ‘tu’.

Ao que encontramos até aqui, verificamos que, quer sejam denominados como ‘dêiticos’, ‘embrayeurs’, ‘shifters’, ‘particular egocêntrico’, ‘índice’, ‘indicadores de subjetividade’, percebemos que esses termos se estabelecem como uma classe linguística, em que as unidades são dispostas lado a lado, fundamentalmente, os pronomes pessoais pela oposição eu/tu, os demonstrativos e os signos temporais. E esse corte, selecionando as categorias de pessoa, tempo e proximidade, para constituir através de uma categoria única, que é possível considerar como a noção de dêixis.

É importante salientar que alguns teóricos incluem o pronome da 3ª pessoa na ordem da dêixis, no entanto, outros o consideram como não-pessoa, citando apenas a oposição eu/tu, como é o caso de Benveniste. Gostaríamos de relembrar que nesse tópico buscamos apenas estabelecer uma noção sobre a dêixis, ou seja, refletir sobre sua origem. Não buscamos aqui conceituar a dêixis através de um mesmo pensamento sobre diversas perspectivas teóricas.

Atualmente, os estudos da dêixis têm se direcionado para além das unidades demonstrativas. Ela permite apresentar, na linguagem e pela linguagem, os meios de

condições de produção de uma situação enunciativa. Os elementos dêiticos são constitutivos da língua e têm como papel nos proporcionar pistas para que possamos reconhecer os interlocutores e suas práticas referenciais.

Para Lahud (1979), a verdade é que um novo palco no qual a noção de dêixis desempenha um papel relevante – senão principal – é constituído pela assim chamada “linguística da enunciação”, isto é, a dêixis é um fenômeno enunciativo que acontece em um lugar, um tempo e com sujeitos específicos.

Verificamos então que a dêixis para a teoria da enunciação (a qual nos vinculamos) se estabelece com unidades enunciativas que se apresentam como marcas do sujeito no momento de produção discursiva. Segundo Lahud (1979), os indicadores de subjetividade postulados por Benveniste estão vinculados ao processo enunciativo.

Poremos em evidência a sua relação com o eu definindo-os: aqui e agora delimitam a instancia temporal e espacial coextensiva e contemporânea da presente instância do discurso que contém eu. Essa série não se limita aqui e agora: é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação: hoje, ontem, amanhã, em três dias. (BENVENISTE, 1966, p. 279)

Na perspectiva benvenistiana, a interação verbal é inerente ao exercício da linguagem, em que o papel de apontar dos indicadores está ligado à função enunciativa, aquele que fala, ao falar, marca sua posição na enunciação. Esta então seria a prova da incorporação de um indicador de subjetividade ao sujeito que fala.

Apoiamo-nos em Lahud (1979), em sua empreitada de buscar uma noção sobre a dêixis, informando-nos que, até onde foi possível, ele relacionou a dêixis aos indicadores de subjetividades benvenistianos.

A noção, digamos, “linguística” da dêixis se constitui ali onde o fechamento da língua em relação aos objetos tem valor princípio: o que ela contesta é esse fechamento em relação ao sujeito, na medida em que justamente, desse “ponto de vista”, os dêiticos provam que é o sujeito está na língua e que, por conseguinte, a descrição “semântica” desta nos informa necessariamente alguma coisa sobre uma realidade que não ela própria: não sobre aquilo que se fala, mas (...)sobre “nós mesmos enquanto pessoas que falamos”. (LAHUD, 1979, p. 124)

Com tudo que foi apresentado, podemos inferir então que as unidades dêiticas são formas verbais cujo sentido é construído e ancorado na linguagem, pois esse código linguístico, disponível a todos os falantes, ganha corpo na fala, isto é, fazem uso de um código que se situa em torno de um eu/aqui/agora.

4.3 A REFERENCIAÇÃO DÊITICA COMO RECURSO LINGUÍSTICO

Tendo em vista nosso intuito de debruçarmo-nos sobre a teorização acerca da constituição do sujeito com DA através da linguagem, inferimos que apreciar as referências dêiticas em um terreno de instabilidade como é o caso da DA, apresenta-nos conveniente, ao passo em que possibilita revelar processos que talvez não estariam difusos em contextos não demenciais.

Os elementos dêíticos são essenciais para desvelar a importância de se perceber a proeminência do contexto no qual está acontecendo a situação linguística. As unidades dêíticas, conforme vimos anteriormente, não se estabelecem como uma classe fechada de palavras, elas podem e devem ser qualificadas de acordo com seu funcionamento. Dessa forma, o estudo da referenciação dêítica se estabelece como eixo empírico para a realização de nossa pesquisa.

O sujeito MP, ao enunciar²¹ “*Eu ia’ eu ia’ eu ia lá no::: no: na hora que o trem passava eu ia lá no::: esqueci o nome do lugar*”, a princípio, causa estranhamento na compreensão de seu interlocutor. Mas como se comunicar verbalmente e se posicionar sem as palavras que busco? Sem dúvida essa é uma questão bastante peculiar ao sujeito com DA. Contudo, considerando a categoria dêítica como um elemento linguístico, que tem por função reportar-se ao contexto situacional, expressando a relação entre o tempo real e o tempo referido através do sujeito como próprio ponto de referência enunciativa.

A complexidade do processo de referenciação dêítica firma-se numa dinâmica que ultrapassa os aspectos linguísticos, ela busca junto à esfera enunciativa suporte para dar conta das significações. Tais processos são estabelecidos num *continuum* constituído pela linguagem, interação, cognição e pensamento. (MORATO, 2000)

Ocorre que ainda existe um gargalo no tocante aos diagnósticos neuropsicológicos de sujeitos com Alzheimer. Sabe-se que há no país um grande índice de ocorrência, no entanto, há também uma enorme falta de informações relevantes acerca do problema. Por conta disso, é comum permearem na sociedade preconceitos em relação ao sujeito com DA. Há o preconceito legitimado, quando o sujeito demenciado não pode responder por si, nem tomar decisões. Há também o preconceito social, pois acreditando que ele seja um sujeito inimputável, é desmerecido e, conseqüentemente, marginalizado, pois se encerra sua cadeia produtiva. Além de tudo,

²¹ Analisaremos este trecho no capítulo referente à análise de dados, no quadro 3.

existe ainda o preconceito linguístico que, por se tratar de um ‘demente’, muitos acreditam que sua fala não pode ser considerada.

Por tantos motivos, voltamos a salientar a importância da interação no processo das significações, uma vez que para o sujeito que apresenta alguma patologia que manifesta na linguagem, não existe ambiente que possa se expressar e que não seja considerado um indivíduo que tem suas faculdades mentais ‘fora da lei’.

O debate que envolve as relações entre discurso e cognição em meio a um incessante confronto crítico-interpretativo que advém do tipo de investigação a que se dedica, traduzidas pela meditação cartesiana: Como é possível que a alma fale? Como é possível que signifique? Os impasses com os quais se defrontam esse dois domínios da Linguística indicam um número comum de questões teóricas que colocam em xeque os rumos atuais de suas escolhas epistemológicas, bem como os de suas justificativas metodológicas. (MORATO, 2002, p.12)

Considerando os postulados da neurolinguística como uma área que se interessa pelas relações estabelecidas entre linguagem e cognição, abrangendo também as perspectivas socioculturais, biológicas alinhadas aos fatores linguísticos, podemos perceber a relevância desta área para aqueles que buscam compreender o funcionamento linguístico-discussivo no contexto patológico.

O objetivo da Neurolinguística que buscamos desenvolver é, a partir da análise de aspectos linguísticos e cognitivos alterados em sujeitos com Afasia, Doença de Alzheimer ou Síndrome Frontal (entre outros demais), estudar o papel da linguagem na constituição dos processos cognitivos. O contexto patológico mostra-se também, como muitos investigadores tem indicado, um lugar importante para se pensar a relação entre linguagem e cognição. (MORATO, 2002, p. 17)

Mondada (2007) aponta para a constituição da intersubjetividade que se revela ao passo em que entende que a língua é cunhada através das práticas sociocognitivas. Desse modo, a falta de entendimento do outro acerca do problema de DA propicia o aumento do preconceito e do isolamento do sujeito acometido por essa demência.

A concepção encontrada em Lakoff (1980, apud KOCH e CUNHA-LIMA, 2004) de mente corporificada, na qual salienta que a cognição se estabelece através de nossas ações como um todo, torna-se relevante para esta pesquisa. Em outras palavras, a mente estaria assentada, de acordo com as experiências do sujeito no seu meio.

De acordo com Morato (1997), seria muito difícil compreender os conteúdos cognitivos ou esfera do pensamento fora da linguagem ou maneira de linguagem longe

do pensamento. Nessa perspectiva, não podemos conceber a atividade linguageira como campo desconexo, mas imbricado aos mecanismos extralinguísticos, como os elementos sociais, culturais e cognitivos.

Ao informar sobre sua ancoragem nos postulados vygotskyanos, a autora pontua:

Meu interesse pelo psicólogo soviético, que teve o mérito de assinalar o papel constitutivo e estruturante da linguagem em relação aos processos cognitivos (sem, contudo, explicitar os termos dessa relação) se dá na medida em que ele toma a linguagem como o principal mediador – necessariamente simbólico – entre as referências do mundo social e as do biológico. Como mediação do real a linguagem só pode ser apreendida como fenômeno cognitivo em termos relacionais (representacionais), já que para Vygotsky aquilo que é interno não é espelho daquilo que é externo. Ou seja, a relação do homem com a realidade, mediada pela linguagem, só pode ser pensada no domínio da interpretação. (MORATO, 2002, p.18)

A linguagem verbal é constituída de articulação motora e cognição, dessa forma o problema da DA não se estabelece apenas como uma afecção neurobiológica, mas sobretudo, cognitiva. É importante salientar, apoiando-nos em Vygotsky (1934), que as estruturas cognitivas são de natureza social, ou seja, ele defende a ideia de mente enquanto construção social, ao passo em que sua gênese é social.

A linguagem verbal, nesta perspectiva, é desenvolvida e não adquirida como se postulou (e ainda se postula), ela é uma faculdade humana específica de ação humana situada, que constitui os sujeitos como seres históricos, sociais e cognitivos, ou seja, a linguagem de cada indivíduo está condicionada pela inserção social e pelo contexto em que este está situado. (MARCUSCHI, 2007)

Ao nos direcionarmos para o estudo da referenciação dêitica, encaminhamo-nos para uma vertente sociocognitiva da linguagem, inclinamos ao contexto de produção, por acreditar que diversos aspectos semiológicos são evocados para estabelecer a significação.

Sabemos da riqueza dos processos referenciais, uma vez que eles abarcam muitas vezes gestos, expressões, entonações, estabelecendo um caminho para a significação. Desse modo, o sujeito com DA, ainda que apresente uma linguagem esgarçada, não deixa de se expressar por seus mecanismos referenciais.

É relevante apresentar que, ao observarmos um sujeito demenciado em produção de fala, o emprego da dêixis é bastante proeminente. Mais relevante ainda é estender o nosso olhar para além do código linguístico, considerando contextual. Essa reflexão nos

leva a perceber o quanto a enunciação é responsável pela significação, pois para que seja atribuído sentido não poderá haver um corte entre o linguístico e o contextual.

Conforme Salomão (1999), o sentido é estabelecido por meio de processos dinâmicos, através da enunciação. Verificamos então que o sujeito com DA não é aquele que não sabe o que fala ou que fala pouco, mas um sujeito que fala de outra maneira, procurando atribuir sentido ao que fala. De acordo com Koch (2007), a construção de sentido está relacionada a um conjunto de fatores situacionais, cognitivos e socioculturais que, ao ser processado pelos interlocutores, produzirá sentido, pois, para a autora, a condição de produção e os processos interativos entre os interlocutores são essenciais, uma vez que o texto falado possui estruturação própria que se efetiva através de situações sociocognitivas presentes durante a produção.

Com o objetivo de refletir acerca da linguagem da Demência de Alzheimer, abordaremos sobre a referência dêitica e sua complexidade na atribuição de sentido. Com isso, buscaremos mostrar a dinâmica estabelecida entre os processos cognitivos quando o sujeito com DA está em situação de uso da fala, uma vez que é exatamente nessas circunstâncias que a dêixis é empregada.

4.4 AS REFERÊNCIAS DÊITICAS E A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO

Segundo Apothelóz (2003), “certas expressões lingüísticas tem como particularidade que sua interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia”. Como vimos anteriormente, a dêixis é oriunda do grego e tem como significado o ato de apontar. Tradicionalmente a dêixis é percebida como unidade lexical que informa sobre a posição daqueles que falam em relação ao seu espaço social.

Para Lahud (1979), o fenômeno dêitico é constitutivo em todas as línguas, apresentando-se como uma importante fonte de considerações sobre a linguagem, além de se estabelecer num trabalho relevante para a compreensão dos aspectos sociocognitivos da própria linguagem.

Nesta perspectiva, a referenciação dêitica ostenta uma extensão por conta de sua especificidade de criar e ser criada na interação através das configurações lingüísticas e extralingüísticas. Outrossim, a referenciação dêitica direciona maneiras de organizar os enunciados.

Hanks (2008) pontua que “na interação, o corpo do outro é primeiramente um campo de expressões tomado como sendo significativo, não um mero objeto percebido”. De acordo com essa proposição, o corpo daquele que enuncia precisa ser considerado em sua totalidade, não apenas em seus aspectos linguísticos.

Essas assertivas nos conduzem a pensar na referência dêitica não como uma ação de apontar para um referente, mas, sobretudo, para um elemento que considera o processo de referenciação como um recurso constitutivo da interação humana.

De forma bastante semelhante, afirmam Mondada e Dubois (2003):

Não se pode mais, a partir de agora, considerar nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida a priori “no mundo”, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das sequências descritoras em tempo real ajusta constantemente seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujo objetos emergem enquanto atividade discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a esse contexto. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 34)

Conforme foi possível verificar anteriormente, no que tange às reflexões referentes ao enunciado, perceber o sujeito falante em sua totalidade é primaz, ou seja, as semioses apresentadas no momento da enunciação são de grande valia para que seja construído o sentido que se pretende. Neste prisma, considerando a gestualidade como processo semiológico que demanda sentido (LINS, 2003), entendemos que as unidades processadas para a significação são estabelecidas na interação ancorada pelas unidades verbais e não verbais, neste caso, os gestos.

Quando se fala de “representação linguística”, isso não equivale a uma representação lexical, mas deve envolver todas as formas semiológicas, sejam elas, alfabéticas, ideográficas, gestuais, pictóricas, fílmicas etc. Parece duvidoso que haja uma representação que não seja ideográfica (...) . Basta “ler” as propagandas e muitos textos inscritos em locais públicos para constatar que neles a escrita tipicamente lexical não vai além de 50% do que temos que observar para interpretá-los. (MARCUSCHI, 2007, p.33)

Com essa afirmação, podemos perceber que toda interpretação é sempre o resultado de uma inferência em que os processos referenciais não são homomórficos. Trata-se, portanto, de uma intervenção matizada de elementos de diversas categorias que se amalgamam para constituir uma referenciação. Uma vez que a linguagem sempre será uma maneira fragmentada de referir ao mundo, ou nas palavras de Marcuschi “a

língua pode até ser um “trato” da realidade, mas nunca será um “retrato”, pois o que referimos são disposições de um mundo elaborado subjetivamente sob o vértice das experiências individuais e sociais.

De acordo com Marcuschi (2007), a referenciação dêitica pertence ao campo demonstrativo sendo firmado ‘caso a caso’ por intermédio das relações opositivas eu-tu, agora-depois, aqui-lá, que por sua vez serão firmadas através das relações estabelecidas entre os interlocutores e seu espaço enunciativo.

Postulando que a língua como tal não tem uma semântica, já que é indeterminada e os sentidos são situados e interativamente construídos, devemos providenciar uma explicação dos processos de construção referencial. [...] Assim, se fosse querer para os dêiticos o mesmo procedimento referencial para os nomes, deveríamos ter para cada “aqui” e para cada “agora” ou “eu” um nome e com isso precisaríamos de tantos nomes quantos usos. (MARCUSCHI, 2007, p. 75-6)

Marcuschi, confirmando as proposições de Bühler, salienta que a dêixis solicita reflexão quanto ao seu espaço enunciativo e não somente quando ela aponta para o elemento exofórico. Conforme o autor, “a determinação referencial dos dêiticos e das anáforas é uma atividade situada seja na contextualidade, no contexto situacional ou num contexto cognitivo. E isso pode ser percebido para o todo da língua.” (MARCUSCHI, 2007, p. 78)

Ao discorrer sobre a explicitude da língua, Marcuschi também aborda os processos referenciais. Ele pontua que explicitar é ‘criar condições de acesso’, ou seja, é oferecer, através do discurso, condições para que haja uma interpretabilidade pretendida. Para tanto, ele diz que a dinâmica entre a linguagem e o mundo organiza-se mediante ações ligadas socialmente e cognitivamente, ou seja, a linguagem é opaca, não espelha uma dada realidade.

A explicitude é o resultado de uma operação de uso da linguagem e não uma característica da língua ou um dado a priori. A explicitude resulta de uma inserção sócio-pragmática de usuários de uma língua em contextos e não de uma forma imanente à língua como tal. (MARCUSCHI, 2007, p.43)

Com isso, o autor pontua que a explicitude é uma atividade linguística estabelecida através de ações referenciais e inferenciais numa dada situação específica, por ser mediada pelo momento em que o sujeito se coloca no mundo e como se coloca no mundo, na qual através da percepção que será possível atribuir sentido ao pretendido.

Após essa afirmação, percebemos que a referenciação dêitica sustenta um lugar relevante nas reflexões intrínsecas ao contexto, pois ela é uma das formas mais evidentes de que o ambiente enunciativo é absorvido pela linguagem. A referenciação dêitica, percebida enquanto prática interacional, assume o papel de associar o enunciado à enunciação, no entanto, tais elementos não detêm significação por si só, conforme afirmava Hanks (2008).

Observamos que as unidades dêiticas, quando vistas separadas de seu contexto, são unidades de sentido esvaziadas, ou seja, este tipo de referenciação se estabelece como um jogo de orientação que evoca o ambiente enunciativo.

Conforme Hanks (2008),

o campo demonstrativo é também baseado em contexto (inter) subjetivo, entendido em termos da percepção dos falantes, do foco de atenção, da orientação corporal e dos gestos. Deste ponto de vista, a função básica da dêixis em qualquer língua é orientar a atenção subjetiva dos interactantes, que, por sua vez, presume-se que sejam em uma “postura natural”, isto é, bem acordados, com uma percepção de seus corpos, integrando informações sensoriais de visão, da audição e do tato. Assim, a dêixis fornece um sistema básico de coordenadas [...].(HANKS, 2008, p.207)

Com isso, observamos que a intersubjetividade é um elemento primaz para a referenciação dêitica, posto que ela direciona a organização temporal, espacial e pessoal da enunciação.

O ato dêítico de apontar para um objeto no mundo já compõe uma porção significativa de uma fala, pois constata uma ação de reflexão conjunta, ou seja, nos mostra que os interlocutores detêm o ponto de atenção.

De acordo com Tamasello (2008, p.02), o homem, de forma geral, compreende os gestos de maneira natural. Para atestar essa afirmação basta verificarmos que, numa situação interativa, o sujeito falante aponta com o dedo indicador que rapidamente o seu interlocutor irá lançar seu olhar na direção indicada. Para o autor, os aspectos sociocognitivos permitem que se atribua significação para o gesto dêítico.

A referenciação dêitica se estabelece como uma construção relevante do campo dêítico, integrado socialmente à prática referencial, envolvendo as dinâmicas entre objetos e as regras práticas. O sistema linguístico é percebido enquanto componente de circunstâncias sociais, que envolvem as relações do conteúdo, as disposições culturais, as relações entre a experiência humana e o assentamento do significado.

Hanks (2008), ao descrever sobre a importância do contexto, mostra também como o corpo humano, por um lado, ancora o processo comunicativo e, por outro,

constitui um ponto de referência para cada contexto em que ocorrem as práticas comunicativas. A incorporação do campo demonstrativo se dá plenamente em um contexto de referências sociais. A atividade de referenciação se estabelece em uma copresença e por meio da corporificação.

São bastante relevantes as questões dêiticas nos estudos de Hanks, uma vez que ele se vincula às circunstâncias de uso no discurso, e são exatamente os processos interativos que despertam interesse do autor. Abarcamos a perspectiva do autor, uma vez que ele propõe que a referenciação dêitica seja tratada como um campo demonstrativo bastante complexo onde a escolha da unidade dêitica sinaliza para a elaboração do objeto e da circunstância de uso.

O campo dêitico fornece um espaço de posições e de tomada de posições com relação aos objetos e seus valores no campo social incorporado. Explorar o campo dêitico é, portanto, explorar um tipo especial de princípios no interior da fina estrutura da prática comunicativa, um princípio ao mesmo tempo individual e social, cognitivo e corporificado, emergente e durável, lingüístico e não-lingüístico. (HANKS, 2008, p. 26)

Verificamos que as palavras não são estáveis, elas não possuem um significado preestabelecido, por isso, o discurso traz dentro de si uma gama de percepções que podem se relacionar entre si ou não, ou seja, a interação face a face é o contexto primordial para a socialização humana, de modo que se torna o *locus* das análises inerentes à linguagem.

Não há dúvidas de que a referenciação dêitica, além de revelar-nos o contexto, transforma-o, pois ele direciona a atenção dos sujeitos da interação. Por conta disso, interessa-nos a ligação da dêixis com as dinâmicas sociais entre falantes, pois acreditamos que se a língua é essencial para a interação humana, a referenciação dêitica é primordial para a língua por sua aptidão de constituir sujeitos e objetos. Inferimos que refletir sobre a língua enquanto prática social é, sobretudo, perceber como as pessoas se colocam na fala, na escrita e em outros meios.

Uma abordagem da língua a partir da teoria prática foca precisamente as relações entre a ação verbal, sistema lingüístico e outros sistemas semióticos, e as idéias de senso comum que os falantes tem sobre a língua e sobre o mundo social do qual ela é parte. (HANKS, 2008, p. 205)

Corroboramos então da mesma perspectiva que aponta para as expressões como *aqui, ali, isto, aquilo, eu, você* como elementos de um campo único, os quais, para um sujeito realizar um processo referencial, é necessário que ele ocupe um lugar no campo

dêitico, ou seja, a referenciação dêitica é localizada, configurada num determinado tempo e espaço. “Todo campo social é “situado”, na medida em que emerge em um campo de co-presença, este próprio baseado nas orientações mútuas (sensoriais, cognitivas e afetivas) entre indivíduos co-presentes.” (HANKS, 2008, p. 211)

Esse posicionamento se revela, de modo que, ao considerar a fala situada, não somente enquanto uma estrutura gramatical, mas, sobretudo, nos aspectos relacionados às consonâncias de reciprocidade entre os interlocutores, uma vez que as inferências surgem nas circunstâncias de uso da fala. Por isso elas são situadas, porque são produções imediatas, circunstanciadas e não mero exemplo de tipos preexistentes.

A referenciação dêitica ocorre em toda esfera na qual há presença de sujeitos em interação, seja ela em contexto normal ou patológico. De modo que tais unidades indiciais podem se modificar de acordo com a esfera social em que ocorre o discurso, ou seja, ela se ajusta na própria situação de uso e por ser um recurso semiótico genérico, ela se vincula a diversos campos sociais através da incorporação.

As diferenças entre “aqui” e “lá” ou “eu” e “você” podem fazer parte de um campo dêitico geral, porém quando o “aqui” é uma sala de audiência na corte de justiça, o falante um juiz, o destinatário um júri, e o objeto um réu, então o campo jurídico traz todo seu peso para ligar-se ao campo dêitico. Diremos que o campo dêitico está incorporado ao campo jurídico. (HANKS, 2008, p. 213)

Com isso, percebemos a flexibilidade da referenciação dêitica, pois, através da incorporação, o sentido configura-se por meio do contexto usual. É importante salientar ainda que os elementos dêiticos sejam considerados por um grau de abstração, posto que são isentos de informações descritivas. É preciso percebê-los enquanto elementos que variam, ou seja, ainda que um “agora” possa ser evocado referindo a qualquer lugar, o “agora” precisamente será o momento da fala proferida, da mesma forma acontece com o “eu”, qualquer um pode evocá-lo, mas somente se estiver inserido na enunciação. Sendo assim, podemos inferir que os elementos dêiticos, ainda que tenham um sentido genérico, de forma paradoxal eles fazem uma referência bastante precisa ao objeto.

A compreensão do fenômeno dêitico é essencial para a interpretação discursiva, posto que ele se vincula por meio das circunstâncias de uso, eles revelam a incorporação do contexto a tais circunstâncias.

Considerando tais proposições, comprovamos que para que seja efetivado o jogo de significações num dado enunciado, é necessária a absorção da situação de uso, dos

conhecimentos compartilhados, enfim, do contexto como um todo, ou seja, em usos dêiticos, os falantes constroem o contexto. (HANKS, 2008)

Ao refletirmos sobre o sujeito com DA em interação com outros sujeitos, é possível verificar que diversos sistemas constituem a significação. No entanto, para que esses sistemas sejam percebidos é primordial que os interlocutores possuam entre si conhecimentos de mundo compartilhados, para que possam ser construídos os objetos de discurso. Com isso, podemos concluir que a linguagem verbal se constitui num sistema que é estabelecido através das relações entre os sujeitos e entre o sujeito e seu espaço.

4.5 MÃOS QUE ENUNCIAM

Comumente encontramos com pessoas que gesticulam bastante ao falar, ou, ao esquecermos uma palavra enquanto estamos falando, é quase involuntário o surgimento de um gesto que represente a “coisa” que queremos enunciar.

Todas as formas de linguagem, seja ela verbal ou não verbal, apresentam peculiaridades inerentes à cultura a qual está inserida. O uso de determinadas formas de linguagem, portanto, a depender de seu espaço sociocultural, são mais frequentes que outras. Muitas vezes, inconscientemente apresentamos características corporais específicas, no entanto estas estarão atreladas às nossas esferas familiares, sociais, motoras e emocionais.

Segundo Kita (2003), o ato de apontar é um elemento fundamental na comunicação humana, para ele, o gesto é um dos primeiros recursos da comunicação que a criança adquire e também uma conduta que precede alguns dias a evocação da primeira palavra falada.

Levison (1983) salienta que os gestos dêiticos são fundamentais na aquisição da língua materna, ligando-se a situação enunciativa. Similar a essa postura, encontramos Tomasello (2003) que nos informa que a primeira disposição da fala se inicia com o ato de apontar que, posteriormente, dará condições para que o sujeito represente iconicamente, através de seu corpo, objetos e sua posição do espaço, descreva caminho, o que nos sugere que aspectos cognitivos estão presentes nos gestos, impulsionando-nos a inferir sobre a relação estabelecida entre referência e os gestos apresentados na situação enunciativa.

Os gestos chamam a atenção dos interlocutores informando as pistas que eles devem seguir para construir o sentido pretendido pelo enunciador. De acordo com Tomasello (2003), no momento em que percebemos o outro como ser intencional podemos agir com o nosso interlocutor.

Mondada (2005) nos direciona a pensar sobre a relação existente entre o processo de referenciação e os gestos apresentados no curso da fala, uma vez que a autora analisa as práticas de referenciação reveladas através da interação, como orientação do olhar, práticas languageiras, práticas gestuais, entre outras.

A forma que dizemos o mundo, no discurso, é resultado de um trabalho complexo que envolve várias estratégias e negociações, considerando que a fala e os gestos são unidades integrantes de nosso fazer comunicativo, inferimos sobre a emergência de se perceber essas unidades enquanto resultado cognitivo.

A função dos gestos no planejamento e organização da fala precisa ser percebida de maneira mais pungente, pois é quase inconsciente o uso do gesto para representar uma característica de algo que estamos a evocar, e, como consequência, ao gesticularmos no momento de nossa fala, muitas vezes, a palavra que nos faltara vem à tona.

Entendemos o homem como um ser que se movimenta e ao fazê-lo ele apresenta diversas formas de expressões. Entendemos também que a linguagem não verbal, ainda que não contenha palavras, é inundada de sentido, seja através das mãos, do olhar, do movimento da cabeça, etc. De acordo Pereira (2010), é simplório cogitar que a cognição seja um aspecto unicamente interno, simbólico; segundo a autora, a cognição está intimamente vinculada pela ação corporificada²² (*embodiment*), ou seja, mente e corpo mantêm uma relação de interdependência.

O movimento²³ que fazemos ao falar, principalmente das mãos e da cabeça, estão intimamente ligados com a nossa fala no tempo, no significado e na função.

Todo movimento humano, quando nascido do dinamismo expressivo do homem, transforma-se em linguagem. É a corporeidade que se torna palavra. É o gesto que é linguagem *sem possibilidades de se desvincular o movimento gestual do significado*, assim como é

²² O termo ação corporificada é bastante encontrada na Linguística Cognitiva no sentido de corporização, incorporado, no entanto, a primeira tradução de *embodiment* foi o termo corporeidade. Hoje ainda não há um consenso sobre qual termo seria o mais adequado.

²³ Pereira (2010) apresenta numa tabela uma explanação sobre os tipos de movimentos que fazemos a cabeça, olhos, mãos, rosto, assim como posições e movimentos com o corpo, relacionando-os com o nosso fazer comunicativo. Esta tabela foi transcrita e encontra-se nos anexos.

impossível separar a melodia dos sons em uma sinfonia. (MERLEAU-PONTY, 1964 *apud* ALVES, 2012).

Como podemos perceber, o gesto é na atividade corporal visível pelo qual busca-se transmitir significado. Ele se estabelece como um tipo de comunicação não verbal emitido por um sujeito que desfruta da capacidade cognitiva de se expressar. Pode acontecer com ou sem a conformidade da fala, podendo, inclusive, fortalecer a fala ou substituí-la. (HICKSON e STACKS,1985).

De modo geral, a linguagem não verbal começou a ser estudada de forma sistêmica a partir dos anos 50, na esfera da psicologia social, posteriormente, este tipo de linguagem passou a ser estudada por antropólogos e por linguistas.

Segundo Gibbs(2006),

esta abordagem de discurso e gesto supõe que estas atividades comunicativas estão baseadas em processos de pensamento comuns. [...] O gesto e o discurso têm um forte relacionamento recíproco através de processos inteiros de produção de discurso indo da codificação fonológica até a produção de sintaxe, semântica e discurso. Embora a fala e o gesto possam comunicar aspectos diferentes dos pensamentos das pessoas, o acoplamento íntimo dessas atividades sugere que qualquer ruptura em um (p.ex, o gesto) acarretará efeitos negativos no outro (p.ex., o discurso).(GIBBS, 2006, p. 165-166)

Nessa perspectiva, o ato de gesticular é parte intrínseca da função comunicativa do homem, bastante importante porque ao ser utilizado juntamente com a fala forma na unidade competente de enunciado. De acordo com Mc Neill (1992), os gestos implicados durante a fala são convergentes à mensagem do falante, ou seja, eles são criações individuais e espontâneas, semânticas e pragmaticamente coexpressivos que ostentam uma unidade inseparável, tendo por base processo cognitivo.

Ao sustentar o caráter inseparável entre gesto e fala, o autor admite uma perspectiva contrária à psicologia tradicional, que percebia a comunicação verbal e a não verbal enquanto unidade dispersas.

Nesta perspectiva, o gesto é inserido no planejamento da mensagem a ser verbalizada, auxiliando o enunciador a evocar o léxico e, principalmente, ajudando-o a ser compreendido. Dessa forma, inferimos que o gesto é uma unidade do ato comunicativo, que, articulado com a fala, forma um elemento bastante interessante de enunciado, isto é, ao falar, o sujeito lança mão dos gestos de maneira espontânea,

estabelecendo-se como uma atividade semântica e pragmática de sentido que compõe um fato dentro do processo cognitivo.

Desde os meados da década de 90, muito tem sido investigado sobre os gestos, direcionando-nos a perceber a relevância do gesto dentro da enunciação. Segundo Mc Neill (1992), os movimentos que fazemos com as nossas mãos ao falarmos estão intimamente ligados com a nossa fala. Ignorar os gestos é também ignorar um elemento da enunciação. Ao considerar o processo interativo entre fala e gesto, inferimos que esses elementos compõem o processo de construção, pois a enunciação mobiliza os objetos do discurso através de propriedades referenciais, constituídos não somente pela linguagem verbal, mas também através dos gestos apresentados em sintonia com a fala.

Apontar é uma atividade humana e é um dos primeiros mecanismos que a criação usa para estabelecer comunicação, de modo que, com o passar do tempo, tornar-se-á num refinado processo de representação.

Os gestos dêiticos²⁴ são percebidos enquanto gestos demonstrativos que acompanham a fala, normalmente apostando para uma entidade concreta, tendo como objetivo esclarecer o enunciado. Ao apontar, o enunciador busca chamar a atenção ou localizar, o que normalmente é acompanhado de advérbio de lugar, pronomes pessoais ou demonstrativo. Este tipo de movimento tem uma função coesiva, pois eles podem unir partes do enunciado que se encontram rompidas. A manutenção de determinados gestos durante a fala assegura a coesão do enunciado que, muitas vezes, por algum motivo, apresenta-se descontinuado, além do uso repetido do gesto no mesmo local/ponto no espaço, a repetição de algumas características físicas gestuais pode ajudar a estabelecer a coesão do discurso (MCNEILL, 2000).

Dessa forma, entendemos que a reflexão sobre a relação entre a fala e o gesto nos permite perceber as estratégias que lançamos mão para conseguirmos construir sentido e continuidade dentro da enunciação.

4.6 A DÊIXIS COMO MARCA DA SUBJETIVIDADE

Ao considerar que toda a língua está sujeita a ser enunciada, os elementos dêiticos apresentam-nos como aspectos de maior figuração da situação enunciativa. Nessa perspectiva, tornar-se sujeito se configura com um ser de/na linguagem, em que

²⁴ Mc Neill (1992) adota uma tipologia para categorizar seus experimentos sobre os tipos de gestos, os tipos são: dêitico, icônico, metafórico e rítmico. No entanto, nesta pesquisa, apenas interessam-nos os gestos dêiticos.

aquestão da significação não está vinculada na estrutura do que foi dito, mas, sobretudo, pelo aspecto idiossincrático de existir um indivíduo que profere um enunciado dentro de um contexto em um dado momento.

Cabe aqui salientar que a teoria benvenistiana apresenta familiaridade com as proposições de Vygotsky, quando este, assim como aquele, concebe a linguagem enquanto atividade sobre o pensamento, a cultura e a história, “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” (BENVENISTE, 1966, p.48). Desta forma, ambos não concebem a linguagem enquanto instrumento de comunicação, mas como mecanismo de sobrevivência.

Se nos colocamos que à falta da linguagem não haveria possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de todo significar. Pela amplitude desta definição pode-se medir a importância que deve caber à significação (BENVENISTE, 1974, p.222).

O aspecto constitutivo que Vygotsky pontua entre a linguagem e cognição por certo possibilita uma característica de similitude aos postulados de Benveniste, cuja instância se ancora na reflexão sobre os processos de significação e as dinâmicas estabelecidas na esfera enunciativa.

Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de ontem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva (...) Para entender a fala de outrem não basta entender duas palavras – temos que compreender o seu pensamento, mas nem isso é suficiente- também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de ter atingido esse ponto.(VYGOTSKY,1987,p.130)

Verificamos com esse excerto, que, para Vygotsky, o processo de significação é uma ação imprecisa, ou seja, a significação aconteceria dada às circunstâncias contextuais e cognitivas dentro de uma atividade em curso.

Entendemos que Benveniste busca pensar sobre os aspectos referentes à dinâmica que se estabelece na produção de sentido, salientando a importância de se pensar não apenas na forma.

Eis que surge o problema que persegue toda lingüística moderna, a relação forma: Sentidos, que muitos lingüistas queriam reduzir à noção única de forma sem porém, conseguir, libertam-se do seu correlato, o Sentido. O que se tentou para evitar, ignorar, ou expulsar o Sentido? É inútil essa cabeça de medusa esta sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam. (BENVENISTE,1966, p. 134-135)

Entretanto, é na acuidade do outro e do contexto enunciativo na construção de sentido que Benveniste desenvolve sua teoria acerca dos pronomes pessoais e das instâncias discursivas como índices de subjetividades. As proposições deste linguista partem de uma reflexão que apresenta o homem na língua, ou seja, um sujeito que fala e um sujeito que escuta, mostrando o papel do falante da linguagem na existência do homem.

No modelo semiótico, Benveniste (1966) salienta o que determina o próprio signo linguístico, constituindo-o como unidade.

Todo estudo semiológico, em sentido restrito, consistirá em identificar as unidades, em descrever suas marcas distintivas e em descobrir os critérios cada vez mais sutis da distintividade. Dessa forma, cada signo será chamado a afirmar sempre e com maior clareza sua própria significância no seio de uma constelação ou em meio ao conjunto de signos. Tomado nele mesmo, o signo é puramente idêntico a si mesmo, pura alteridade em relação a qualquer outro, base significante da língua, material necessário da enunciação. Existe quando é reconhecido como significante pelo conjunto de membros da comunidade linguística, e evoca para cada um, a grosso modo, as mesmas associações e as mesmas oposições. Tal é o domínio e o critério do semiótico. (BENVENISTE, 1974, p 65)

O outro nível apresentado pelo linguista é semântico. Este modelo recorre ao universo da enunciação e ao mundo do discurso. Nesta esfera, o elemento linguístico não se franqueia às partes fragmentadas, mas, sobretudo, como instâncias que apresentam particularidades de cada unidade, é exatamente através da composição e disposição das unidades no enunciado que é possível produzir significação.

Os problemas que aqui se colocam são função da língua como produtora de mensagem. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz sentido, é, ao contrário, o sentido (o “intencionado”), concebido globalmente, que se realiza e se divide em “signos” particulares [...]. O semântico toma necessariamente a seu encargo o conjunto de referentes, enquanto o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda referência. A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação. (BENVENISTE, 1974, p. 65-6)

Diante do exposto, podemos perceber que o autor apresenta a língua em duas instâncias, uma com repertório de signos passível de combinações, e outra enquanto atividade manifestada nas instâncias da enunciação, efetivadas como tais por relações próprias. É importante salientar que, para Benveniste, mesmo que a significação se apresente nesses dois níveis, a referência enunciativa pertence ao âmbito semântico, “é a

semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação”, pois para ele a referência é o próprio uso da língua.

4.7 BENVENISTE NA REFLEXÃO SOBRE O FUNCIONAMENTO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO DO SUJEITO COM DA

Para finalizar as considerações acerca da teoria benvenistiana sobre a dêixis, acredito que nos compete, aqui, informar sobre a escolha destes postulados para abordar a fala de um sujeito acometido pela Demência de Alzheimer.

Avalizamos essa teoria por ela assumir que a organização do sistema linguístico se estabelece dentro dos processos enunciativos de forma singular e irrepetível, pois a todo o momento em que um enunciado é proferido se revelam (explicitamente ou não) as condições de espaço, tempo e pessoa. E, considerando cada ser humano único, as situações enunciativas também são únicas: “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação.” (BENVENISTE, 1996, p.84)

O sujeito coloca a língua em funcionamento através de um ato individual de utilização, e é de fato esse aspecto individual que nos permite refletir sobre a linguagem num contexto fora do habitual, pois, se um sujeito com problemas de cunho linguístico-cognitivo pressupõe uma forma única de se apresentar na língua, é indiscutível que essa forma revelará o próprio funcionamento linguístico-discursivo desde sujeito. Como afirma Benveniste (1974, p. 84), “a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interna”, ou seja, o ato de falar e de se posicionar enquanto sujeito vai se estabelecer num jogo de formas específicas utilizadas por este sujeito cujo papel é colocá-lo em relação constante e necessária com sua enunciação e com o outro.

Numa entrevista concedida no ano de 1968, Benveniste pontua sobre a peculiaridade de cada coisa, de cada sujeito:

A sociedade é uma estrutura: encontramos nela os elementos em um certo agenciamento; temos homens e mulheres de diferentes idades, em diferentes situações, em diferentes classes; conseqüentemente temos aí já as identidades e diferenças que permitem construir um jogo, e a primeira característica de um jogo é que as peças sejam em número limitado; em seguida é necessário que cada elemento seja outra coisa que o outro: que padre seja outra coisa que trabalhador e trabalhador outra coisas que soldado e assim por diante. (BENVENISTE, 1974, p. 33)

Sobre esse aspecto, consideramos que somente uma teoria que postula o homem na fala será capaz de fornecer suporte para abordar as singularidades apresentadas por um sujeito dentro de um espaço enunciativo, ou seja, ao considerar as proposições teóricas de Benveniste, podemos refletir sobre o falante não ideal, percebendo suas idiossincrasias como uma forma deste sujeito se apresentar na língua. Em outras palavras, considerando as peculiaridades de cada sujeito na língua é possível refletir acerca do funcionamento da linguagem de um sujeito demenciado, considerando-o como único.

CAPÍTULO V: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises dos dados retirados de recortes da narrativa da história de vida do sujeito MP. Discorremos sobre a constituição do sujeito através da linguagem, considerando esta como prática social, que tem na língua a sua realidade material. Para tanto, ancoramo-nos na Teoria da Enunciação postulada por Benveniste e na Linguística Textual. Abordamos sobre a importância da dêixis como categoria essencial na efetivação do enunciado por entendemos que ela se constitui de elementos da língua, próprios da enunciação, pois refere-se ao contexto discursivo.

Vejamos as sequências abaixo:

Situação enunciativa-discursiva 02-03-12

A pesquisadora e MP estão conversando sobre o tempo em que ele trabalhava na roça. MP se apresenta bastante entusiasmado em relatar sua vida, principalmente sobre o tempo em que morava em Jaguaquara, cidade em que morou e que fica cerca de 60 km da cidade de Jequié, onde mora há 50 anos.

Quadro 2: ‘Eu já esqueci de tudo’

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
1	MP	Já trabalhei muito em roça’ de vaqueiro		
2	InESSA	Foi mesmo? Onde?		
3	MP	Aqui em Jaguaquara		Direciona a cabeça para o seu

				norte e balança, informando a direção
4	InESSA	Em Jaguaquara? Tem quanto tempo isso?		
5	MP	Uns cinco' dez anos		
6	InESSA	Dez anos?		
7	MP	Eu já esqueci de tudo' eu não me lembro mais de nada		
8	InESSA	É mesmo? Qual a idade do senhor?		
9	MP	Oitenta e pouco		
10	InESSA	hum'está novo ainda' está todo fortão aí		
11	MP			MP sorri
12	MP	Tu num sabe nada não que é nova' num sabe nada não		Balança a cabeça em sinal de afirmativa
13	InESSA	Mas eu estou aqui para aprender com o senhor		
14	MP	Eu já esqueci de tudo tudo		

No decorrer da conversa, à primeira vista, é possível perceber um problema de localização espacial, pois o senhor MP se posiciona como se ainda morasse em Jaguaquara, o que torna confuso o seu relato. Tal situação, conforme Cavalcante (2012), solicitará de seu interlocutor um esforço cognitivo para compreender aquilo que o sujeito pretende dizer.

Todavia, nessa transcrição, ainda que seja possível observar que o sujeito MP refere-se à cidade de Jaguaquara como se ela fosse um elemento contextual, ou seja, como se ele falasse estando no próprio lugar, mas ao direcionar a sua cabeça para o seu norte, entendemos que ele sabe que a cidade de Jaguaquara não faz parte do seu contexto enunciativo, mas de uma localização próxima aos interlocutores e que ambos conhecem. Diante disso, podemos verificar que o gesto empregado por MP serve de âncora em sua fala aparentemente confusa, pois, através dele, sua interlocutora consegue atribuir sentido a sua fala.

O sujeito MP apresenta dificuldades de orientação temporal, pois ele tem 79 anos, e ao ser indagado sobre sua idade, ele informa que tem 'oitenta e poucos'. Esse comportamento é bastante comum em sujeitos com DA, uma vez que problemas relacionados à atenção e memória são características que se apresentam desde o início da doença. No entanto, MP parece ter consciência de que aquilo que ele fala pode não estar correto, pois, conforme verificamos no turno 7, – *eu já esqueci de tudo' eu não me lembro mais de nada* – com essa afirmativa ele demonstra saber da existência de sua

dificuldade em lembrar. Pode-se analisar esse fato considerando a dêixis de memória²⁵ postulada por Apotheloz (1995), todavia, nesta pesquisa, o foco é a dêixis postulada por Benveniste (eu-aqui-agora).

Outro fato bastante interessante encontramos no turno 12 – *tu num sabe nada não que é nova' num sabe nada não* – neste turno MP, ainda que saiba de sua dificuldade, tenta de forma implícita a sua valorização enquanto sujeito falante, pois com sua fala podemos entender que para ele a sabedoria vem com a idade. Conforme afirmou Preti (1991), todo relato de história está impregnado de uma carga emocional e também contextual, por isso ao tentar uma autovalorização, MP marca-se como sujeito na enunciação.

Contudo, quanto ele é convocado a apresentar sua ‘sabedoria’ ele se esquivava, usando sua dificuldade como mecanismo de defesa, como no turno 14 – *Eu já esqueci de tudo tudo* –, repetindo a palavra ‘tudo’ com o objetivo de fortalecer sua afirmativa.

Nesse aspecto, lembrar se configura num processo contínuo de reelaboração dos fatos, sempre levando em conta as circunstâncias que permeiam a enunciação. O falar de si é uma maneira bastante eficiente para construir uma ponte entre o passado e o presente, ao reelaborar determinadas situações vividas, MP, através do fulcro cognitivo, constitui-se enquanto sujeito da linguagem revelado através do caráter subjetivo estabelecido pela narrativa de cunho autobiográfico

No quadro abaixo, apresentaremos um recorte da transcrição da situação interativa que aconteceu no mesmo dia. Neste momento, MP e a pesquisadora falavam sobre a época em que ele trabalhou na estrada de ferro.

Quadro 3: ‘O trem passava para Jaguaquara’

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
15	InESSA	Meu avô trabalhou na estrada de ferro' é de sua época' quando os trilhos passavam pela cidade' talvez o senhor o conheceu'		
16	MP	Eu ia' eu ia' eu ia lá no::: no: na hora que o trem passava eu ia lá		

²⁵ Apotheloz (1995) designa ‘deixis de memória’ explicando que o referente evocado é tão evidente para o enunciatador que é como se já tivesse sido mencionado no contexto. O destinatário tem a impressão de que a informação lhe é imediatamente acessível, não obstante se tratar de um processo referencial *in absentia*.

		no:: esqueci o nome do lugar' o trem passava para Jaguaquara		
17	InESSA	Então o senhor deve ter conhecido meu avô		
18	MP	Você num lembra' num lembra de nada		
19	InESSA	Não lembro não porque não sei' mas o senhor vai me ensinar não é?		
20	MP	((silêncio))		
21	MP	Patópatópatópatópató		Faz movimentos com a mão mostrando como o trem andava sobre os trilhos
22	InESSA	De que o senhor lembra mais?		
23	MP	Eu me lembro de muita coisa		
24	MP	((silêncio))		Olha para o chão

Conforme afirma Marcuschi (1991), é comum o idoso usar estratégias para permanecer no curso de sua fala e manter-se enquanto sujeito social. No caso de MP, ele usa pausas e hesitações na esperança de conseguir evocar a palavra que lhe falta no momento. Verificamos no turno 16 – *Eu ia' eu ia' eu ia lá no::: no: na hora que o trem passava eu ia lá no:: esqueci o nome do lugar' o trem passava para Jaguaquara* – que, em decorrência das questões referentes à memória, ele apresenta tais estratégias que, por se encontrarem em momentos inadequados de uma fala, deixam-no inseguro. Conforme pontuou Preti (1991), as hesitações e pausas na fala do idoso não são compatíveis com o tempo de articulação, ou seja, as pausas e hesitações irão aumentar no decorrer da idade, no entanto, o tempo esperado por seu interlocutor não será o mesmo, isto é, o interlocutor normalmente acredita que o sujeito idoso deva enunciar como um sujeito jovem enuncia, causando, muitas vezes, impaciência ao interlocutor.

Ao perceber sua dificuldade, MP retoma a cidade de Jaguaquara como âncora para se manter na enunciação, tal cidade é para ele um porto seguro no tocante a sua fala, por se tratar de um lugar bastante significativo em sua história de vida. Bosi (1979) afirma que a própria linguagem dará amparo ao idoso, pois nela estará imbricada sua bagagem histórica e cultural. É exatamente isso que ocorre com MP. Sua fala lhe ancora, marcando sua trajetória de maneira singular. E, conforme Morato (2000), o processo de referenciação se estabelece num *continuum* constituído pela linguagem, interação, cognição e pensamento.

É importante salientar que, ainda que esses recursos sejam bastante comuns no texto falado, na fala do sujeito com DA, normalmente eles ganham destaque em sua narrativa por conta da quantidade apresentada.

No turno 18 – *Você num lembra' num lembra de nada* – mais uma vez MP busca sua valorização enquanto sujeito, que, por ter vivido muito, detém mais sabedoria. Ao ser indagado pela investigadora sobre a possibilidade dele ensiná-la suas vivências, MP silencia. No entanto, como não consegue encontrar o léxico para apresentar sua sabedoria, MP gesticula de maneira pantomímica mostrando como o trem caminhava na estrada de ferro, pois, como não lhe é possível evocar o léxico pretendido, ele precisa buscar nos gestos a forma mais perfeita para representar sua fala, pois será através do seu gesto que tudo será dito e, possivelmente, sua intenção enunciativa será elucidada. Esse recurso é uma atividade bastante complexa, que solicita um amparo cognitivo bastante refinado para que seu objetivo seja atingido. Com isso, MP consegue se manter no fluxo discursivo, construindo objeto-de-discurso através de mecanismos referenciais como os gestos.

Situação enunciativa-discursiva 03-04-12

A pesquisadora, após cumprimentar o senhor MP, é convidada a sentar. Após sentar-se, ela o informa que tem algumas coisas interessantes em seu notebook para mostrar a ele – tratam-se de imagens referente às situações vividas por MP em momentos já relatados por ele.

Quadro 4: ‘As trenhadas’

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
24	InESSA	trouxe umas coisas para o senhor ver no computador		Abre a mochila e mostra o notebook
25	MP	você já gosta de andar com isso, né? com essas trenhadas toda		
26	InESSA			(risos)
27	MP	tenha cuidado viu' quem vê assim diz' ali tem dinheiro		Aponta para a mochila
28	InESSA	atrás de dinheiro eu também estou', e quem não está?		
29	MP	e quem não está?		

Podemos observar, no turno 25 – *você já gosta de andar com isso né? com essas trenhadas toda* – , que MP emprega a dêixis pessoal você (tu) e a dêixis de lugar

isso e *essa* de forma competente²⁶. Ele se posiciona enquanto *eu* em dupla instância: o *eu* enquanto aquele que enuncia a presente instância do discurso que contém *eu*, ou seja, aquele que profere o enunciado e, por isso, constitui o *tu* como indivíduo alocutário presente na instância de sua fala. Ele profere também o *eu* enquanto referente, pois, ao proferir *isso/essas* está referindo a um objeto que está longe de si, mas próximo de seu alocutário. Pontuamos também que a palavra ‘trenhadas’ não aparece despropositadamente, pelo contrário, ela tem um caráter reforçador da referenciação, uma vez que o processo referencial se estabelece como um conjunto de informações que subsidiam a enunciação na construção de objetos de discurso. Em outras palavras, o interlocutor consegue encontrar sentido no que MP fala, graças às unidades dêiticas e por considerar o conhecimento partilhado entre ambos.

Verificamos que, neste recorte, MP demarca as instâncias do discurso (*eu/tu*) ancorando nos pronomes demonstrativos (*isso/essas*) para estabelecer seu enunciado. É possível perceber que o *eu* proferido é uma instância implícita, mas, conforme Benveniste (1966), pouco importa se essas formas estejam implícitas no discurso, o que importa é que são categorias da linguagem que se relacionam com sua posição na linguagem.

Situação parecida pode ser verificada no turno 27 –‘*tenha cuidado viu’ quem vê assim diz ali tem dinheiro*’ –, quando o sujeito MP, ao se reportar a pesquisadora, deixa também de forma implícita as instâncias do discurso (*eu/tu*), MP introduz também o marcador discursivo *assim* que, além de organizar sua produção de fala, apresenta-se carregado de deiticidade. Não é possível entender o uso do termo sem olharmos para a enunciação, o ‘*assim*’ remete a uma situação específica, ou seja, a situação em que a interlocutora está de posse de um notebook, um objeto que dentro da esfera social de MP representa riqueza. Nesse trecho, os objetos de discurso foram construídos através do contexto enunciativo em que ambos se encontram, em outra situação não seria possível tal entendimento.

No turno 29 –‘*e quem não está?*’ –, MP apresenta uma repetição da fala da pesquisadora. Considerando o sujeito MP como portador de Demência de Alzheimer, em que, para a tradição neuropsicológica, a repetição no contexto demencial é conhecida como ecolalia, bastante comum desde a frase inicial da doença,

²⁶Segundo Koch (2002, p. 53) a competência discursiva dos falantes/ouvintes aponta para o que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais. Para a autora, essa competência estimula a diferenciação de determinados gêneros de textos, portanto, há o conhecimento, pelo menos indutivo, de estratégias de construção e interpretação de um texto.

caracterizando-se quando o indivíduo repete uma questão ou uma ordem que lhe é proposta em lugar de respondê-la (LEBRUN, 1983; CANÇADO, 1994). Dentro desta perspectiva, o sujeito acometido por demência, comumente apresenta em sua fala repetições de seus interlocutores, percebidas como uma fala sem autoria. Todavia, corroboramos com Marcuschi (1992), pois entendemos a repetição como um traço fundamental da língua falada, concebido como um recurso bastante eficaz na construção do texto. Para o autor, essas marcas funcionam na organização intencional e são de suma importância para o texto dialógico.

Podemos verificar que a repetição do enunciado assume um caráter reforçador. MP não repete para apenas se manter no fluxo enunciativo-discurso, mas para ratificar a fala da interlocutora.

Esse tipo de repetição tem uma carga intencional, pois permite que os elementos repetidos não apresentem o mesmo significado do que é repetido, ou seja, ainda que haja uma repetição total dos elementos, o significado nunca será o mesmo, pois a repetição possibilita a intensificação do que foi dito. No trecho citado, ao repetir, MP assume o papel de condutor do curso discursivo.

MP, ao incorporar a fala da investigadora, não só a aprova, mas também a reforça. Esse reforço transluz a condição de envolvimento entre os interlocutores, estabelecida no processo interativo.

Situação enunciativa-discursiva 17-04-12

Na transcrição abaixo, o senhor MP narra a sua história de vida, retomando as lembranças de quando morava na cidade de Jaguaquara.

Quadro 5: Ali/láem Jaguaquara

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
30	MP	não' trabalhei com o finado Jonas' ali em Jaguaquara' você conhece?	Os interlocutores conversam numa varanda da casa de MP	MP aponta para seu lado direito
31	InESSA	conheço' Jaguaquara é a terra da onça		
32	MP	a feira era ali' agora tá sendo lá embaixo		MP aponta novamente para seu lado direito
33	InESSA	ali onde?		Gesticula, ao perguntar

34	MP	era ali' agora ta lá lá lá (+) esqueci o nome do lugar onde tem a feira		Olhar perdido
35	InESSA	lá em Jaguaquara?		
36	MP	sim' mudou dali aquela feira' era muito apertada ali aquilo ali		Fecha as mãos
37	InESSA	é porque antigamente a cidade era menor' não era?		
38	MP	mas era muito apertadinho' por (inteligível) fartura agora a feira agora é lá		Fecha as duas mãos mais uma vez
39	InESSA	seu irmão morava lá' não era?		
40	MP	morava lá em Rio Preto aí veio aqui para Jaguaquara' todos dois' todos dois moravam aí		Aponta primeiro para o seu lado direito e posteriormente para o chão da varanda em que acontece o diálogo.

No decorrer da conversa, é possível perceber um problema de localização espacial, pois o senhor MP algumas vezes se posiciona como se ainda morasse em Jaguaquara, o que torna confuso o seu relato, no entanto, o gesto apresentado nos mostra que há significação. No entanto, é possível estabelecer uma situação enunciativa, de modo que o senhor MP se posiciona como sujeito ao enunciar.

Observamos que os turnos 30 – ‘*não*’ trabalhei com o finado Jonas’ ali em Jaguaquara’ você conhece?’ – e 32 – ‘a feira era ali’ agora tá sendo lá embaixo’ – ao proferir o advérbio de lugar *ali*, MP se refere a cidade de Jaguaquara com o objetivo de reforçar a localização, informando implicitamente que a referida localização não está próxima das instâncias do discurso eu/tu. Trata-se então de uma localização próxima de outrem, ou seja, de algo/ alguém que não se apresenta na enunciação.

Tomando como referência básica o *eu*, MP, ao enunciar o *ali* para localizar a cidade de Jaguaquara, consegue apresentar-nos uma vizinhança espacial através de uma distância relativa ao locutor e ao alocutário.

É importante salientar que as significações dêiticas apresentadas não se dão de forma exclusivamente verbal, a gestualidade acontece concomitantemente à fala do enunciador, ou seja, os gestos apresentados ao proferir os turnos 30 e 32 ratificam as informações apresentadas.

Hanks (2008) pontuou que o corpo do outro é a primeira esfera de expressões significativas, ou seja, o corpo de MP precisa ser considerado como um todo

significativo, em que as estratégias de referenciação se sustentam através de elementos linguísticos e extralinguísticos. Desse modo, podemos coligir sobre a importância dos gestos no processo enunciativo dos sujeitos com DA, pois a referenciação não verbal, além de acompanhar, complementa a fala do enunciador, facilitando o seu entendimento.

No turno 34 – *era ali' agora tá lá lá lá (+) esqueci o nome do lugar onde tem a feira* –, a situação não verbal já nos mostra a insegurança da fala de MP. Embora ele assinale em seu enunciado “*era ali agora, tá*” marcando o tempo e o espaço em seu enunciado, favorecendo ao seu interlocutor a localização da referência, MP não dá continuidade a sua fala. Ele busca se ancorar na repetição como mecanismo de reorganização do enunciado e escolha do léxico, no entanto, ao constatar que não consegue ter acesso ao elemento que procura, o sujeito assume a sua dificuldade em relação a sua memória, ou seja, ele tem consciência da existência de um déficit de memória, no entanto, ele consegue se posicionar enquanto sujeito da linguagem.

Outrossim, também cabe aqui considerar o aspecto daquilo que Benveniste chamaria de “aparelho formal da enunciação” que considera que a “enunciação é estecolocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, dessa forma, conforme Benveniste (1974), essa maneira individual de utilizar a língua deve considerar as condições de produção desse sujeito, em nosso caso, um sujeito acomedito pela DA.

No turno 36 – *sim' mudou dali aquela feira' era muito apertada ali aquilo ali-* –, o ‘dali’ e ‘ali aquilo ali’ observados na fala de MP, mesmo com certa estranheza na escuta, podemos perceber que o dali (contração da preposição *de* com o advérbio de lugar *ali*) relaciona-se novamente à proximidade relacionada a uma não pessoa, ou seja, o ‘dali’ informa uma localização de algo/alguém que não se constitui como instância do discurso.

No mesmo instante que é proferido o enunciado, o sujeito MP, mais uma vez, lança como recurso o próprio corpo, nesse caso as mãos, para ratificar a informação apresentada, visto que, ao enunciar sua fala, utiliza de mecanismos não verbais para confirmar aquilo que diz, dando-lhe mais crédito.

Dessa forma, é possível constatar que, num contexto patológico ou não, as inferências que acontecem numa interlocução estão relacionadas ao contexto sociocultural, pois todo enunciado é sempre dialógico, em outras palavras, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém, se não acontecesse dessa

forma, o diálogo seria uma ponte sem sustentação do outro lado, seria apenas um conjunto de monólogos. Nessa perspectiva, pensamos que o estudo do enunciado é bastante interessante não apenas como mecanismo para entender o funcionamento da linguagem do sujeito com DA, mas para refletir sobre a constituição do sujeito.

No turno 38 – *mas era muito apertadinho' por (inteligível) fartura agora a feira agora é lá –*, ao analisarmos este trecho, podemos verificar que o termo *agora* se repete na fala. No entanto, se considerarmos apenas os estudos das ciências médicas, concluiríamos que o ato de repetir se constituiria como uma disfunção do processamento de memória e/ou problemas referentes a acesso lexical. No entanto, sabendo que todo enunciado é único, proferidos por sujeitos únicos, talvez seria insensível de nossa parte refletir somente sobre essa perspectiva.

Numa perspectiva da linguística enunciativa-discursiva, tratam-se de estratégias constitutivas da própria linguagem oral. Não podemos negar a existência de uma enorme complexidade referente ao processo construtivo do texto oral, uma vez que o objetivo do enunciador é produzir sentido a fim de permitir uma interlocução mediante a interação.

É possível verificar que o peso das palavras *agora* apresenta-se diferente, ainda que tenha sido repetida seguidamente por MP. O primeiro *agora* traz uma carga dêitica bastante interessante, ele funciona como uma referência dêitica que não aponta somente para o momento presente, mas para uma reflexão ao momento passado, ou seja, MP, ao proferir o *agora*, sustenta o passado apresentado pela forma verbal 'era'. Dessa forma, o sujeito MP marca-se enquanto sujeito remetendo ao passado e ao presente, simultaneamente, esse comportamento que tem caráter reconstrutivo (ABRAHÃO, 2006), pois permite ao sujeito reconstruir sua história, permitindo que MP reelabore de forma consciente o curso de sua vida.

O segundo *agora* também apresenta peculiaridades, ele possibilita um deslocamento em relação ao referente temporal, no entanto, desta vez projeta-nos ao tempo futuro, isto é, poderíamos substituir esse *agora* por 'a partir de então'. Inferimos que o valor da referência dêitica temporal *agora* está ancorado na própria enunciação através dos objetos de discurso construídos pelos interlocutores.

É importante pontuar que o processo interativo é uma atividade de cunho social e é intrínseco do texto falado, configurando-se num processo dinâmico evidenciado por contingências sociocognitivas de sua produção. Segundo Koch (2005), as especificidades do texto falado sempre foram concebidas através do princípio ideal da

escrita, o que corroborou para uma visão preconceituosa da fala. Diante disso, verificamos que, se no contexto tido como normal, há existência de preconceitos referentes à fala, o que poderíamos dizer de uma fala no contexto patológico? Conforme afirma a autora, o texto falado se constitui no próprio fazer, ou seja, ele é planejado ao passo que é proferido, situação bastante diferente do texto escrito. Portanto, a descontinuidade do fluxo de discurso é pertinente a essa modalidade e está vinculado a fatores de ordem cognitivo-interacionais.

Na contramão dos estudos tradicionais referentes às características da Demência de Alzheimer, e considerando as noções peculiares do funcionamento da linguagem, principalmente do texto falado, não podemos considerar que as repetições sejam uma peculiaridade desta doença. Claro que não negamos a existência das repetições no contexto patológico, muito pelo contrário, sabemos que ela existe e se faz presente a todo instante, mas não concebemos apenas como um sintoma, mas sim como uma estratégia carregada de significados, com a finalidade de promover a produção de sentido por parte do interlocutor, através da interação verbal.

No turno 39 – *morava lá em Rio Preto aí veio aqui para Jaguaquara’ todos dois’ todos dois moravam aí* –, é possível verificar a existência de uma confusão localizacional por parte de MP. Ao proferir o dêitico *lá*, referindo-se à cidade de Rio Preto, o sujeito consegue apresentar uma localização fora do espaço enunciativo, ou seja, um espaço distante daquele que fala e daquele que escuta, o que torna bastante compreensível esse momento de fala. No entanto, quando se refere à cidade de Jaguaquara, ele faz uso do advérbio de lugar *aqui*, como se estivéssemos naquela cidade. Essa vicissitude pode se apresentar como uma peculiaridade na DA, pois a degeneração hipocampal deflagra esse tipo de dificuldade.

Partindo do pressuposto de que todo ato enunciativo tem um *eu* como referência, encontramos certo grau de estranheza na fala de MP. Entendendo que a própria enunciação solicita as categorias de pessoa, tempo e espaço, podemos verificar a instabilidade do uso do *aqui* por trazer a tona o elemento *eu* de maneira implícita, localizando-o no espaço informado, nesse caso, na cidade de Jaguaquara.

Sabendo que se tratava na verdade da cidade de Jequié, observamos uma confusão referente a sua localização, pois, ao informar o ‘*aqui em Jaguaquara*’, ele dá suporte a sua fala, usando o dêitico não verbal apontando para o local onde encontram-se os interlocutores. Nesse turno, podemos verificar a ocorrência de três referências dêiticas produzidas por MP (*lá-aqui-aí*), conjugadas com semioses não verbais.

Considerando o *lá* como referência a uma localização daquele que fala e escuta, *o aqui* tendo como referência o enunciador e o *aí* pertencente ao espaço próximo ao interlocutor, inferimos que nesse momento o sujeito MP de fato acredita que está na cidade de Jaguaquara, fato bastante intrínseco para sua situação de demência.

Concebemos que a cidade de Jaguaquara tem grande importância em sua história de vida, pois tal situação se repete em outros momentos, como apresentaremos a seguir.

Situação enunciativa-discursiva 23-04-12

Na transcrição abaixo, o sujeito MP fala sobre seu irmão que faleceu, informando que esse foi alfabetizado, mas que ele (MP) não gostava de estudar.

Quadro 6: Fiquei bestando aí

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
41	InESSA	morreu idoso' mas não tava doente não?		Balança a cabeça em sinal de negação
42	MP	morreu de repente' por remédio ele não tinha morrido não a médica tratou tratou trouxe para cá para dentro de casa mas não teve jeito' quando tem que morrer		Levanta as duas mãos e os ombros
43	MP	esse nasceu no Sul		
44	InESSA	em qual cidade?		
45	MP	ah(+++) morava com a mãe' a mãe mudou trouxe aqui para Jaguaquara e botou ele na escola		Aponta para a cena enunciativa
46	InESSA	e o senhor não foi para escola não?		
47	MP	fiquei bestando aí' fizemos uma roça lá com meu pai		Aponta para rua acenando para os lados direito e esquerdo.
48	MP	É nossa mas nós não pode meter mão não temos dinheiro		
49	InESSA	daí vocês saíram de lá		
50	MP	o meu pai achou feito parar aqui parar cá		Olhar distante
51	InESSA	para cá onde? qual lugar vocês foram?		
52	MP	para o sul veio aqui para Jaguaquara' ele faleceu aí no		Aponta para sua direita

		sul aqui em Jaguaquara		
53	InESSA	Hum		Balança a cabeça em sinal de afirmação
54	MP	acabou tudo, mas pelo menos criou os filhos né?		

No turno 42 – *morreu de repente' por remédio ele não tinha morrido não a médica tratou tratou tratou trouxe para cá para dentro de casa mas não teve jeito' quando tem que morrer* –, o sujeito MP consegue efetivar-se em sua competência enquanto falante, posicionando-se como enunciador, ou seja, ele se apresenta como referência dêitica – o origo (BUHLER, 1939) –, para marcar o advérbio de lugar *cá* ao referir-se a sua própria casa, pois o *cá* refere-se ao local próximo daquele que enuncia. Da mesma forma que em enunciados anteriores, ele faz uso de outra semiose, nesse caso o gesto, para complementar sua fala.

MP ao elevar suas mãos e seus ombros com o intuito de dizer que nada pode ser feito diante da situação em questão, permite-nos verificar que o gesto, enquanto mecanismo semiótico imbricado a questões culturais, consente que o interlocutor faça determinadas inferências, pois os gestos, assim como o sistema linguístico, são componentes de contingências sociais relacionadas às experiências humanas e ao seu assentamento no tocante à produção de sentido.

No turno 45 – *ah (+++) morava com a mãe' a mãe mudou trouxe aqui para Jaguaquara e botou ele na escola* –, mais uma vez MP traz à tona a cidade de Jaguaquara como o ambiente no qual ele se encontra. Primeiramente, ele faz uma hesitação em sua fala, como estratégia discursiva, ou seja, ele faz uma pausa na sua fala buscando evocar e organizar aquilo que pretende dizer. Na sequência, ele apresenta o *aqui* como a cidade de Jaguaquara. Tal situação é confirmada com o ato de apontar para a cena enunciativa. Essa disposição possibilita que o material gestual rompa com qualquer ambiguidade que o dêitico verbal possa permitir, ou seja, para MP, naquele momento, ele se encontrava na referida cidade, uma vez que o gesto utilizado aponta para o objeto de discurso além de circunscrever a significação pretendida.

No turno 47 – *fiquei bestando aí' fizemos uma roça lá com meu pai* –, o sujeito MP faz uso de duas marcações dêiticas *aí* e *lá*. Um fato bastante interessante é que o *aí*, embora empregado como localização da segunda pessoa, ao interpretarmos a enunciação, percebemos que o *aí* sinaliza para um lugar abrangente, em outras palavras, o dêitico *aí* usado habitualmente para designar o espaço inerente à segunda pessoa

verbal, enquanto instância do discurso, nesta situação enunciativa, não se limita mais a demarcar o espaço específico do *tu*, mas inclina-se a apontar para um lugar indeterminado, ainda que consiga expor um espaço que não se configura como distante do enunciador.

Tal reflexão é permitida pelas instâncias enunciativas construídas através do próprio contexto atrelado ao discurso, conforme afirma Marcuschi e Koch (2005), o conhecimento partilhado é fundamental no processo de interpretação referencial, pois a palavra inserida no texto falado atrelado ao contexto enunciativo possibilita a produção de sentido. São dessa forma que são construídos os objetos de discurso.

Conforme Mondada (2005), esses aspectos são extremamente importantes para que o processo de significação seja efetivado e para que o enunciador alcance as intenções pretendidas. Outrossim, o *lá* apresentado no mesmo turno também tem uma significação bastante significativo, pois poderá ter um sentido bastante distintivo, ao passo que também pode ser percebido enquanto elemento anafórico no momento em que recupera a cidade de Jaguaquara outrora mencionada, no entanto, o mesmo *lá* não deixa de ser um elemento dêitico de espaço ao deixar implícito o posicionamento do enunciador no momento da situação enunciativa.

No turno 50 – *o meu pai achou feito parar aqui parar cá*–, fica visível uma confusão localizacional, todavia, mesmo causando estranheza àquele que escuta o enunciado, percebemos que a escolha dos dêiticos *aqui* e *cá* não aconteceu de forma aleatória. O *aqui*, enquanto advérbio de lugar, designa uma localização próxima do falante (eu) assim como próximo dos interlocutores (nós), de todo modo, a referência do eu fica implícita neste enunciado, da mesma maneira com o dêitico *cá* que pode referir-se ao espaço relativo ao enunciador (eu) ou a um espaço comum aos interlocutores (nós). Todavia, o *cá* pode ser bastante genérico quando não possibilita demarcar com precisão a distância que se estabelece entre o enunciador, não permitindo assim que este aponte para um determinado local. Verifica-se então que o *cá* faz referência à terra ou à região em que o pai de MP resolveu morar.

É importante salientar que o termo *feito*, utilizado por MP, é expressão bastante característica na região em que MP morava. Esse termo apresenta o sentido de “ser bem feito, proveitoso”, ou seja, o pai de MP acreditara que seria uma conduta interessante ganhar a vida morando em diversos lugares. Isso ratifica nossa conjectura de que as escolhas lexicais feitas por MP não são aleatórias, mas sim imbricadas de sentidos, pois fazem parte de sua história de vida.

No que se refere ao turno 52 – *para o sul veio aqui para Jaguaquara' ele faleceu aí no sul aqui em Jaguaquara* –, mais uma vez MP se mostra confuso em seu enunciado, ocasionando dificuldade de entendimento ao seu interlocutor. Novamente, a cidade de Jaguaquara aparece como sua localização espacial, no entanto, os dêiticos *aqui* e *aí* proferidos pelo sujeito, apesar de normalmente se apresentarem como princípio de localização espacial dos interlocutores, todavia, quando observamos o aspecto não-verbal, verificamos que seu enunciado faz sentido, pois embora ele empregue o *aqui* ele aponta em direção ao sul.

Conforme postulou Mondada e Dubois (2003), o sentido de um enunciado se completa nas negociações estabelecidas entre os interlocutores através da interação, onde está associada a atividades extralinguísticas que podem ser decisivas para o processo de referência. Desse modo, ao verificarmos os aspectos não-verbais (os gestos), constatamos que o sentido das unidades dêiticas encontradas no turno 52 é abrangente, pois ao apontar para seu lado direito, MP aponta para a região sul. É importante salientar que a cidade de Jaguaquara encontra-se na região centro-sul da Bahia (conforme mapa em anexo), ou seja, as escolhas lexicais de MP não aconteceram de forma aleatória.

No turno 54 – *acabou tudo mas pelo menos criou os filhos, né?* – é possível verificar os valores atribuídos à criação dos filhos. Para ele, conseguir criar seus filhos é tão importante para o homem que, perder o pouco que se tem é o que menos importa. É importante considerarmos que toda esfera social é situada (HANKS, 2008) e, portanto, são respaldadas em suas orientações afetivas, cognitivas e sócio-históricas. Esse posicionamento nos revela que é necessário perceber a fala situada na sua circunstância de uso, pois ela não é um modelo preexistente, mas sim uma produção imediata e singular, carregada de subjetividade e construída em parceria entre interlocutores.

Situação enunciativa-discursiva 25-04-12

Na transcrição abaixo, o sujeito MP fala sobre o período em que se mudou para a cidade de Jequié, cidade em que mora até hoje. Ele relata sobre o trabalho árduo na construção da Barragem de Pedra, enquanto operário da construção civil.

Quadro 7: ‘o mangagá era certo’

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de	Observações de condições do
-------	------------------	-------------	--------------------------------	-----------------------------

			produção do enunciado verbal	enunciado não verbal
55	MP	Trabalhão aquele		
56	InESSA	O senhor trabalhou na barragem por quanto tempo?		
57	MP	ôxe (+++) eu nem me lembro mais' mas o mangagá era certo		Mexe o polegar e o indicador direito, fazendo o gesto de dinheiro

No turno 57 – *ôxe (+++) eu nem me lembro mais' mas o mangagá era certo* – o sujeito MP apresenta novamente problemas de localização temporal. Ele não consegue lembrar qual o período em que trabalhou na Barragem de Pedra e introduz um segmento parentético, relembrando que o *mangagá* era certo. Nesse momento, a fala de MP mais uma vez causa estremeza para sua alocutária, pois dada as circunstâncias referentes à idade e situação sociocultural, ela não consegue, *a priori*, atribuir sentido. Todavia, ao observar o gesto que MP faz, rapidamente é possível atribuir sentido à fala dele, ou seja, culturalmente, em nosso país, assim como tantos outros, é universal a forma de se referir a dinheiro através dos movimentos entre o dedo indicador e polegar.

A descontinuidade é bastante frequente, não só na fala do idoso, mas como na língua oral de forma geral. A mudança de foco que ocorre na fala de MP encontra sua coerência na própria enunciação através da gestualidade, que, além de ter um caráter coesivo, apresenta-se como introdutor de um novo tópico (KOCH, 1992).

Com esse comportamento, inferimos que MP busca no fulcro cognitivo um recurso que seria de fácil entendimento para que a sua alocutária atribuisse sentido a sua fala, pois, através do conhecimento partilhado, eles conseguem construir em parceria mais um objeto de discurso.

É importante salientar que o recurso parentético, por ter característica de trazer uma informação paralela de relevância para aquela situação, é bastante profícuo para MP, pois, ao perceber que não consegue responder a pergunta da investigadora, de imediato ele usa essa estratégia a fim de que, com a mudança do tópico ele consiga se manter no seu fluxo de fala e permanecer em sua posição de sujeito da linguagem.

Situação enunciativa-discursiva 02-05-12

Na transcrição abaixo, o sujeito MP relata sobre uma situação trágica em que ele ouviu alguém falar, mas que ele não sabe dizer quando o fato ocorreu.

Quadro 8: 'se não me engano'

Turno	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre condições de produção do enunciado verbal	Observações de condições do enunciado não verbal
58	MP	Se não me engano eu vi um povo dizer que mataram um por ali' ali perto de onde vende bebida		Aponta para sua rua na direção de um bar
59	InESSA	Que dia? Hoje?		
60	MP	Ou foi sábado ou foi domingo' isso aqui é perigo viu?	Tom de dúvida	Eleva os ombros
61	InESSA	Por isso que não pode vacilar		
62	MP	Eu como não saio (++) vou só comprar uma coisa ou outra que Adélia manda' é uma bebezão desgraçada' vem gente de lá vem gente de cá' ali enche, viu? O bar do rapaz' nem lá eu vou		

Podemos verificar que o MP é bastante perspicaz em sua fala. Ele inicia o turno 58 – *Se não me engano eu vi um povo dizer que mataram um por ali' ali perto de onde vende bebida* – informando sobre a possibilidade de sua informação poder não ser verdadeira. Com isso MP busca ser abonado de qualquer equívoco referente à sua memória, ou seja, ele tem consciência de que tal problema se faz presente em sua fala, além de conseguir manter-se em seu discurso. Na sequência, ele apresenta dificuldade para evocar a palavra 'bar', mas recorre ao eixo paradigmático, responsável pela seleção de palavras que, ao se combinarem no eixo sintagmático, forma enunciado. Sendo assim, ao submeter sua intenção – *bar-* à sua fala - *onde vende bebida* -, MP lança mão de um processo alternativo de significação frente à seleção pretendida.

Neste momento, para ratificar sua intenção ele usa o gesto dêitico como suporte para sua fala apontando em direção ao estabelecimento. O ato de apontar é um procedimento bastante eficiente para MP, pois trata-se de um comportamento coexpressivo que ostenta sua função comunicativa, estabelecendo seu enunciado enquanto unidade competente de sentido.

Através dos recortes apresentados, foi possível verificar a dinâmica do funcionamento linguístico-discursivo do sujeito MP, buscamos apoio numa perspectiva sócio-cognitiva da linguagem, considerando como extremamente relevante para a produção de sentido a construção dos referentes através das trocas e pistas fornecidas pelos interlocutores, ou seja, os objetos do discurso foram sendo construídos no decorrer do próprio discurso dos interlocutores, permeados pelo conhecimento de mundo que ambos compartilharam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar este estudo, gostaria de expor o quanto foi fascinante adentrar nos estudos da referenciação dêitica como mecanismo para constituição do sujeito com demência de Alzheimer. Com esta pesquisa, pudemos entender um pouco mais sobre o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito acometido pela DA, assim como contribuir para que sejam desatados nós no que tange à preconceitos sobre a linguagem desse sujeito, pois inferimos que o sujeito acometido pela DA, em segunda fase da doença, faz uso das formas e estratégias linguísticas como a referenciação dêitica, repetições e de gestos como todo e qualquer falante de nossa língua nativa.

Nessa perspectiva, foi possível apresentar outra percepção, diferente da cunhada pela Neurolinguística Tradicional e pela Neuropsicologia, sobre as peculiaridades comunicativas do sujeito com DA em situação comunicativa. Nosso posicionamento ancora-se numa visão de língua enquanto elemento social, construído no discurso, pelo discurso. Esse posicionamento repousa nas proposições benvenistianos por entender que a língua e o sujeito se constituem mutuamente através dos processos enunciativos. Dessa forma, a dinâmica do sistema linguístico, assentada naquilo que foi dito, abriga o processo enunciativo-discursivo e fomenta a constituição do sujeito da linguagem.

No que tange ao processo de referenciação apresentado pelo sujeito MP, os objetos do mundo aos quais seu discurso fez referência foram construídos dentro do próprio discurso, através do relato de sua história de vida, cunhada pela enunciação. Tal fato confirmou nossa hipótese de que o relato de história de vida permite ao sujeito pensar sobre si e sobre o mundo e que a referenciação dêitica não pode ser encerrada apenas como uma classe de palavras, mas, sobretudo, como sítio de processos interativos que se configuram de modo efetivo na produção de sentidos por aquele que, por dificuldades de evocação de palavras, faz uso significativo desse recurso para dar curso ao fluxo do que pretende dizer.

Embora a repetição e a gestualidade não tenham sido o foco dessa dissertação, não podemos deixar de pontuar que o sujeito com DA utiliza-as como suporte para estabelecer um *continuum* discursivo, no caso de MP essas estratégias muitas vezes vinham acompanhadas de elementos dêiticos, ou seja, conforme pontuamos anteriormente, existe uma gama de semioses que se ancoram entre si para promover a constituição de sentido e marcar a presença do sujeito na língua.

Através dos dados encontrados, inferimos que uma das formas mais representativas da subjetividade do homem na linguagem são as marcações dêiticas, pois os elementos dêíticos somente existem no momento em que o indivíduo toma para si esses elementos através da necessidade de se posicionar enquanto sujeito falante. Trata-se, de maneira geral, de elementos verbais enunciativos-discursivos que permitiram referência de um *eu* (MP) face ao *tu* (a interlocutora) em determinado momento e lugar. Esse processo nos forneceu suporte para compreendermos sobre o funcionamento linguístico-discursivo numa atividade narrativa do sujeito com DA.

No que se refere à apreciação da referenciação dêítica na esfera demencial, percebemos a relevância do contexto no qual a situação enunciativa-discursiva está inserida, uma vez que a dêixis não é uma categoria fechada. Os elementos dêíticos precisam ser qualificados de acordo com a situação de uso. Por conta disso, a referenciação dêítica se apresentou como eixo para nosso estudo.

A reflexão sobre constituição do sujeito na linguagem e pela linguagem deve ser orientada pela atividade linguística do falante, no *eu/aqui/agora* da enunciação, considerando as variáveis que abalizam as condições de produção, percebendo a enunciação como uma situação única, pois em toda esfera enunciativa suas condições de produção serão sempre irrepetíveis, em que cada instância do discurso, institui-se como referência, de modo que, através das negociações sociocognitivas, o sentido é construídos.

Concluimos que a narrativa de história de vida do sujeito MP se apresentou bastante rica no tocante à reflexão sobre o funcionamento linguístico discursivo em contexto com demência de Alzheimer. As unidades dêíticas são incidentes neste contexto, estabelecendo-se como recursos linguísticos e, principalmente, como mecanismo de marcar a subjetividade do falante, uma vez que, ao ancorar seu enunciado com marcações temporais e/ou espaciais, o sujeito se apresenta como o origo enunciativo, ou seja, como sujeito falante.

A interação estabelecida entre a pesquisadora e o sujeito de estudo, assim como as reflexões destes sobre a fala do outro na produção de sentido, foram precípuas para que este estudo fosse desenvolvido. Diante do exposto, inferimos que o material verbal que ancora a referenciação dêítica, assim como a repetição e a gestualidade (ainda que secundários nesse estudo) enquanto recursos discursivos, são lugares de emergência acerca da produção de sentido e, conseqüentemente de marcação de subjetividade do

sujeito MP que, consideramos o seu modo de estar na língua, apresentou-se enquanto sujeito da linguagem de forma competente.

Não foi possível, evidentemente, esgotar nesta dissertação todas as possibilidades de estudo e compreensão dos processos subjacentes aos dados encontrados na narrativa de história de vida apresentado pelo sujeito MP. Por meio deste estudo transversal, acreditamos que algumas respostas foram possíveis, no entanto, tantas outras demandarão estudos mais intensos.

Espero, com esta pesquisa, ter contribuído para a compreensão do processo de referenciação dêitica, apresentado por um sujeito acometido pela DA, enquanto mecanismo enunciativo-discursivo para manter-se no fluxo discursivo e, conseqüentemente, constituir-se enquanto sujeito da linguagem.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

ALVES, Fátima. *Psicomotricidade: corpo, ação e emoção*. Editora Wak, 5º edição, Rio de Janeiro, 2012.

APOTHHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. CAVALCANTE, Mônica Magalhães et. al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1929.

_____. *Estética da Criação Verbal*. 2 ed. S.P.: Martins Fontes, 1975.

BALLONE GJ- *Depressão na Doença de Alzheimer*- in. PsiqWeb Psiquiatria Geral, Internet, 2004. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

BASTOS, A., *O discurso narrativo na doença de Alzheimer*. Dissertação de mestrado não publicada, curso de pós-graduação em Neurociências. Universidade estadual de Campinas, SP, 2000.

BAYLES, K. A., TOMOEDA C. K. & M. W., *Naming and categorial knowlledge in Alzheimer's Disease: the process os semantic memory deterioration*. Brain and language, 39, 1990.

BEILKE, H. M. B. *Linguagem e memoria na doença de Alzheimer: contribuições da neurolinguística para a avaliação de linguagem*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística geral I*. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1966.

_____. *Problemas de lingüística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1974.

BERTOLUCCI, P.H.F. Instrumentos clínicos para avaliação do paciente demenciado. In: ALMEIDA & NITRINI. *Demência*. São Paulo: Fundo Editorial BYK, 1995.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória*. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BÜHLER, Karl. *The deictic field of language and deictic words*. In: R. J. JARVELLA e W. KLEIN (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1934.

CANÇADO, F. *Noções práticas de geriatria*. Belo Horizonte: Coopermed; 1994.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARAMELLI & ROSEMBERG. *Neuropatologia das demências primárias*. In: ALMEIDA & NITRINI. *Demência*. São Paulo: Fundo Editorial BYK, 1995.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: contexto, 2012.

_____. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011.

COUDRY M.I H., *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Diário de Narciso - Discurso e Afasia* - Ed. Martins Fontes, 2001.

_____. *Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística*. Cadernos de Estudos Lingüísticos, 42, Campinas, 99-129, 2002

_____. *Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução*. Revista Estudos da Língua(gem) 6, n. 2, 2008.

COUDRY M.I.H. & MORATO, E.M. *Processos de significação: a visão da Neurolinguística*, in: *ABRALIN*, 13, São Paulo, 59-73, 1992.

CRUZ, F. Miranda da. *Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da Neurolinguística*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2004.

FONSECA, F. I. *Dêixis, tempo e narração*. (Tese de doutorado). Porto: UP, 1989.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICA, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. *Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas*. Cadernos de Saúde Pública, 24 (1): 17-27, jan., 2008.

FRANCHI, C. *Linguagem – Atividade Constitutiva*. in Almanaque, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977.

FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*, Madri, Biblioteca Nueva, 3 tomos, 4. ed., 1981.

GIBBS, R. W. *Embodiment and cognitive Science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Tradução de Ana Christina Bentes, Marco Antônio Rosa Machado, Marcos Rogério Cintra e Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.

HICKSON, M. & Stacks, D. *Nonverbal communication studies and applications: Electronic Version*. Dubuque: Wm. C. Brown, 1995.

IZQUIERDO, I. *Memória*. Porto alegre: artMed, 2002.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

JUBRAN, C.C.A.S e KOCH, I. G.V., *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol I- Construção do Texto Falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KITA, S.; ÖZYÜREK, A. What does cross-linguistic variation in semantic coordination of speech and gesture reveal? Evidence for an interface representation of spatial thinking and speaking. *Journal of Memory and Language*, v. 48, p. 16-32, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins, Fontes, 2006.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Referenciação e orientação argumentativa*. In: KOCH, I. V.; MORATO, E.M. & BENTES, A.C. Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V., & CUNHA-LIMA, M. L.. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. *Introdução à Lingüística – Fundamentos Epistemológicos*. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

LABOV. Where does the linguistic variable stop? A responde to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, nº 44. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978.

LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEBRUN, Yvan. *Tratado de Afasia: temas de cursos e congressos*. São Paulo: Panamed, 1983.

LESSA, I. *O adulto brasileiro e as doenças da modernidade: epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998.

LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LINS, Osman. *Os gestos*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

LURIA, A.R., *Fundamentos de Neuropsicologia*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

LYONS, J. *Language and Linguistics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Análise da conversação*. 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções*. 1992.

Tese (Livre Docência) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1992.

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- MÁRMORA, C.H.C. *Linguagem, afasia, (a)praxia: uma perspectiva neurolingüística*. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP, 2002.
- MESULAM, M.-M. *Aging, Alzheimer's Disease, and Dementia: Clinical and Neurobiological Perspectives*. In: M.-M. Mesulam (ed.). *Principles of Behavioral and Cognitive Neurology*. 2^a ed. Oxford, Oxford University Press, pp. 439-522, 2000.
- MINAYO, M. C. S. O. *Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- McNEILL, D. *Gesture and Thought*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1992.
- _____. *Language and gestures*. Chicago/London: University of Chicago Press, 2000.
- MONDADA, L. e DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência*. In: CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B., CIULLA, A. (Org.). *Referência*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONDADA, Lorenza. *Gestion du topic et organisation de la conversation*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 7-36, jul./dez. 2007.
- MONTEIRO, P. P. *Envelhecimento: Rumo ao Novo Paradigma*. *Revista Kairós*, São Paulo: Educ, n. 3, p. 53-61, 2000.
- MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição – As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.
- _____. *As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social*. In: LOPES, F.; MOURA (Org.). *Direito à fala – a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.
- _____. *Neurolingüística*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. Ed. Cortez, 2001. V. 2.
- _____. *Metalingüagem e referência: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais*. In: KOCH, I.G.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A. C. (Ed.). *Referência e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MORATO, E. M. (org), et al. *As afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (CCA)*. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

MORATO, E.M. & COUDRY, M.I.H. *Digressão e confabulação na afasia: as formas marginais do dizer*, in *Estudos Linguísticos XXI*, Jaú, 1992.

NASCIMENTO, J. C. & CHACON, L. *Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação*, Alfa, São Paulo, v. 50 n.1, p.59-76, 2006.

NITRINI, R, Machado LR. *Condutas em neurologia* 1993. São Paulo: Clínica Neurológica HC/FMUSP, 1993.

NITRINI, R.; BACHESCHI L. A. *A neurologia que todo médico deveria saber*.2º ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

OLIVEIRA, C. C. C.; STIVANIN, L. A nomeação de figuras e o acesso lexical na demência de Alzheimer: um estudo de caso. *Distúrbios de Comunicação*, São Paulo, v.17, n.3, p.359-364, dez. 2005.

OLIVEIRA, M. K.de;REGO, T.C.; AQUINO,J.G. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Proposições*. Campinas-SP, v.17, n.2 (50), p.119-138, maio/ago, 2006.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. *Os gestos das mãos e a referenciação: investigação de processos cognitivos na produção oral*. Tese de doutorado. UFGM, 2010.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

SACKS, O. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

SAMPAIO, N.F.S. *Alguns aspectos relacionados ao funcionamento da linguagem no envelhecimento*. *Revista Discursividade*. n. 7, dez. 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, 1975.

SALOMÃO, Margarida. *A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem*. *Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos*. Juiz de Fora. Vol. 3,1999.

TALMELLI, L.F.; GRATÃO, A.C.M.; KUSUMOTA, L.; RODRIGUES, R.A. *Nível de independência funcional e déficit cognitivo em idosos com doença de Alzheimer.*

Rev Esc Enferm USP, São Paulo, v.44, n.4, p. 933-939. 2010.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente.* São Paulo: Editora Martins Fontes, 1939.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas.* São Paulo: Abril Cultural, 1956.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB

Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística

Campus: Vitória da Conquista, Estrada do Bem-querer km 04, s/n, Zona Rural

Tel. (77) 3425 9395

CEP: 45 083 - 900 – Vitória da Conquista – Bahia – Brasil

(O presente termo em atendimento à Resolução 196/96, destina-se a esclarecer ao participante da pesquisa)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um projeto de pesquisa chamado **“Demência de Alzheimer: A constituição do sujeito através da referenciação dêitica”** desenvolvida com sujeito com Demência de Alzheimer.

Ao trabalhar com você gostaríamos de informar, primeiramente, que sabemos que a Demência de Alzheimer é uma doença neurodegenerativa, ou seja, que trata-se de um problema progressivo e irreversível que afeta o cérebro, desencadeando dificuldades relacionadas principalmente a memória e linguagem, e por isso estamos cientes que poderá haver dificuldades no seu acompanhamento.

O trabalho visa investigar a linguagem em funcionamento de um sujeito com Demência de Alzheimer em meio a efeitos característicos de uso social da linguagem.

Dessa forma, estaremos desenvolvendo com você atividades orais que possibilitem o conhecimento mútuo e interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa (sujeito com Alzheimer e pesquisadora), através de narração de história de vida, apresentação de pessoas mediante fotografias, além de comentários sobre fatos de interesse dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Esclarecemos que, ainda que remota, haverá possibilidade de desconforto e riscos para você, como por exemplo, excesso de exposições de dados coletados em eventos científicos, assim como o desconforto durante a coleta ao ser solicitado determinadas informações. Dessa forma, durante a coleta de dados caso você se sentir desconfortável em alguma situação poderá interromper a qualquer momento a sessão. Salientamos que temos a responsabilidade de prestar todos os esclarecimentos necessários antes de iniciarmos a pesquisa, nos colocando também a sua disposição durante o curso desses encontros para sanar quaisquer dúvidas que por ventura venha surgir. São garantidos sigilo e privacidade de todas as informações confidenciais colhidas durante a pesquisa.

Cabe esclarecer que é garantida a você a liberdade de se retirar do projeto por motivos de sua vontade. Informamos também que não será concedido nenhum ressarcimento ou indenização decorrente da participação no projeto.

Eu, _____, aceito livremente participar do estudo intitulado “Demência de Alzheimer: A constituição do sujeito através da referenciação dêitica” desenvolvido pela pesquisadora Emanuelle de Souza Silva Almeida da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Nome do Participante	Polegar direito do participante
_____	
Nome da pessoa ou responsável legal	

COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu discuti as questões acima apresentadas com o participante do estudo e seu responsável legal. É minha opinião que o indivíduo entenda os riscos, benefícios e obrigações relacionadas a esta pesquisa.

_____ Jequié, Data: ___/___/___

Assinatura do Pesquisador

Fone: (73) 8827 5330

Para maiores informações, pode entrar em contato com:

Ivone Panhoca (orientadora) Fone: (19) 9979 7817

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (co-orientadora) Fone: (77) 3425 9395

Tabela desenvolvida por Pereira (2010) para explicar sobre os tipos de movimentos e o fazer comunicativo.

Os gestos e a linguagem não-verbal

Gestos	Características
Cabeça	Os movimentos de cabeça são indicadores do andamento de uma interação. Os acenos de cabeça são sinais não verbais muito rápidos, mas perceptíveis. Um aceno de cabeça de quem ouve é entendido por quem fala como um sinal de atenção, desempenhando um papel de reforço e encorajamento para a continuação da fala.
Olhos	A frequência, a duração, e a ocasião de um olhar são fatores que permitem enviar mensagens sobre o relacionamento entre duas ou mais pessoas. Ao estabelecermos contato visual com o outro, ele irá de alguma forma sentir-se incluído na conversa, ao mesmo tempo que podemos excluí-lo da conversa, eliminando o contato visual. Um olhar transmite uma série de atitudes, desde um comportamento passivo por meio de um olhar evasivo, ou um olhar direto e terno que pode indicar carinho, consideração, entre outros.
Mãos	Estes gestos podem executados por uma ou duas mãos. É a categoria de gesto com maior ocorrência devido à habilidade e precisão da mão humana em adquirir um grande número de configurações claramente perceptíveis. Os movimentos de mãos que fazemos quando falamos são fortemente interligados com nossa fala no tempo, no significado e na função. Ignorá-los é ignorar uma parte da conversação. Daí a importância que se atribui à língua de sinais, que não será tratada aqui.
Posição do corpo	Um dos aspectos importantes da comunicação não-verbal é a postura. Esta designa modos de nos movimentarmos, sendo algo que vai se adquirindo com o tempo e com os hábitos. Este sinal é em grande parte involuntário, mas pode participar de formas importantes de comunicação. Em todas as culturas existem muitas formas de estar deitados, sentados ou de pé e posturas variadas que correspondem a situações de amizade ou de hostilidade, bem como posturas que indicam em estado ou condição social, entre outras.
Movimento do corpo	A maneira como um indivíduo estrutura seu micro-espaco é feita de forma inconsciente, sendo esta uma questão sempre relacionada com a situação, o ambiente e a cultura.
Expressão facial	O canal privilegiado de expressar as emoções é o rosto. Todos nós temos uma série de máscaras e movimentos faciais que utilizamos de acordo com aquilo que queremos transmitir. As expressões faciais desempenham diversas funções, tais inerentes à interação em curso e à manifestação de aspectos típicos da personalidade de um indivíduo.

MAPA DO ESTADO DA BAHIA

